RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 27/04/2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

LETÍCIA GONÇALVES ALFEU DE ALMEIDA

PARA FALAR COM DEUS:

Jean Gerson e o ensino da contemplação aos simples

(França, séculos XIV e XV)

FRANCA
2018

LETÍCIA GONÇALVES ALFEU DE ALMEIDA

PARA FALAR COM DEUS:

Jean Gerson e o ensino da contemplação aos simples

(França, séculos XIV e XV)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", *campus* de Franca, como pré-requisito para a obtenção do Título de Doutor em História. Área de Concentração: História e Cultura.

Orientador: Prof.ª Dr.ª Susani Silveira Lemos França

FRANCA
2018

Almeida, Letícia Gonçalves Alfeu de.
Para falar com Deus : Jean Gerson e o ensino da contemplação aos simples (França, séculos XIV e XV) / Letícia Gonçalves Alfeu de Almeida. – Franca : [s.n.], 2018.

381 f.

Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
Orientadora: Susani Silveira Lemos França

1. Teologia -- História -- Idade Média, 600-1500. 2. Literatura devocional.3. Contemplação. I. Título.

CDD –273.6

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Andreia Beatriz Pereira – CRB8/8773

LETÍCIA GONÇALVES ALFEU DE ALMEIDA

PARA FALAR COM DEUS:
Jean Gerson e o ensino da contemplação aos simples
(França, séculos XIV e XV)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", *campus* de Franca, como pré-requisito para a obtenção do título de Doutor em História.

Área de Concentração: História e Cultura
Linha de Pesquisa: História e Cultura Social

Banca examinadora:

Prof.ª Dr.ª Susani Silveira Lemos França (presidente)
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/ campus *Franca)*

Prof. Dr. Gabriel de Carvalho Godoy Castanho
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dr. José Carlos Estêvão
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Leandro Alves Teodoro
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/ campus *Franca)*

Prof. Dr. Ricardo Alexandre Ferreira
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/ campus *Franca)*

Franca, 27 de abril de 2018.

Para meu marido,
Cleiton

AGRADECIMENTOS

A concretização desta pesquisa foi possível graças a uma série de condições e contribuições, a começar pela estrutura proporcionada pela Universidade Estadual Paulista desde meu ingresso em 2006, e em especial ao imprescindível suporte financeiro concedido pela Capes e pelo CNPq.

Aos envolvidos diretamente nesse processo, comunico primeiramente minha profunda gratidão à orientadora deste trabalho, Susani Silveira Lemos França, pelo seu exemplo de dedicação, seriedade e amor ao ofício. A ela devo todo o meu amadurecimento ao longo de uma década, da graduação ao doutorado, e sou também grata por propiciar, ao lado do professor Jean Marcel C. França, um ambiente tão estimulante e fértil de produção e troca de conhecimento, a mim e a meus colegas, sem o qual jamais teria alcançado algum êxito em minhas pesquisas. Também deixo aqui meus agradecimentos aos professores que participaram dos exames de Qualificação e Defesa, José Carlos Estêvão, Gabriel de Carvalho G. Castanho, Leandro A. Teodoro e Ricardo A. Ferreira, pela prontidão e generosidade em contribuir com sugestões e apontamentos tão valiosos. Aos colegas Rafael Gonçalves, Danielle Mércuri, Thiago Alvarado, Clara Braz, Rodolfo Cruz, Waslan Araújo, Fernando Santos, agradeço toda a atenção, seja nos seminários de tese, nos encontros em eventos ou em demais conversas enriquecedoras, e que fizeram deste trabalho o resultado de um esforço conjunto.

Dedico um agradecimento especial a alguns colegas e amigos. À amiga Simone Ferreira Gomes de Almeida, que com todo cuidado revisou este trabalho, obrigada por toda a atenção acolhedora, pelos momentos aprazíveis em que me inspirou com seu raciocínio perspicaz, ampliando meus caminhos na pesquisa e minha forma de ver o mundo. Ao Leandro Alves Teodoro, sou grata por toda a atenção e auxílio desde meus primeiros passos no mestrado. Também agradeço à Michelle Souza e Silva que, com sua solicitude habitual, foi uma presença marcante nesta trajetória. Declaro ainda todo o meu carinho a outras preciosas amizades, sempre próximas mesmo à distância, Mariane Nishi, Camila Savegnago, Letícia Begalli, Suryah Silva, Rodrigo Pedroso, Flávio, Cairo Silva, Liara Paulino.

Aos meus pais, Ana Maria e Ramiro, agradeço por me confortarem emocionalmente com a alegria e o bom humor característicos e me inspirarem com seus exemplos de perseverança, trabalho e honestidade; em uma palavra, pela vida que dedicaram totalmente a nós. À minha irmã, Laísa, agradeço todo o companheirismo, amizade e admiração sincera que me dedicou em todos os momentos e que para sempre desejarei retribuir de alguma forma.

Também agradeço aos meus queridos sogros, Raquel e João, pelo carinho e cuidado com que preencheram de algum modo a distância de minha família, e também às queridas Mariângela e Maria Vitória Aguilla. Não posso deixar de expressar também meu agradecimento aos demais familiares que me incentivaram em meus estudos, Sibélia, Claudinei, Noême, e principalmente a meus tios Erivaldo e Noramir, que não puderam acompanhar-me até aqui.

Por fim, e tão importante, a meu marido e amigo, Cleiton Aguilla, pessoa a quem dedico este trabalho e que confere sentido a tudo o que faço. Agradeço pelo carinho e incentivo diários, pela paciência infinita, pela preocupação em acompanhar meus progressos e dificuldades, cobrando-me disciplina, em suma, pelos esforços incansáveis em me auxiliar e fortalecer.

ALMEIDA, Letícia Gonçalves Alfeu de. *Para falar com Deus*: Jean Gerson e o ensino da contemplação aos simples (França, séculos XIV e XV). 2018. (381 f.) (Doutorado em História – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2018.

RESUMO

No início do século XV, o chanceler da Universidade de Paris, Jean Gerson (1363-1429), tomava a iniciativa de escrever textos religiosos em francês, destinando-os àqueles que não eram iniciados no latim e não possuíam formação teológica – os "simples" como ele os designava. Nos tratados *La Montaigne de Contemplation* e *La Mendicité Spirituelle*, o teólogo arriscou tratar do estágio mais elevado da experiência espiritual cristã: a possibilidade de contato direto entre o devoto e Deus na vida temporal, a "contemplação". Com isso, alargava para o mundo dos iletrados um assunto antes restrito ao dos monges, teólogos e dos letrados que dispunham de acesso à escrita latina – que até então encerrava o saber sobre aquele modo excepcional de relação com o divino. A proposição não nova, mas reformulada em um contexto de ampliação das práticas devotas e de redefinição dos saberes, com a concorrência das universidades, é o alvo desta pesquisa. Com foco nesse modelo de devoção proposto pelo teólogo francês, o trabalho examinará o papel de tais ensinamentos num momento em que, nas regiões urbanas do reino da França, as práticas devocionais apresentavam uma grande vitalidade, com interesse cada vez maior pelas formas de aproximação pessoal com Deus. Trata-se de interrogar que tipo de condutas e práticas Jean Gerson almejava para os homens e mulheres comuns do reino, e em que medida foi possível destinar-lhes, naquela altura, um modelo e um método de devoção contemplativa, isto é, fundados na meditação, no silêncio e no recolhimento.

Palavras-chave: Jean Gerson – práticas devocionais – saber universitário – teologia medieval

ALMEIDA, Letícia Gonçalves Alfeu de. *To talk to God*: Jean Gerson´s teaching of contemplation to the unlearned (France, fourteenth and fifteenth centuries). 2018. (381 f.) (Ph.D. in History) – Faculty of Human and Social Sciences, São Paulo State University, Franca, 2018.

ABSTRACT

In the early fifteenth century, the chancellor of the University of Paris, Jean Gerson (1363-1429), took the initiative to write religious texts in French language, targeting those who were not initiated in Latin and had no theological training – the "simple pelople", as he appointed them. In the treatises *La Montaigne de Contemplation* and *La Mendicité Spirituelle*, the theologian ventured to deal with the highest stage of Christian spiritual experience: the possibility of direct contact between the devotee and God in temporal life, the "contemplation". In this way he extended to the world of the illiterate a subject previously restricted to the monks, theologians, and scholars who had access to the Latin writing, which had hitherto kept the knowledge of that exceptional mode of relation to the divine. The proposition, although not new, but reformulated in a context of expanding devotional practices and redefining knowledge with the participation of universities, is the aim of this research. Focusing on this model of devotion proposed by the French theologian, the thesis will examine the role of such teachings at a time when, in the urban regions of the kingdom of France, devotional practices presented great vitality, with increasing interest in the forms of personal rapprochement with God. It is a matter of questioning what kind of conduct and practice Jean Gerson sought for the common men and women of the kingdom, and to what extent it was possible at that time to assign to them a model and a method of contemplative devotion, that is to say, founded on meditation, silence and withdrawing.

Keywords: Jean Gerson – devotional practices – university knowledge – medieval theology

ALMEIDA, Letícia Gonçalves Alfeu de. *Pour parler à Dieu*: Jean Gerson et l´enseignement de la contemplation aux simples gens (France, XIV^{e} et XV^{e} siècles). 2018. (381 f.) (Doctorat en Histoire – Faculté de Sciences Humaines et Sociales, Université de l´État de São Paulo "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2018.

RÉSUMÉ

Au début du XV^{e} siècle, le chancelier de l'Université de Paris, Jean Gerson (1363-1429), a pris l´initiative d'écrire des textes religieux en langue française, en les adressant à ceux non-initiés en latin et sans aucune formation théologique – les "simples gens", comme il les a nommés. Dans les traités *La Montaigne de Contemplation* et *La Mendicité Spirituelle*, le théologien risqua de traiter du niveau le plus haut de l'expérience spirituelle chrétienne, c´est-à-dire, la possibilité d´un contact direct entre le dévot et Dieu dans la vie temporelle, la "contemplation". Ainsi, il élargissait aux illettrés un sujet auparavant restreint au monde des moines, des théologiens et d´autres savants qui avaient l´accès à l´écriture latine – que jusque-là circonscrivait le savoir sur cette relation exceptionnelle avec le divin. La proposition pas nouvelle, mais retravaillé dans un contexte d'expansion des pratiques dévotionnelles et de redéfinition des connaissances, avec le concours des universités, est la cible de cette recherche. Mise au point ce modèle de dévotion proposé par le théologien français, le travail examinera le rôle de ces enseignements à un moment où, dans les régions urbaines du royaume de France, les pratiques de dévotion atteignaient une grande vitalité, avec un intérêt croissant sur les modalités de relation personnelle avec Dieu. Il s´agit de remettre en question le genre de comportements et pratiques que Jean Gerson aspirait aux hommes et aux femmes ordinaires du royaume, et dans quelle mesure il a été possible de leur transmettre, à ce moment-là, un modèle et une méthode de dévotion contemplative, fondés sur la méditation, le silence et l´introspection.

Mots-clés: Jean Gerson **–** practiques devotionnelles – savoir universitaire – théologie médiévale

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

CAPÍTULO I – PENSAR EM DEUS E MUDAR OS HOMENS 22

Contemplar: refúgio para si e remédio para o tempo 24

Rever os grandes para encontrar rumos 33

A busca de Deus pelas vias do afeto 41

A teologia mística para edificar novos sábios 51

Dos que devem falar e dos que podem sentir 59

Uma missão para a Universidade de Paris 71

CAPÍTULO II – ENCORAJAR OS SIMPLES E INIBIR OS SOBERBOS 78

Dos simples e da simplicidade 78

Às mulheres e aos simples, ensinamentos elevados 91

Uma devoção suspeita 105

Desvios em nome de Deus 120

Contendas pela verdade 131

Indícios da revelação verdadeira 141

CAPÍTULO III – DAR AOS SIMPLES O QUE LHES É DEVIDO: A CONTEMPLAÇÃO 158

De virtude em virtude 158

Para dentro de si: momentos e lugares ideais 171

O domínio dos pensamentos 187

Meditar sobre a Paixão e deixar-se tocar pelo divino 197

Exercitar a memória e a prática das virtudes 210

Uma forma humilde de devoção 219

CONCLUSÃO 235

IMAGENS 263

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 240

A MONTANHA DE CONTEMPLAÇÃO 267

REPRODUÇÃO DO MANUSCRITO *FRANÇAIS 990* 308

INTRODUÇÃO

No célebre *Le Trésor de la Cité des Dames* ou *Le Livre des Trois Vertus* (1405), livro que alcançou certa fortuna nos diversos reinos europeus quatrocentistas,[1] Cristina de Pisano (1364-1430) ensinava a conduta virtuosa conveniente às mulheres do século XIV, destacando os males do orgulho que considerava contaminar muitas delas, e que se manifestavam na extravagância no vestir e no comer, no empenho em ostentar a riqueza e exibir-se como superiores umas às outras até mesmo nas missas e procissões. Para ela, esse comportamento corriqueiro entre muitas damas do reino da França, pertencentes aos mais variados ofícios e estados sociais, em especial as da corte, afastavam-nas de preocupações mais urgentes e salutares, como agradar a Deus. Pelo amor às pompas terrenas, elas abandonavam o amor à virtude.[2] Outros pregadores contemporâneos da letrada também insistiram na crítica ao orgulho associado aos comportamentos das mulheres e dos homens, sobretudo no âmbito público, relacionado à honra e à riqueza.[3] Alguns deles, em suas prédicas ou tratados moralizantes, assinalaram, entretanto, um outro aspecto deste pecado em particular, latente entre as damas, que não era o da vaidade exterior, como apontava Cristina: tratava-se, ao contrário, da presunção interior e espiritual em busca de uma proximidade audaciosa com o sagrado.

Tal propensão foi apontada, por exemplo, pelo ilustre pregador valenciano Vicente Ferrer (1350?-1419), figura importante não apenas no âmbito regional valenciano, mas de outros reinos cristãos e principalmente no reino da França, por ele percorrido em pregação e apoio ao papado de Avignon.[4] Para além do combate aos erros carnais dos cristãos, Ferrer destacava as "tentações espirituais" que percebia como frequentes no seu tempo e julgava perturbadoras na relação dos homens com Deus.[5] Para ele, como para outros predicadores

---

[1] Livro dedicado a Margarida de Borgonha, filha do duque João I. Deste texto, contam-se vinte e uma cópias; a maior parte dos manuscritos existentes esteve ligada ao círculo de Margarida e suas cinco irmãs que, tendo se casado com figuras do universo político de outras regiões, disseminaram este escrito para outros cantos da Europa. Este texto, no entanto, não obteve o sucesso do predecessor *Le livre de la Cité des Dames.* DUFRESNE, Laura Rinaldi. "Christine De Pizan´s 'Treasure of the City of Ladies': A Study of Dress and Social Hierarchy." *Woman's Art Journal*, vol. 16, no. 2, 1995, pp. 29–34. Disponível em www.jstor.org/stable/1358572, p. 30.

[2] PIZAN, Christine. *The Treasure of the City of Ladies or The Book of the Three Virtues.* Trad. Sarah Lawson. London: Penguin Books, 2003.

[3] TAYLOR, Larissa. *Soldiers of Christ*: preaching in Late Medieval and Reformation France. New York/Oxford: Oxford University Press, 1992, p. 160-161.

[4] DAILEADER, Philip. *Saint Vincent Ferrer, his world and life*. Religion and society in late medieval Europe. New York: Palgrave Macmillan, 2016, p. 28.

[5] *TRAITÉ DE la vie spirituelle par S. Vincent Ferrier de l´ordre des frères-précheurs avec des commentaire sur chaque chapitre par la Vén. Mère Julienne Morell, religieuse du même ordre*. Poitiers: Henri Oudin, 1866, p. 369.

coetâneos, não se tratava de repreender somente as condutas sociais, as relações dos cristãos entre si, mas também de ordenar o diálogo interior de cada um com o sagrado; questão que, como veremos, se mostrava muito contundente nos séculos XIV e XV. O futuro santo, em seu *Tractatus de vita spirituali*,[6] refere-se a certas pessoas devotas que ultrapassavam os limites da relação filial e humilde com o sagrado, em comportamentos que "o demônio se esforça para semear, nestes tempos, no coração de alguns". Segundo este pregador e letrado, para evitar as tais tentações espirituais, não se pode "desejar alcançar, pela oração, pela contemplação, ou por outras obras de perfeição, revelações ou sentimentos que estejam além da natureza e do estado ordinário dos que amam a Deus e lhe dirigem uma crença filial", uma vez que "esses desejos têm sempre sua raiz e fundamento em um pensamento de orgulho e presunção". [7]

Tais desejos de intimidade afetuosa com Deus apoiavam-se na crença em que a divindade poderia ser buscada dentro de cada um, na alma e na memória, a partir do elo amoroso entre criatura e criador, noção que remontava a Agostinho e outros pensadores cristãos.[8] As narrativas bíblicas de Paulo, Moisés e do *Cântico dos Cânticos* ajudaram a divulgar a possibilidade de acessar Deus momentaneamente, de forma excepcional, pelo êxtase, em que a alma deixaria a temporalidade e experimentaria uma amostra da eternidade; dádiva conferida neste mundo aos santos e eleitos. Sobre este estado espiritual sublime, dissertaram autoridades como Dionísio Areopagita, que o definiram como "teologia mística" ou contemplação – noções cultivadas no âmbito da vida monástica ao longo de séculos.[9] No século XIV, no entanto, o crescente número de santos que passaram a surgir entre os laicos, a partir do modelo precedente de São Francisco, veio a impulsionar a ampliação do interesse dos cristãos por modalidades mais imediatas e incomuns de acesso a Deus, para além da devoção "ordinária", segundo as palavras de Ferrer.[10] O voltar-se para Deus, todavia, não poderia ser sem a observância de determinados parâmetros morais e do princípio de separação irremediável entre o homem e a divindade, o mundo e a eternidade.

---

[6] Todos os excertos da documentação primária apresentados neste trabalho foram por nós traduzidos.
[7] "[...] *c´est de ne point désirer arriver par la prière, la contemplation, ou par d´autres oeuvres de perfection, à avoir de révélations ou des sentiments qui soient au-dessus de la nature et de l´état ordinaire de ceux qui aiment Dieus et le craginent d´une crainte filiale. Car ces désirs ont toujours leur racine et leur fondement dans une pensée d´oirgueil et de présomption*." *TRAITÉ DE la vie spirituelle par S. Vincent Ferrier*, op. cit., p. 370-371.
[8] VEYNE, Paul. *Quando nosso mundo se tornou cristão*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
[9] LOUTH, Andrew. *The origins of the Christian mystical tradition*: from Plato to Denis. New York: Oxford University Press, 2007, p. 154, passim.
[10] VAUCHEZ, Andre. *Saints, prophètes et visionnaires*. Le pouvoir surnaturel au Moyen Age. Paris: Albin Michel, 1999.

Essa fronteira foi por vezes ameaçada no século XIV, especialmente no território da França aqui em análise. Alguns letrados religiosos ou laicos, como a beguina condenada como herege, Margarida Porete (1250-1310),[11] arriscaram-se a descrever as experiências de união com a divindade, valendo-se de uma linguagem ambígua, que muitas vezes parecia suspender aquela separação ontológica, em proveito de uma união essencial, em que a substância da alma, longe de permanecer finita, tornava-se divina e eterna. Informados sobre as práticas correntes naqueles territórios, clérigos de várias partes mostraram-se inquietos com os sinais do orgulho encobertos nessas manifestações de devoção. Não muito longe dali, o pároco flamengo Jan Van Ruysbroeck (1293-1381), por exemplo, reprovava os diversos grupos devotos laicos que se disseminavam desde Bruxelas até a França, chamados genericamente de "beguinas" e "begardos", e taxava-os de homens "insensatos e cegos, que erram e se precipitam no abismo da danação. Eles pensam carregar [o Espírito Santo] sobre toda a natureza/ E em seu orgulho, pensam que se igualam a Deus/ Eles tratam o criador como a criatura [...]".[12]

Vicente Ferrer, assim como Jan Von Ruysbroeck, condenava precisamente o "desejo", isto é, a diligência e insistência de alguns fiéis em procurar experiências ditas "extraordinárias" de contato com Deus, como visões e revelações. Qualificava-os de presunçosos, porque eram movidos pelo erro de se acreditarem dignos de tal graça, contrariando, assim, o princípio de que tais dons eram dados livremente por Deus. O pregador valenciano provavelmente tinha em mente os relatos de casos célebres, como o da futura santa Catarina de Siena (1347-1380), mulher laica que usava suas visões como pretexto para aconselhar autoridades, como reis e papas, sobre as ações que estes deveriam tomar, tendo em vista o destino da Cristandade, então centrada em Avignon.[13] Os escritos sobre as experiências dessa mulher, apesar da preocupação de amparar-se em virtudes como a humildade, descreviam uma relação privilegiada e de grande familiaridade com Cristo, muito diferente do que recomendaria Ferrer. Aos quinze anos, por exemplo, contou que deixou a cidade para esconder-se em uma caverna onde ninguém pudesse vê-la ou ouvi-la e, "rezando, sentiu que se erguia do solo e pairava no ar, e então lhe apareceu a Virgem Maria com seu filho nos braços; dando à jovem um anel, ele a tomou como sua esposa e, de súbito,

[11] Também conhecida como Marie de Valenciennes, viveu no lado francês da província de Hainaut, foi condenada pelo seu livro *Miroir des simples âmes anéanties*, em 1310, pelo bispo de Cambrai. LERNER, Robert E. *The heresy of the Free Spirit in the Later Middle Ages*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2007 (1972), p. 73.

[12] "*quelques hommes insensés et aveugles errent, et vont se précipiter dans les abîmes de la damnation. Ils pensent lp emporter sur toute la nature; et, dans leut fol orgueil, qui les égale à Dieu, ils font le créateur comme la créature* [...]" RUSBROCH, D. Jean. *De la vraie contemplation*. Paris: R. Chamonal, 1912, p. 106.

[13] O Cisma que dividiria a Igreja entre o papa de Avignon e o de Roma inicia-se após sua morte, em 1378.

desapareceu".[14] Relatos semelhantes de contatos com o sagrado, julgados "extraordinários" pelos contemporâneos, intensificavam-se no reino da França e em outras regiões, principalmente a partir da segunda metade do século XIV, como veremos mais detalhadamente no segundo capítulo deste estudo. Por parte de mulheres foram vários, e não se restringiram aos casos notórios como os de Catarina ou de Joana D´Arc (1412-1431). Com frequência ultrapassavam o simples caráter metafórico da descrição de estados espirituais mais elevados, ganhando contornos literais e efeitos perigosamente corporais, como milagres e estigmas.

Em 1400, ao mesmo tempo em que Ferrer conduzia sua pregação itinerante, Jean Gerson (1363-1429)[15], teólogo e chanceler da Universidade de Paris entre os anos de 1395 a 1429, consciente dos mesmos problemas devocionais que apontava Ferrer, iniciava a escrita de tratados sobre o tema da "contemplação" em língua vernácula, com o argumento de destiná-lo aos "simples", os ignorantes e sem instrução religiosa. Conferia atenção especial às mulheres, mas manifestava o intuito de franquear o caminho da perfeição a todos os cristãos, de qualquer estado social. Escolheu, para tal, a língua vernácula, cujo uso para tratar daquele tema, embora não fosse uma novidade, dado que se avolumava principalmente fora dos ambientes letrados clericais e religiosos, ainda não havia sido experimentado por um teólogo, menos ainda por uma figura tão proeminente e de tão grande autoridade dentro da Igreja. O chanceler apresentava aos simples a via da contemplação como a forma mais nobre de vida cristã, num momento em que os laicos, sobretudo nas regiões urbanas do reino da França, buscavam formas alternativas e mais profundas de devoção, para além do quadro pastoral, seja nas confrarias ou em outros tipos de comunidades devotas, como as beguinarias – comunidades com frequência inspiradas pelos modelos monásticos de oração e recolhimento. Diante dessa busca devocional acentuada entre os laicos nas cidades, com o surgimento de novas comunidades, emergia na virada do século XIV ao XV o debate sobre em que medida a vida de perfeição poderia ser acessível a todos os cristãos e não apenas aos religiosos. Gerson,

[14] "[…] *and praying thus she felt herself raised somewhat from the ground into the air, and presently there appeared to her the Virgin Mary with her son in her arms, and giving the young girl a ring he took her as his spouse and then suddenly disappeared* […]. Catarina de Siena apud PETROFF, Elizabeth Alvilda (ed.) *Medieval women´s visionary literature*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1986, p. 238.

[15] Jean Gerson é o nome toponímico de "Jean Charlier", nascido no povoado de Gerson, a nordeste de Paris, nas proximidades de Reims. A respeito dos nomes próprios que aparecem ao longo desta tese, ao invés de "João Gerson", optamos por preservar a grafia francesa, "Jean Gerson", que, não se restringindo ao território da França, é a formas mais usada nos estudos historiográficos e, portanto, mais facilmente reconhecível. Com exceção de Jean Gerson, os demais primeiros nomes estrangeiros foram aportuguesados, como Ermínia de Reims, Margarida Porete, Cristina de Pisano, Nicolau de Clamanges, Pedro D'Ailly, bem como as referências aos pensadores cristãos e personagens mais célebres, como Agostinho, Dionísio, Bernardo de Claraval, Hugo de São Vítor, Joana D´Arc.

como veremos, em debates com outros teólogos, virá a desfazer a associação obrigatória entre a perfeição, a vida propriamente "religiosa" e os votos religiosos.

Considerando esse debate sobre os limites e condições da relação devocional com o sagrado para os homens e mulheres dos séculos XIV e XV, o presente trabalho interroga sobre o tratamento clerical da devoção laica nesse período, a partir dos ensinamentos de Jean Gerson sobre o tema da contemplação e de seu projeto de transpor ao mundo dos "simples" certos modelos e práticas da perfeição cristã particularmente associados a uma relação mais interiorizada, direta e pessoal com Deus. Interessa responder como e por que foi possível, naquele momento, a um teólogo responsável por resguardar a ortodoxia e a integridade da fé, ensinar uma modalidade de devoção interiorizada e introspectiva para as pessoas comuns, pouco familiarizadas com a devoção contemplativa e suas técnicas, justamente num momento em que se aprofundava a desconfiança e a rejeição clerical dos excessos devocionais de alguns grupos de fiéis. Tendo em conta tal aparente novidade, este trabalho se propõe examinar de que modo o ensino, outrora restrito, de uma forma de devoção, a contemplação, foi tratado pelos clérigos. Cabe avaliar como esta foi apresentada por Jean Gerson aos simples se diferenciava das práticas que culminavam nos êxtases, visões e arrebatamentos descritos por muitas mulheres, já que muitas delas alegavam justamente conduzirem-se pelo caminho da mesma "contemplação" de que falava o teólogo. Mais precisamente, faz-se necessário apurar o que fazia da contemplação de Gerson mais adequada aos simples do que as formas de acesso a Deus encontradas por certas mulheres julgadas suspeitas. Em que medida seria virtuoso ou legítimo buscar se aproximar de Deus; como essa aproximação poderia conduzir-se sem o risco do orgulho, e até onde era permitido chegar nessa busca pessoal, são outras perguntas que conduzem a investigação.

Com base nesses questionamentos, este trabalho pretende levar a cabo uma exegese da obra deste pensador; uma exegese que não incide, entretanto, sobre as diversas questões teológicas de sua complexa obra, mas desdobra um eixo específico desta: os ensinamentos sobre a contemplação para os simples e os argumentos em favor dessa missão edificante. Para tanto, a estrutura da tese foi pensada a partir de três interrogações: como Gerson se volta para o estudo da teologia mística, que conduz o capítulo primeiro; por que e para quem ele se dirige, enfoque do capítulo segundo e, por fim, como praticá-la e como se define essa modalidade devocional especificamente para os simples, eixo do capítulo terceiro. Tomamos como ponto de partida as incursões de Jean Gerson no estudo da contemplação, sua releitura teórica dos textos de Dionísio Areopagita sobre a "teologia mística", bem como das autoridades posteriores responsáveis por sintetizar esse conhecimento. Desta maneira, o

capítulo inicial propõe uma abordagem da inserção das proposições de Jean Gerson sobre o tema no âmbito do reino, da Universidade de Paris e, em seguida, em relação ao saber latino de longa data a ser traduzido para a língua vernácula e trazido para o cotidiano dos simples. Avançando na proposta central do trabalho de avaliar a condução clerical da devoção laica francesa, o segundo capítulo, por sua vez, passa especificamente à análise dos procedimentos de ordem estritamente pastoral que motivaram Gerson a se debruçar sobre o tema da teologia mística e da contemplação. O capítulo indaga, primeiramente, os sentidos da "simplicidade" para este teólogo, partilhados ou questionados no seu tempo; quais eram suas referências concretas da "gente simples" e os principais atributos que julgava habilitá-los para a vida contemplativa. Para entender os seus alvos, espaço significativo será concedido ao seu diagnóstico – e eventuais censuras – sobre a devoção geral dos leigos no período em que compôs seus textos para os simples, elencando não apenas as qualidades destes últimos, mas também as práticas e comportamentos considerados inapropriados e que deviam ser combatidos.

O capítulo final da tese, por sua vez, volta-se para a maneira como o conhecimento de Gerson sobre a teologia mística foi traduzido e sintetizado para os simples nos textos *La Montaigne de Contemplation* e *La Mendicité Spirituelle*, tendo em vista a realização prática dessa modalidade devocional. Os textos vernáculos sobre a contemplação serão analisados especificamente do ponto de vista das ações que eles incentivavam, procurando destacar que exercícios estavam embutidos neles e como esses pretendiam fundamentar um determinado tipo de devoção. Trata-se de pensar como foi possível a Gerson formular um método de devoção interior, focado nas ideias de recolhimento, na meditação, no silêncio e na solidão, especificamente para os simples em seu cotidiano, e que assegurassem uma prática devocional virtuosa. Como conciliar a introspecção meditativa ao cotidiano dos simples, presos às preocupações e atividades terrenas; a dimensão interior e a exterior da devoção; a oração reservada e as práticas sacramentais ou rituais na comunidade de fiéis? O capítulo aborda, em suma, as técnicas de recolhimento e oração formuladas por Gerson e que ambicionavam guiar o cristão simples em sua devoção privada e pessoal, o conjunto de ações que constituíam uma disciplina específica, sem deixar de apontar os principais modelos de virtude a serem conhecidos e imitados pelos fiéis.

Vale, contudo, esclarecer de saída que o trabalho de si sobre si, conduzido por uma técnica e por códigos sociais não aparecerá em oposição a uma suposta interioridade autêntica

ou sincera, em que a expressão exterior é considerada mera simulação.[16] A proposta, ao contrário, é apenas interrogar certa abertura do universo espiritual para os laicos desprovidos de iniciação nas coisas do divino, tomando como ponto de partida uma obra, mas tentando não perder de vista uma ação e certas incidências do saber em língua vernácula, nos séculos XIV e XV, sobre um tema até então dominado pela escrita latina ou apenas tratado nessas línguas fora do âmbito universitário. A obra do autor, nesse sentido, servirá como porta para refletir sobre um universo mais amplo, por meio dos diálogos que estabelece com outros letrados e das questões relevantes do período que ele retoma. Considerando, pois, que os escritos e projetos de um pensador podem ser um caminho para refletir sobre um determinado tempo, a trajetória deste não pode ser esquecida. Sua biografia, contudo, não será examinada como explicativa dos seus escritos ou como uma unidade coerente que expressa a suposta essência de uma época, mas sim como um dos diversos contextos a serem contemplados para entendermos como certas questões se tornaram prementes no seu tempo.[17]

***

Como complemento ao estudo realizado, apresentamos uma tradução do texto *La Montaigne de Contemplation*, de 1400, primeiro escrito de Jean Gerson em língua francesa sobre a contemplação. A escolha deste tratado deve-se ao seu caráter de síntese, pois reúne de forma concisa os principais tópicos desenvolvidos posteriormente, e com mais detalhes pelo teólogo, em outros de seus textos sobre o tema, como os escritos universitários e latinos ou aqueles em língua vernácula, entre os quais *La Mendicité Spirituelle.* O texto *La Montaigne de Contemplation* também se destaca por nele confluírem as principais referências teológicas de Gerson, bem como as indicações de suas escolhas, o que permite vislumbrar melhor a maneira como ele traduziu esse saber ao público laico. Utilizamos como base o manuscrito

[16] Optamos, ao contrário, por uma abordagem das formas de subjetivação, dos diferentes regimes históricos da relação do sujeito consigo mesmo, pelos quais a pessoa toma a si própria como objeto de conhecimento ou como campo para a transformação, com sentidos diversos e contingentes, o que não traz necessariamente uma atitude individualista ou a valorização da vida privada, mas depende das configurações particulares de cada situação histórica. FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito.* São Paulo: Martins Fontes, 2010; FOUCAULT, Michel. História da sexualidade. O cuidado de si. São Paulo: Graal, 2005. BOQUET, Damien; NAGY, Piroska. *Sensible Moyen Âge*: une histoire des émotions dans l´occident médieval. Paris: Seuil, 2015, p. 17.

[17] DOSSE, François. *El arte de la biografía*: enrte história e ficción. Cidade do México: Univerdidade Hiberoamericana, 2007; LACAPRA, Dominick. *History and criticism*. Ithaca/London: Cornell University Press, 1985; VEYNE, Paul. *Sêneca e o estoicismo*. Trad. André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2015; GUENÉE, Bernard. *Entre l´Église et l´État*. Quatre vies de prélats français à la fin du Moyen Âge (XIIIe - XVe siècle). Paris: Gallimard, 1987, p. 47.

Français 990, elaborado para o duque de Bourbon ("*ce livre est au duc Bourbonnois*"), que se inicia com o texto *La Montaigne de Contemplation*, trazendo no frontispício uma miniatura com a figura da montanha cercada pelo mar agitado, rica em detalhes e cores vibrantes. O livro contém ainda os textos *La Mendicité Spirituelle, La Science de Bien Mourir, L´Examen de Conscience*, entre outros. A escolha desse manuscrito deve-se não apenas ao seu bom estado de conservação, mas ao fato de aparecer como referência incontornável para os editores modernos. O amplo número de cópias[18] manuscritas do tratado em questão impôs-nos tal escolha e a eleição de um único manuscrito, dado o tempo exíguo da pesquisa de doutorado para preparação de uma edição crítica e ao fato de que esse cotejamento já foi realizado em edições francesas mais recentes do texto, que serviram de base à sua leitura e interpretação.[19]

Recorremos especialmente às edições críticas modernas de Pierre Pascal, de 1943, com o título *Initiation à la vie mystique,* contendo os textos *La Montaigne de Contemplation* e *La Mendicité Spirituelle*; e também à edição das *Oeuvres complètes* de Gerson feita por Palémon Glorieux na década de 1960, mais precisamente o Tomo Sétimo, referente à obra francesa. Cabe igualmente mencionar a existência de uma edição mais antiga das obras completas de Jean Gerson por Ellies Du Pin, de 1706, que reproduz a edição anterior de Edmond Richer, de 1606, traduzindo, no entanto, os textos franceses para o latim. A edição de Glorieux constitui a mais moderna e completa, pois se ampara fundamentalmente nos manuscritos, supre as lacunas das edições anteriores, elimina os textos que foram incluídos erroneamente na edição de Du Pin como sendo do chanceler, reproduz com maior fidelidade a grafia original dos manuscritos, além de compará-los entre si, indicando em nota as variações lexicais de uma cópia em relação à outra. No caso específico da edição da *Montaigne de Contemplation*, Glorieux utilizou o manuscrito *Français 990* como texto principal.

Para a tradução, os principais critérios adotados tiveram como norte proporcionar uma leitura fluida ao leitor de língua portuguesa, sem, no entanto, excluir certas estruturas algumas vezes repetitivas que são muito características da prosa de Gerson. No entanto, a supressão de

[18] Palémon Glorieux, em sua edição do texto *La Montaigne de Contemplation*, listou 23 manuscritos consultados. Já o levantamento feito por Pierre Pascal destaca ao todo doze manuscritos em que os dois textos, *La Montaigne de Contemplation* e *La mendicité spirituelle*, estão juntos (seis na Biblioteca Nacional da França, e um em cada uma das bibliotecas de Arsenal, Angers, Lille, Lyon, Valenciennes e Bruxelas). A *Montaigne* encontra-se separada da *Mendicité* em cinco manuscritos (três na Biblioteca Nacional, um em Arsenal e um em Troyes) e a *Mendicité* encontra-se separada em seis manuscritos (três da Biblioteca Nacional, um de Arsenal, de Tours e de Marselha).

[19] GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 559-556. HOLMES, James S. (ed.) *The nature of translation*: essays on the theory and practice of literary translation. Mouton/The Hague/ Paris: Publishing House of the Slovak Academy of Sciences, 1970.

alguns elementos, como a excessiva repetição de conectivos, bem como a divisão do texto em parágrafos e o emprego de uma nova pontuação foram recursos necessários. De modo geral, buscou-se um vocabulário mais próximo possível do original, sem grandes reformulações, numa tentativa de preservar ao máximo a singularidade de uma escrita que pretendia chegar aos “simples”. Por fim, as notas utilizadas visam apenas elucidar algumas referências e os sentidos de expressões pouco familiares aos leitores contemporâneos.

CONCLUSÃO

A discussão sobre as formas diretas de relação pessoal com o sagrado, que congregou clérigos e leigos nos séculos XIV e XV, provinha dos mais diversos lugares quase simultaneamente. Alguns defendiam uma aproximação sem limites, outros a rejeitavam e propunham formas mais elaboradas de contato. Na Península Ibérica, o pregador Vicente Ferrer negava a veracidade das experiências "extraordinárias" e meramente intuitivas de que tinha notícia em suas andanças; entre os flamengos, Jan Von Ruysbroeck e os "Irmãos da Vida Comum" preconizavam uma vivência mais pessoal e interior da fé cristã, dando continuidade ao que o germânico Meister Eckhart também já havia proposto. Alguns ousavam teorizar sobre experiências espirituais mais elevadas e acabavam por avançar perigosamente pelo terreno que alguns teólogos acreditavam restrito aos iniciados ou aos de elevado saber. Muitos dos que não se eximiram dessas discussões sobre as formas legítimas de devoção, mesmo quando não mediam esforços para conformar-se às virtudes, por vezes atravessaram o limite do aceitável com suas descrições de um encontro com Deus tão íntimo que apagava a distinção entre o finito e o eterno. Relatos proféticos e de visões avolumavam-se, despertando a inquietação ou o maravilhamento dos grandes e dos pequenos, servindo de pretexto para a defesa de missões maiores, em nome de causas particulares, no âmbito das contendas do Cisma.

Os discursos em torno dos anseios por tocar Deus extrapolavam, portanto, os limites dos reinos e das línguas e confundiam-se com questões de fundo da Igreja e da comunidade cristã em seu todo. O teólogo francês, Jean Gerson, cujo projeto foi aqui examinado, determinou como sua meta agir em nome de toda a Cristandade, tomando a Universidade de Paris ao mesmo tempo como púlpito, como arma e como alvo de ataque. Proferindo suas máximas dali, tomando-a como o melhor cenário para dar início a uma reforma e, em contrapartida, promovendo uma crítica deste cenário que julgava deteriorado e precisava ser reconstruído, Gerson empenhou-se em prover parâmetros teológicos e morais para alimentar todos os veios que irrigavam o seu mundo. Tocou, pois, em preocupações generalizadas em seu tempo, de forma que seus escritos e propostas de reforma pastoral, mesmo nessa época de circulação restrita de escritos, foram recebidos em outras línguas, em outros reinos e igrejas. Após sua morte, seu legado, principalmente a respeito da renovação espiritual, foi transmitido pelos clérigos e religiosos, sendo Jean, o Celestino, o principal responsável pela transcrição e difusão póstuma dos textos do irmão teólogo. No século XV, sua proposta de uma teologia

mais voltada para a ação e para a piedade chegou por exemplo à Península Ibérica, à Suécia,[1] e conquistou grande popularidade na Universidade de Viena, além de ter dado impulso à renovação humanista[2] e retórica na Universidade de Paris. Igualmente, Gerson tornou-se a principal autoridade para os Irmãos da Vida Comum e a *devotio moderna*, suplantando o seu fundador, Ruysbroeck.[3]

Tais questões e valores de interesse comum nos reinos da Cristandade, seja de ordem institucional ou devocional, entretanto, ao serem por ele retomadas, ganharam colorações particulares, deixando transparecer não apenas as especificidades de um tempo, mas também de um solo, a saber: o reino da França e a vida religiosa de suas paróquias. O contexto do Cisma – com danos consideráveis para a condução clerical e pastoral –, o desamparo espiritual e as devoções desordenadas – que impeliam mais fortemente ao sagrado – tornam compreensível a cogitação de Gerson sobre a surpresa que seu ensino da contemplação aos simples poderia causar entre os teólogos e eclesiásticos. Embora a escrita vernácula sobre a o tema, desde o início do século XIV, fosse usada fora do âmbito teológico monástico e universitário, inclusive em língua francesa – a começar por Margarida Porete –, quando escolhida por um teólogo, dentro da Universidade de Paris e naquele momento específico em que se criticavam as posturas excessivas de aproximação com o divino, ela veio a mostrar-se inusitada, incômoda e aparentemente contraditória.

Se o objetivo do uso da língua vernácula era uma abertura da contemplação aos laicos, esta não veio sem estranhamento, pois, nessa altura, muitos clérigos buscavam restringir o acesso direto e autônomo ao sagrado, ao se verem depostos de seus papéis de intermediários privilegiados da relação com Deus, assim como por assistirem a um desprestígio entre os fiéis da prática das virtudes – louvada como o caminho mais sólido para a aproximação futura com o divino – e a crescente busca de experiências mais imediatas e emocionantes de contato com Deus: os estados "extraordinários" ou êxtases.[4] O próprio Gerson, a despeito das iniciativas anteriores, considerava sua empresa um desafio singular, pois defendia que, até então, o

[1] Na Península Ibérica, há notícias de traduções de textos como o *Opus Tripartitum*, para as paróquias, o *Tratado del pensamiento del corazón* ou da *Imitatio Christi*, que se atribuíam ao chanceler. O primeiro impresso em língua sueca, de 1495, foi o texto de Gerson *Traité des diverses tentations de l´ennemi*.

[2] O humanismo parisiense diferiu do italiano, pois conciliava a teologia afetiva, prática e reformadora com o estudo dos textos da antiguidade clássica, em que pesava mais o conteúdo do que a forma. MASUR-MATUSEVITCH, Yelena. *Le siècle d´or da la mystique française:* de Jean Gerson à Jacques Lefèvre d´Étaples. Paris: Arché-Edidit, 2004, p. 51-58.

[3] Ibid., p. 310, 314, 335.

[4] BOQUET, Damien; NAGY, Piroska. *Sensible Moyen Âge:* une histoire des émotions dans l´occident médieval. Paris: Seuil, 2015, p. 289; VAUCHEZ, André. "Les pouvoirs informels dans l'Église aux derniers siècles du Moyen Âge: visionnaires, prophètes et mystiques". In: *Mélanges de l'Ecole française de Rome*. Moyen-Age, Temps modernes, T. 96, N°1. 1984, p. 289.

verdadeiro conhecimento sobre a contemplação e a teologia mística encontrava-se nos textos latinos, das autoridades do passado. Em língua vernácula, os escritos tinham sido elaborados por gente desqualificada e pretensiosa. Sua disposição era, assim, de fazer desta língua um instrumento para levar a muitos um saber mais elevado que até então tinha ficado restrito a poucos ou sido explorado de forma inadequada.

O seu ensino da contemplação, especificamente, constitui um eixo privilegiado de análise, pois nele se cruzam um conjunto de questões relevantes para aquele tempo e lugar, e que diziam respeito não apenas às formas possíveis de relação pessoal com Deus. Com a leitura da teologia mística, o chanceler revia o papel do conhecimento teológico e da oração. Sua natureza pessoal conciliadora ultrapassou o campo das relações diplomáticas dentro e fora da Universidade, e alicerçou um projeto mais vasto de reforma espiritual, moral e eclesiológica. Ao falar aos simples sobre a vida contemplativa, aspirou à conciliação entre a erudição e a sabedoria; entre a teoria e a experiência; entre o conhecimento e a fé; entre intelecto e amor; entre a vida ativa e a contemplativa; entre o estudo teórico e a vida prática; entre a teologia mística e a escolástica ou entre o latim e a língua vernácula. Como grande mediador, desejou aproximar os teólogos e os simples, pela pregação e pela escrita, a devoção do monge e a do fiel comum, bem como a erudição e a pregação. Desejou igualmente colocar em contato os grandes sábios do passado e os homens e mulheres do presente, unidos por uma mesma forma de devoção.

Estritamente no plano da fé, Gerson demonstrou sua capacidade de harmonizar opostos ao juntar as duas extremidades da vida cristã, os dois polos do acesso à verdade, que naquele momento se distanciavam, e as entrelaçou de forma segura: a ascese, que engendrava a prática das virtudes e a prática de si, e a mística afetiva, que dizia respeito ao contato com Deus face-à-face. Esta última havia perdido protagonismo desde o estabelecimento das práticas cristãs institucionalizadas na vida cenobítica, que tenderam a destacar o princípio de obediência e desconfiança de si, ao contrário de uma confiança destemida na relação com a verdade, entendida como sinal de orgulho e presunção[5], noção que, como vimos, se fortalece nos séculos XIV e XV. Como solução para essa disparidade entre a obediência às obrigações básicas de cada cristão e a busca dos contatos íntimos e diretos com o divino, seu programa de devoção para os laicos conectava o ordinário e o extraordinário, ao juntar a devoção mais simples e a mais elevada e perfeita, colocando as formas basilares de oração, como a Ave-Maria e o Pai-Nosso, no cerne da vida contemplativa. Tratava-se, para ele, de aproximar as

[5] FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade:* o governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1983-1984). São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 292-293.

práticas públicas coletivas, rituais e sacramentais e a devoção pessoal e doméstica; unindo a exteriorização e a interioridade; o cuidado com a alma e com o corpo; o desejo pessoal e a obediência; e também trazendo o retiro do mundo para o interior humano. Sua proposta não se desvinculava da posição particular que ocupava: um teólogo universitário que, confiante em seu papel de pastor, mediava a aliança entre as duas esferas da experiência devocional e de acesso à verdade, intermediando a transposição das práticas monásticas ao mundo dos simples, num período em que os monastérios perdiam seu protagonismo reformador.[6]

Sua proposta de que a perfeição cristã cabia a todos igualmente diferia e desviava da forte tendência a privilegiar os poderes prodigiosos de alguns poucos abençoados. Muito pelo contrário, para Gerson, todos os homens e mulheres eram capazes de ascender à perfeição porque esta não se encontrava nos carismas e êxtases, mas nas formas mais prosaicas da vida cristã. Chega-se até Deus pela graça e pela maneira como se vive, nomeadamente pela obediência aos mandamentos, pelas virtudes da fé, esperança e caridade. Assim, circunscreveu a prática diária da contemplação ao seu aspecto formal, técnico e ascético, centrando-a na oração e nos exercícios de memória e imaginação sobre os temas da fé e das virtudes, ensinando os cristãos a voltarem-se para si mesmos a partir do exame dos pensamentos e afetos. Para o chanceler, o sacramento da penitência alicerçava essa busca da perfeição e constituía o principal instrumento da reforma que ele vislumbrava para a Igreja, pois era capaz de conectar os fiéis e o clero paroquial, cuja função considerava tão nobre quanto a dos prelados e religiosos.[7] Dessa maneira, a vida contemplativa que endereçou aos simples não minimizava o aspecto convencional, institucional e sacramental da fé destes, mas o reforçava e, com isso, tornava a interiorização devocional admissível**.** No âmbito das suas reflexões foram contempladas desde as devoções urbanas e seus desdobramentos públicos e domésticos, as condutas dos teólogos, dos prelados e dos párocos e, com certo destaque, as práticas e formas de expressão devocional das mulheres. Seu olhar sobre estas é especialmente significativo, porque nelas ele encontrou os pontos mais visíveis daquilo que queria criticar ou elogiar, bem como o potencial de renovação espiritual que desejava.

Sendo assim, a proposta de edificação dos simples por meio da contemplação não pode ser compreendida sem que se considere o caráter mais amplo do projeto gersoniano de ordenação da comunidade cristã, que teve como norte e matriz a sua eclesiologia. Conservador, o chanceler buscou, antes de mais, a restauração e manutenção da ordem hierárquica da Igreja e não a reconstrução total ou o retorno absoluto aos modelos primitivos,

[6] Dadas as divisões internas causadas pelo Cisma. PASCOE, op. cit., 1973, p. 164.
[7] PASCOE, Louis B. *Jean Gerson*: principles of Church Reform. Leiden: E. J. Brill, 1973, p. 159, 167, 165, 174.

pois concebia que a reforma e a transmissão da verdade divina, dos maiores aos menores, só seria possível através dessa gradação.[8] Com base em Dionísio, para quem a natureza hierárquica dos seres e da Igreja pretendia refletir a ordem celeste, encadeou de forma decrescente, quanto à proximidade com Deus, bispos, sacerdotes, ministros, monges, laicos e penitentes, cada categoria devendo agir sobre aquela que a sucedia; exaltando a posição do bispo e dos párocos, os mais próximos dos laicos e com maior poder efetivo de reforma.[9] A reforma pessoal espiritual, de que trata a contemplação, seria o resultado dessa reforma eclesiológica, que visava a conservação hierárquica da Igreja e não a criação de novas ordens, como no passado.[10] Daí a pertinência de uma devoção humilde, que mira o alto, mas trabalha a partir de baixo, como na subida de uma montanha.

[8] BURROWS, Mark Stephen. *Jean Gerson and De consolatione theologiae (1418)*. The consolation of a biblical and reforming theology for a disordered age. Eugene: Wipf & Stock, 1991, p. 214-215.
[9] BROWN, D. Catherine. *Pastor and laity in the theology of Jean Gerson*.Cambridge Cambridge: University Press, 1987. 39, 44-48.
[10] E não o ponto de partida, como pensava Nicolau de Clamanges. BELLITTO, Christopher M. *Nicolas de Clamanges*: spirituality, personal reform, and pastoral renewal on the eve of reformation. Washington: The Catholic University of America Press, 2001, p. 127.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1) Documentação primária:

a) Textos de Jean Gerson:

Manuscritos:

LE LIVRE de mendicité spirituelle composé par maitre Jehan Gerson. 1401-1500. Manuscrito. BNF, Département de manuscrits, Français 1847.

LE LIVRE de contemplacion. 1401-1500. Manuscrito. BNF, Département de manuscrits, Français 990.

RECUEIL D´ORAISONS et pièces devotes, savoir. 1301-1400. Manuscrito. BNF, Département de manuscrits. Français 1802.

Edições modernas:

BOLAND, Paschal. *The concept of Discretio Spirituum in John Gerson´s 'De probatione Spirituum' and 'The distinctione verarum visionem a falsis'*. Washington: The Catholic University of America, 1959.

Initiation à la vie mystique. Prefácio e apresentação por Pierre Pascal. Paris: Gallimard, 1943.

Ioannis Gersonii. *Opera Omnia*. Ed. Ellies Du Pin. Antwerp, 1706.

GERSON, Jean. *Oeuvres complètes.* Introduction, texte et notes par Mgr Glorieux. 10 vols. Paris: Desclée, 1960.

_____ *Early works.* Tradução Brian Patrick McGuire. New York: Paulist Press, 1998.

_____ *Sur la théologie mystique.* Textes introduits, traduits et annotés par Marc Vial. Paris: Vrin, 2008.

_____ ; OZMENT, Steve E. (ed., trad.) *Jean Gerson:* selections from A Deus exivit, Contra curiositatem studentium and The mystica theologia speculativa. Leiden: Brill, 1969.

TRAITÉ DE Gerson sur la Pucelle. La mission surnaturelle de Jeanne d´Arc proclamée et défendue par le chancelier 'très chrétien' de l´Université de Paris (14 mai 1429). Paris: Chevetogne, 1910.

b) Outros documentos:

AGOSTINHO, *Confissões.* Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.

AUGUSTIN, Saint. *Oeuvres complètes*. Bar le Duc, L. Guérin, 1866.

Anonime. *Le Traité de discipline de divine amour*. Paris: Symon Vostre, 1507.

AUGUSTINE. *On the trinity*. Books 8-15. Cambridge University Press, 2002.

BERNARD, Saint. *Commentary on the Song of Songs*. Darrell Wright, 2008.

BINGEN, Hildegard of; BAIRD, Joseph L. (ed.). *The personal correspondence of Hildegard of Bingen*. Oxford University Press, 2006.

BONAVENTURA . *Meditations sur la vie de Jésus-Christ*. Oeuvres spirituels de S. Bonaventure. T. I. Paris: Louis Vivès, 1854.

_____ *Exercises spirituels.* Oeuvres spirituels de S. Bonaventure. T. II. Paris: Louis Vivès, 1854.

BONAVENTURE, Saint. *De la triple voie*. Trad. Fr. André Ménard. Bron, 2011.

_____ *Disputated questions on the knowledge of Christ*. Trad. Zachary Hayes. New York: The Franciscan Institute of Saint Bonaventure University, 1992.

CHRONIQUE LATINE de Guillaume de Nangis de 1113 a 1300 avec les consituations de cette chronique de 1300 a 1368. Par H. Géraud. T. 1. Paris: Jules Renouard, 1843.

CHRONIQUE DU religieux de Saint-Denis. Publié en latin pour la première fois et traduite par M.L. Bellaguet, precedue d´une introdciton par M. de Brabante. T. 1. Paris: Imprimerie Crapelet, 1889.

BONAVENTURE, Saint. *Disputated questions on the knowledge of Christ*. Trad. Zachary Hayes. New York: The Franciscan Institute of Saint Bonaventure University, 1992.

_____ *The mind´s road to God*. The Catholic Primer, 2005.

CLAMANGES, Nicolas de. *Le traité de la ruine de l´Église*. Paris: Libraire E. Droz, 1936.
ECKHART, Meister. *The complete mystical Works of Meister Eckhart*. New York: Herder and Herder, 2009.

HILTON, Walter. *The scale (or ladder) of perfection*. Westminster Art and Book, 1908.

L´AIGUILLON d´amour (Stimulus Amoris): traité d´ascetisme longtemps attribué à Saint Bonaventure O. F. M. Trad. P. Ubald d´Alençon. Paris: Poussielgue, 1910.

L´ART DE bien vivre et de bien mourir. Antoine Vérard, 1492.

LE LIVRE du Jardin de contemplation, par maistre Jehan Henry, chantre de l'eglise de Paris. BNF, Fr. 997.

LE KALENDRIER des bergers. Paris: Guy Marchant, 1493.

LES GRANDES chroniques de France. Publiés pour la société de l´Histoire de France par Jules Viard. T. 8. Paris: Honoré Champion, 1934.

LILLE, Alain of. *The art of preaching*. Translated, with an introduction by Gillian R. Evans. Kalamazoo: Cistercian, 1981.

MIRANDOLA, Pico Della. *On the dignity of man. On being and one. Heptaplus*. Indianapolis/Cambridge: Hacket Publishing Company, 1965.

OEUVRES COMPLÈTES de Saint Augustin. T. 4. Bar le Duc, L. Guérin, 1866.

OEUVRES DE Froissart publiés avec les variantes de divers manuscrits par M. le Baron Kervin de Lettenhove. T. 9. Osnabrückernag, Biblio Vernag, 1967.

PETROFF, Elizabeth Alvilda (ed.) *Medieval women´s visionary literature*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1986.

PIZAN, Christine. *The Treasure of the City of Ladies or The Book of the Three Virtues.* Trad. Sarah Lawson. London: Penguin Books, 2003.

PIZAN, Christine de et al. *Debate of the Romance of the Rose*. Ed. e trad. David F. Hult. Chicago/ London: University of Chicago, 2010.

PORETE, Marguerite. *Le mirouer des simples ames.* Édité par Romana Guarnieri. Turnhout: Brepols, 1986.

_____ *El espejo de las almas simples*. Madri: Siruela, 2005.

RUSBROCH, D. Jean. *De la vraie contemplation*. Paris: R. Chamonal, 1912.

SÊNECA. *Sobre a ira*. Sobre a tranquilidade da alma. Diálogos. Trad. José E. S. Lohner. São Paulo, Companhia das Letras.

ST. BERNARD Sermons on the Canticle of Canticles, translated from the original latin. Vol. II. Dublin/Belfast/Cork/Waterford: 1920.

THE COMPLETE works of Meister Eckhart. Trad. Maurice O´C Walshe. Introd. Bernard McGinn. New York: The Crossroad Pulblishing Company, 2009.

THE REVELATIONS of St. Birgitta of Sweden. Volume I. Translated by Denis Searby with introductions and notes by Bridget Morris. Oxford University Press, 2006.

TRAITÉ DE la vie spirituelle par S. Vincent Ferrier de l´ordre des frères-précheurs avec des commentaire sur chaque chapitre par la Vén. Mère Julienne Morell, religieuse du même ordre. Poitiers: Henri Oudin, 1866.

VICTOR, Hugo. de S. *Didascálicon da arte de ler*. Petrópolis: Vozes, 2001.

2) Documentação Secundária:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ADAMS, Gwenfair Walters. *Visions in late medieval England*. Lay spirituality and sacred glimpses of the hidden worlds of faith. Leiden/Boston: Brill, 2007.

ÁLVAREZ, F. J. B. *Del escribando a la biblioteca:* la civilización escrita europea en la alta Edad Moderna (siglos XV-XVII). Madri: Síntesis, 1997.

AMTOWER, Laurel. *Engaging words*: the culture of reading in the later Middle Ages. New York: Palgrave, 2000.

ANDERSON, Wendy Love. *The discernment of spirits*: assessing visions and visionaries in the Late Middle Ages. Tübingen: Mohr Siebeck, 2011.

ARIÈS, Philippe. *The hour of our death.* New York: Alfred A. Knopf, 1981.

ARVAY, Susan M. *Private passions:* the contemplation of suffering in medieval affective devotions. New Brunswick/New Jersey, 2008.

ASTELL, Ann W. *Lay sanctity, medieval and modern*: a search for models. Notre Dame: University of Notre Dame, 2000.

_____ ; WHEELER, Bonnie (eds.) *Joan of Arc and spirituality*. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

BADEL, Pierre-Yves. "Pierre d'Ailly, auteur du Jardin amoureux". In: *Romania*, tome 97 n°387, 1976. pp. 369-381.

BAIER, Karl. "Meditation and contemplation in High to Late Medieval Europe". In: FRANCO, E. *Yogic perception, meditation and altered states of consciousness*.Wien, 2009.

BAILEY, Michael. *Battling demons*: witchcraft, heresy, and reform in the Late Middle Ages. Pennsylvania State University Press, 2003.

_____ *Fearful spirits, reasoned follies*: the boundaries of superstition in late medieval Europe. Ithaca/London: Cornell University, 2013.

BARBIER, Fréderic. *História del libro.* Madri: Alianza, 2005.

BARROW, Julia. *The clergy in the medieval world:* secular clerics, their families and carreers in north-western Europe c.800-c.1200. Cambrigde University Press, 2015.

BEATTIE, Cordelia. *Medieval single women*: the politics of social classification in Late Medieval England. New Yorl: Oxford University, 2007.

BEDOS-REZAK, Brigitte M.; IOGNA-PRAT, Dominique. *L´individu au Moyen Âge:* individuation et individualisation avant la modernité. Aubier, Flammarion, 2005.

BEJCZY, István P. *The cardinal virtues in the Middle Ages*: a study in moral thought from the fourth to the fourteenth century. Leiden/Boston: Brill, 2011.

BELLITTO, Christopher. *Nicolas de Clamanges*: spirituality, personal reform, and pastoral renewal on the eve of reformation. Washington: The Catholic University, 2001.

BENNETT, Judith M.; FROIDE, Amy M. (eds.) *Singlewomen in the european past, 1250-1800*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1999.

BÉNTOUÏL, Thomas; BONAZZI, Mauro. (eds.) *Theoria, praxis and the contemplative life after Plato and Aristotle*. Leiden/Boston: Brill, 2012.

BÉRIOU, Nicole. "La prédication au beguinage de Paris pendant l´anné liturgique 1272-1273". *Recherches Augustiniennes et Patristiques*, 1978.

_____ "La prédication aux derniers siècles du Moyen Age". In: *Communications*, 72, 2002. L'idéal éducatif. pp. 113-127.

_____ BOUDET, Jean-Patrice; ROSIER-CATACH, Irène. *Le pouvoir des mots au Moyen Âge*. Turnhout: Brepols, 2014.

BERLIOZ, Jacques. *Monges e reliogiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1996.

BERNARD, David K. *A history of the christian doctrine*: the post-apostolic age to the Middle Ages. Vol. 1. Hazelwood: Word Aflame, 1995.

BESTUL, Thomas H. *Texts of the passion*: latin devotional literature and medieval society. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1996.

BILLER, Peter. "Intellectuals and the masses: oxen and she-asses in the Medieval Church." In: ARNOLD, John H. (ed.) *The Oxford Handbook of Medieval Christianity*. Oxford: Oxford University, 2014.

BOYNTON, Susan; COCHELIN, Isabelle. (eds.) *Disciplina monastica:* studies on medieval monastic life. Études sur la vie monastiqui au Moyen Âge. Turnhout: Brepols, 2005.

BOULTON, Maurren Barry McCann. *Sacred fictions of medieval France:* narrative theology in the lives of Christ and the Virgin, 1150-1500. Cambridge: D. S. Brewer, 2015.

BOQUET, Damien; NAGY, Piroska. *Les sujets des émotions au Moyen Âge*. Paris: Beauchesne, 2008.

_____ *Sensible Moyen Âge:* une histoire des émotions dans l´occident médieval. Paris: Seuil, 2015.

BRODMAN, James William. *Charity and religion in medieval Europe*. Washington: The Catholic University, 2009.

BRUUN, Mette B.; GLASER, Stephanie. *Negotiating heritage*: memories of the Middle Ages. Turnhout: Brepols, 2008.

BURROWS, Mark Stephen. *Jean Gerson and De consolatione theologiae (1418)*. The consolation of a biblical and reforming theology for a disordered age. Eugene: Wipf & Stock, 1991.

BYNUM, Caroline Walter. *Holy feast and holy fast*: the religious significance of food to medieval women. Berkeley/ Los Angeles/ London: University of California, 1987.

BINSKI, Paul. *Medieval death: ritual and representation.* London: British Museum Press, 1996.

BLUMENFELD-KOSINSKI, Renate. *Poets, saints, and visionaries of the Great Schism, (1378-1417)*. Park: The Pennsylvania State University, 2006.

_____ Renate; PETKOV, Kiril (eds.) *Philippe de Mézières and his age*: piety and politics in the fourteenth century. Leiden/Boston: Brill, 2012.

_____ R.; ROBERTSON, D.; WARREN, N. B. *The vernacular spirit*: essais on medieval religious literature. New York: Palgrave, 2002.

_____ *The strange case of Ermine de Reims*: a medieval woman between demons and saints. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2015.

BLOCH, Marc. L. B. *A sociedade feudal.* Lisboa: Edições 70, 1987.

BOUTET, D.; HARF-LANCNER, L. *Écriture et modes de pensée au Moyen Age (VIIIe-XVesiècles)***.** Paris: Presses de l´École Normale Superieure, 1993.

_____ ; STRUBEL, A. *Littérature, politique et societé dans la France du Moyen Age.* Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

BOURRET, E. *Essai historique et critique sur les sermons français de Gerson d´apres les manuscrits inédits de la Bibliothèque impériale et de la Bibliotèque de Tours*. Paris: Charles Douniol, 1858.

BRANTLEY, Jessica. *Reading in the Wilderness: private devotion and public performance in Late Medieval England*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 2007.

BROWN, D. Catherine. *Pastor and laity in the theology of Jean Gerson.* London: Cambridge University Press, 1987.

CARRUTHERS, Mary. *Le livre de la mémoire.* La mémoire dans la culture médiévale. Macula, 2002.

_____ *The medieval craft of memory.* An anthology of texts and pictures. University of Pennsylvania Press, 2002.

_____ *A técnica do pensamento:* meditação, retórica e a construção de imagens (400-1200). Campinas, Sp: Editora da Unicamp, 2011.

DICKENS, Andrea Janelle. *The female mystic*: great women thinkers of the Middle Ages. London/NewYork: I. B. Tauris, 2009.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (dir.) *História das mulheres no ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990.

DUFRESNE, Laura Rinaldi. "Christine De Pizan's 'Treasure of the City of Ladies': A Study of Dress and Social Hierarchy." *Woman's Art Journal*, vol. 16, no. 2, 1995, pp. 29–34. Disponível em www.jstor.org/stable/1358572.

DYAS, Dee.; EDDEN, Valerie; ELLIS, Roger. (orgs.) *Approaching medieval English anchoritic and mystical texts*. Cambridge, D. S. Brewer, 2005.

CAMPAGNE, Fabián Alejandro. "'Va-t´en, Saint Pierre d´enfer': el discernimento de espíritus en las visiones de la beata Ermine de Reims." *AHDLMA*, 80, 2013, pp. 85-121.

CARABINE, Deirdre. *The unknown god*: negative theology in the platonic tradition: Plato to Eriugena. Louvain: Peeters, 1995.

CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. *Histoire des pechés capitaux au Moyen Age.* Paris: Flamarion, 2003.

_____ "Sermo affectuosus: passions et éloquence chrétienne". In: MOOS, Peter Von. *Entre Babel et Pentecôte*: différences linguistiques et communication orale avant la modernité (VIIIe-XVIe siècle). Actes du 3e colloque franco-allemand du groupe de recherche "Société et communication individuelle avant la modernité" (SCI) rattaché à l´Institut Historique de l ´Université de Lucerne. Kassel: Lit, 2006.

_____ *Les péchés de la langue*: discipline et éthique de la parole dans la culture médiévale. Paris: Cerf, 2007.

_____ "Les passions, la mystique, la prière: affectivité et dévotion dans la pensée de Jean Gerson." *Revue Mabillon*, n.s, t. 24, 2013.

CASARELLA, Peter J. (ed.) *Cusanus*: the legacy of learned ignorance. Washington: Catholic University Press, 2006.

CASTANHO, Gabriel de C. G. "A polissemia (social) do deserto: uma história do tópos histórico e historiográfico da solidão monástica no contexto latino medieval". *Rev. hist. (São Paulo)*, n. 173, p. 115-139, jul.-dez., 2015.

CAVALLLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental.* São Paulo: Ática, 1999.

COTTIER, J.-F. *La prière en latin, de l'Antiquité au XVIe siècle: formes, évolutions, significations*. Turnhout: Brepols Publishers, 2006.

CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean. *Histoire de l´édition française.* Fayard/Promodid, 1989.

_____ *A ordem dos livros:* leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XV. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 1994.

_____ *A história cultural:* entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____ *O mundo como representação.* Estudos Avançados. São Paulo, IEA, 5, 11, 10/04/1991 p. 173-191.

_____ *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude.* Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____ *Leituras e leitores na França do Antigo Regime.* São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

CHAUNU, Pierre. *O tempo das reformas* (1250-1550): a crise da cristandade. Lisboa: Edições 70, 1993. v.1.

_____ *O tempo das reformas* (1250-1550): história religiosa e sistema de civilização: a reforma protestante. Lisboa: Edições 70, 1993. v.2.

CHÉLINI, Jean. *Histoire religieuse de l´occident medieval.* Paris: Armand Colin, 1968.

CHIFFOLEAU, Jacques. "Les confréries, la mort et la religion en Comtat Venaissin à la fin du Moyen Âge. In: Mélanges de l'École française de Rome. Moyen-Age, *Temps modernes*, tome 91, n°2. 1979. pp. 785-825.

_____ "La violence au quotidien. Avignon au XIVe siècle d'après les registres de la Cour temporelle". In: Mélanges de l'Ecole française de Rome. Moyen-Age, *Temps modernes*, tome 92, n°2, 1980, pp. 325-371.

_____ *La religion flamboyante.* France (1320-1520). Point, 2011.

COAKLEY, John W. *Women, men and spiritual power.* Female saints and their male collaborators. New York: Columbia University, 2006.

COAKLEY, Sarah; STANG, Charles M. (eds.) *Re-thinking Dionysius the Areopagite.* Blackwell Publishing, 2009.

COLEMAN, Janette. *Ancient and medieval memories.* Studies in the reconstruction of the past. New York: Cambridge University Press, 1992.

COMBES, André. *Jean Gerson commentateur dionysien*. Les *Notulae super quaedam verba Dionysii de caelesti hierarchia.* Paris: J. Vrin, 1940.

COOLMAN, Boyd Taylor. *Knowing god by experience*: the spiritual senses in the theology of William of Auxerre. Washington: The catholic University of America Press, 2004

_____ "The medieval affective dionysian tradition". In: COAKLEY, Sarah; STANG, Charles M. (eds.) *Re-thinking Dionysius the Areopagite.* Blackwell Publishing, 2009.

COURTENAY, William J. *Parisian Scholars in the early fourteenth century:* a social portrait. Cambridge University Press, 2004.

COTTIER, Jean-François. *La prière en latin, de l'Antiquité au XVIe siècle*: formes, évolutions, significations. Turnhout: Brepols Publishers, 2006.

CHRÉTIEN, Jean-Louis. *Symbolique du corps*. La tradition chrétienne du *Cantique des cantiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2005.

DAILEADER, Philip. *Saint Vincent Ferrer, his world and life*. Religion and society in late medieval Europe. New York: Palgrave Macmillan, 2016.

DAILEY, Patricia. *Promised bodies*. Time, language and corporeality in medieval women´s mystical texts. New York: Columbia University, 2013.

DELHAYE, Delhaye; DIDIER, Jean-Charles; ANCIAUX, Paul. *Pastorale du peché*. Paris: Desclée, 1961.

DELUMEAU, Jean. *A confissão e o perdão: a confissão católica século XII a XVIII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____ *O pecado e o medo*: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18) Bauru: Edusc, 2003.

DIXON, Thomas. *From passions to emotions*: the creation of a secular psychological category. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DOSSE, François. *El arte de la biografía*: enrte história e ficción. Cidade do México: Univerdidade Hiberoamericana, 2007.

DUBY, Georges; MANDROU, Robert. *Histoire de la civilisation française.* Paris: Armand Colin, 1968.

_____ *História artística da Europa.* Rio de Janeiro: Paz e Terra 1997.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*: formação do Estado e civilização. Rio de janeiro: Zahar, 1993. v. 2.

_____ *O processo civilizador*: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.

_____ *A sociedade dos indivíduos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____ *Sobre o tempo.* Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____ *A solidão dos moribundos*. Seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____ *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

DUFRESNE, Laura Rinaldi. "Christine De Pizan's 'Treasure of the City of Ladies': A Study of Dress and Social Hierarchy." *Woman's Art Journal*, vol. 16, no. 2, 1995, pp. 29–34.

ELIAV-FELDON, Miriam; HERZIG, Tamar (eds.) Dissimulation and Deceit in Early Modern Europe. New York: Palgrave Macmillan, 2015.

ELLIOTT, Dyan. *Fallen bodies*: pollution, sexuality, and demonology in the Middle Ages. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1999.

_____ "Seeing Double: John Gerson, the discernment of Spirits, and Joan of Arc". *American Historical Review*, fev/2002, p. 27.

_____ *Proving woman*: female spirituality and inquisitional culture in the later Middle Ages. Princeton: Princeton University, 2004.

ENENKEL, Karl; MELION, Walter. *Meditatio - refashioning the self.* Theory and practice in late medieval and early modern intellectual culture. Leiden/Boston: Brill, 2011.

ERICKSON, Carolly. *The medieval vision*: essays in history and perception. New York: Oxford University, 1976.

EVANS, Gillian R. *Bernard of Clairvaux*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2000.

Faire Croire: modalités de la diffusion et de la réceptions des messages religieux du XIIe au XVe siècle. Roma: École Française de Rome, 1981.

FANNING, Steven. *Mystics of the Christian tradition*. London/New York, Routledge, 2001.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro.* São Paulo: Unesp; Hucitec, 1992.

FERZOCO, George; MUESSIG, Carolyn. (eds.) *Medieval monastic education*. New York: Leicester University, 2000.

Fin du monde et signe des temps: visionnaires et profetes en France méridionale (fin XIIIe – début XVe siècle). Cahiers de Fanjeaux, 27. Fanjeaux: Privat, 1992.

FOUCAULT, Michel. *De lenguaje y literatura*. Introd. Ángel Gabilondo. Barcelona: Paidós, 1994.

_____ *As palavras e as coisas:* uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____ *História da sexualidade 3*: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____ *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2004.

_____ *A ordem do discurso.* São Paulo: Loyola, 2008.

_____ *Arqueologia da ciência e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____ *A hermenêutica do sujeito.* São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____ *A coragem da verdade:* o governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1983-1984). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____ *Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Ditos e Escritos*. Vol. IX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FULTON, Rachel. *From judgement to passion*: devotion to Christ and the Virgin Mary (800-1200). New York: Columbia University, 2002.

FRANÇA, Susani S. L. *Mulheres dos outros*: os viajantes cristãos nas terras a oriente. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

FRASSETTO, Michael. *Heretic lives*: medieval heresy from bogomil and the cathars to Wyclif and Hus. Suffolk: Profile, 2007.

GADAMER, Hans Georg. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GAMBERO, Luigi. *Mary in the Middle Ages*: the blessed Virgin Mary in the thought of medieval latin theologians. Trad. Thomas Buffer. São Francisco: Ignatius Press, 2000.

GAVRILYUK, Paul L.; COAKLEY, Sarah. *The spiritual senses:* perceiving God in Western Christianity. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

GEARY, Patrick. *Phantoms of remembrance.* Memory and oblivion at the end of the first millennium. New Jersey: Princeton University Press, 1996.

GENET, Jean.-Philippe. *La mutation de l´éducation et de la culture médiévale.s* v.2. Paris: Seli Arslan, 1999.

GÉRAUD, Hercule. "De Guillaume de Nangis et de ses continuateurs". In: *Bibliothèque de l'école des chartes*. 1842, tome 3. pp. 17-46.

GEREMEK, Bronislaw. *A Piedade e a Forca*. História da Miséria e da Caridade na Europa. Lisboa: Terramar, 1988.

GILSON, Étienne. *Reason and revelation in the Middle Ages.* London/ New York: Charles Scribner´s Sons, 1939.

_____ *The mystical theology of Saint Bernard*. New York: Sheed and Ward, 1940.

_____ *Christian Philosophy*. An introduction. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1993.

_____ *A filosofía na Idade Média.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____ *O espírito da filosofia medieval.* São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GOUREVITCH, Aaron. "L´individualité au Moyen Age". *Annales ESC*, setembro-outubro 1993, n. 5, pp. 1263-1280.

_____ *La naissance de l´individu dans l´Europe médiévale.* Paris: Éditions du Seuil, 1997.

_____ "Au Moyen Âge: conscience individuelle et image de l'au-delà." In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 37e année, N. 2, 1982. pp. 255-275.

GUENÉE, Bernard. *O ocidente nos séculos XIV e XV*: os estados. São Paulo: Pioneira, 1971.

_____ *Entre l´Église et l´État*: quatre vies de prélats français à la fin du Moyen Âge. (XIIIe-XVe siècle). Paris: Gallimard, 1987.

GUITTON, Jean. *Justificação do tempo*. Lisboa: União Gráfica, 1969.

_____ *Le temps et l´eternité chez Plotin et Saint Augustin.* Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1959.

GUNTHER, Horst. *Le temps de l´histoire.* Expérience du monde et catégories temporelles en philosophie de l´histoire de Saint Augustin à Pétrarque de Dante à Rousseau. Paris: Éd. De la Maison de Sciences de l´Homme, 1996.

GUYADER, Josseline. "La penitence privée au XVe siècle. D´après les statuts synodaux de Bernard de Rosier, archevêque de Toulouse (Pâques 1452)". In: HAROCHE, C. *Le for intérieur.* Presses Universitaires de France, 1995.

GRANT, Patrick. *Literature of mysticism in western tradition*. London: The Macmillan, 1983.

GREEN, Karen; MEWS, Constant. *Virtue Ethics for Women (1250-1500)*. London/New York: Springer, 2001.

GRUNDMANN, Herbert. *Movimenti religiosi nel medioevo*. Bolonha: Mulino, 1970.

HADOT, Pierre. "Exercices spirituels." In: *École pratique des hautes études, Section des sciences religieuses.* Annuaire. Tome 84, 1975-1976. 1974. pp. 25-70.

_____ *Philosophy as a way of life:* spiritual exercises from Socrates to Foucault. Trad. Michael Chase. Malden/Oxford: Blackwell, 1995.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Centauro, 2006.

HAMM, Berndt. *The reformation of faith in the context of late medieval theology and piety*. Leiden/Boston: Brill, 2004.

HAMMOND, Jay M.; HELLMANN, J. A. Wayne; GOFF, Jared. *A companion to Bonaventure*. Leiden/Boston: Brill, 2014.

HARTOG, François. *Régimes d´historicité: présentisme et expérience du temps.* Paris: Seuil, 2003.

HASENOHR, Geneviève. "Aspects de la littérature de spiritualité en langue française (1480-1520)". In: *Revue d'histoire de l'Église de France*. Tome 77. N°198, 1991. pp. 29-45.

_____ "La tradition du Miroir des simples âmes au XVe siècle : de Marguerite Porète († 1310) à Marguerite de Navarre." In: *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 143e année, N. 4, 1999. pp. 1347-1366.

_____ *Textes de devotion et lectures spirituelles en langue romane (France, XII*[e] *-XVI*[e] *siècle)*. Turnhout: Brepols, 2015.

HARRINGTON, L. Michael. (ed.) *A thirteenth century textbook of Mystical Theology at the University of Paris.* The Mystical Theology of Dionysius the Areopagite in Eriugena´s Latin translation with the schoolia translated by Anastasius the librarian and excerpts from Eriugena´s Periphyseon. Paris/Leuven/Dudley: Peeters, 2004.

HAYES, Zachary. *Bonaventure*. Mystical writings. New York: Crossroad, 1999.

HECK, Christian. "Le livre illustré et la dévotion des laïcs au XIVe siècle : les enluminures du Ci nous dit de Chantilly". In: *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 144e année, N. 1, 2000. pp. 173-196.

HERLIHY, David. *Medieval households*. London: Harvard University, 1985.

HOBBINS, Daniel. *Authorship and publicity before print*. Jean Gerson and the transformation of late medieval learning. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2009.

HOLLYWOOD, Amy; BECKMAN, Particia Z. *The Cambridge companion to Christian mysticism.* Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

HOLMES, James S. (ed.) *The nature of translation*: essays on the theory and practice of literary translation. Mouton/The Hague/ Paris: Publishing House of the Slovak Academy of Sciences, 1970.

HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média.* Ulissea: Lisboa, 19--?

JAGER, Eric. "The book of the heart: reading and writing in the medieval subject." *Speculum*, vol. 71, n.1, jan., 1996, pp.1-26.

JIMENO, Arribas S. *La fascinante historia de la alquimia descrita por un cientifico moderno*. Oviedo: Universidad de Oviedo, Servicio de publicaciones, 1991.

KALUZA, Zénon. "Late medieval philosophy, 1350-1500." In: MARENBON, John. (ed.) *Routledge history of philosophy*: medieval philosophy. London/New York: Routledge, 1998.

KARNES, Michelle. *Imagintation, meditation and cognition in the Middle Ages.* Chicago/London: University of Chicago Press, 2011.

KATAJALA-PELTOMAA, Sari; NIIRANEN, Susanna (eds.) *Mental (Dis)Order in Late Medieval Europe.* Leiden/Boston: Brill, 2014.

KENNEY, John Peter. *Contemplation and classical christianity*. A study in Augustine. Oxford University Press, 2013.

KNUUTTILA, Simo. *Emotions in ancient and medieval philosophy*. Oxford/New York: Oxford University, 2004.

KOCHER, Suzanne Aleta. *Gender and power in Marguerite Porete´s Mirouer des simples ames*, 1999.

KRETZMANN, Norman; KENNY, Anthony; PINBORG, Jan. *The Cambridge history of late medieval philosophy.* From the rediscovery of Aristotle to the disintegration of scholasticism (1100-1600). Cambridge University Press, 1982.

LABARGE, Margaret Wade. *A medieval miscellany*. Ottawa: Carleton University Press, 1997.

LACAPRA, Dominick. *History and criticism*. Ithaca/London: Cornell University Press, 1985.

La parole sacré: formes, fonctions, sens (XIe-XVe siècle). Cahiers de Fanjeux. Toulouse: Privat, 2013.

LANGHOLM, Odd. *The merchant in the confessional*: trade and price in the pre-reformation penitential handbooks. Leiden/Boston: Brill, 2003.

LANGUM, Virginia. *Medicine and the seven deadly sins in late medieval literature and culture.* New York: Palgrave Macmillan, 2016.

LEBER, M.M.C; SALGUES, J.-B.; COHEN, J. *Collection des meilleurs dissertations, notices et traits particuliers relatifs a l´histoire de France.* T. 2. Paris: J.G. Dentu, 1826.

LE GOFF, Jacques. *La baja Edad Media.* Madri: Siglo XXI, 1973.

_____ *Os intelectuais na Idade Média.* São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____ *O imaginário medieval.* Lisboa: Estampa, 1994.

_____ *O nascimento do Purgatório.* Lisboa: Estampa, 1993.

_____ ; RÉMOND, René. *Histoire de la France religieuse (des origines au XIVe siècle).* T. 2. Paris: Seuil, 1988.

_____ RÉMOND, René. *Histoire de la France religieuse (XIVe – XVIIIe siècle).* v. 2. Paris: Seuil, 1988.

LERNER, Robert E. *The heresy of the Free Spirit in the Later Middle Ages*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2007 (1972).

L'HERMITE-LECLERCQ, Paulette. "Le reclus dans la ville au Bas Moyen Âge". In: *Journal des savants*. 1988, N°3-4, pp. 219-262. Disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/jds_0021-8103_1988_num_3_1_1517

LEYSER, Conrad. *Authority and ascetism from Augustine to Gregory the Great*. Oxford/New York: Oxford University, 2000.

LEYSER, Henrietta. *Hermits and the new monasticism*: a study of religious communities in Western Europe 1000-1150. New York: Macmillan Education, 1984.

LIBERA, Alain de. *La philosophie médiévale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

_____ *Pensar na Idade Média.* São Paulo: 34, 1999.

LOBRICHON, Guy. (dir.) *Le Moyen Age et la Bible*. Paris: Beauchesne, 1984.

_____ *La religion des laïcs au Moyen Âge*: XIe – Xve siècles. Hachette, 1994.

LOUTH, Andrew. *The origins of the Christian mystical tradition*: from Plato to Denis. New York: Oxford University Press, 2007.

MAKOWSKI, Elizabeth. *A pernicious sort of women:* quasi-religious women and canon lawyers in later Middle-Ages. Washington: The Catholic University, 2005.

MÂLE, Émile. *L´art religieux de la fin du Moyen Age en France*: étude sur l´iconographie du Moyen Age et sur ses sources d´inspiration. Paris: Armand Colin, 1922.

_____ *El arte religioso del siglo XIII en Francia:* el gótico. Madrid: Encuentro, 2001.

MARCOUX, Robert. "Vultus velatus ou la figuration positive de la tristesse dans l'iconographie de la fin du Moyen Âge", *Médiévales* [En ligne], 61 | automne 2011, mis en ligne le 31 janvier 2012, consulté le 30 septembre 2016. URL: http://medievales.revues.org/6590

MARENBON, John. (ed.) *Routledge history of philosophy*. Medieval philosophy. London/New York: Routledge, 1998.

MASUR-MATUSEVITCH, Yelena. *Le siècle d´or da la mystique française:* de Jean Gerson à Jacques Lefèvre d´Étaples. Paris: Arché-Edidit, 2004.

_____ "La position de Jean Gerson (1363-1429) envers les femmes". *Le Moyen Age*, 2/2006 (Volume CXII).

MCGINN, Bernard. *Visions of the end*: apocalyptic traditions in the Middle Ages. New York: Columbia University Press, 1979.

_____ "Love, Knowledge, and Mystical Union in Western Christianity: Twelfth to Sixteenth Centuries." *Church History* 56, no. 1, 1987, pp. 7-24. Diponível em http://www.jstor.org/stable/3165301.

_____ "The Changing Shape of Late Medieval Mysticism." *Church History* 65, no. 2 (1996): 197-219. Diponível em http://www.jstor.org/stable/3170288.

_____ (ed). *Meister Eckhart and the beguine mystics*. Hadewijch of Brabant, Metchild of Magdeburg and Marguerite Porete. New York: Continuum, 2001.

_____ *The mystical thought of Meister Eckhart*: the man from whom god hid nothing. New York: Herder and Herder Book/ The Crossroad of Publishing Company, 2001.

_____ *The harvest of mysticism in medieval Germany*. The presence of God. A history of Western Mysticism. Vol. IV. New York: Herder and Herder, 2005.

_____ "Two mystical controversies of the Fifteenth century: turning points in the History of Mysticism?" *American Cusanus Society*, XXV, n.1, jul. 2008.

_____ *Varieties of vernacular mysticism (1350-1550).* New York: Herder & Herder, 2012.

MCGUIRE, Brian Patrick. *Jean Gerson and the last medieval reformation*. The Pennsylvania State University Press, 2005.

_____ *A companion to Jean Gerson.* Leiden/Boston: Brill, 2006.

MCLOUGHLIN, Nancy. *Jean Gerson and Gender*. Rethoric and politics in fifteenth-century France. New York: Palgrave Mcmillan, 2015.

MCNAMER, Sarah. *Affective meditation and the invention of medieval compassion*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2010.

MILLER, Tanya Stabler. *The beguines of medieval Paris*: gender, patronage and spiritual authority. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2014.

MINNIS, Alastair; VOADEN, Rosalynn (eds.) *Medieval holy women in the Christian tradition, c. 1100-c.1500*. Turnhout: Brepols, 2010.

MITCHELL, Nathan D. *The mystery of the rosary:* marian devotion and the reinvention of Catholicism. New York: New York University Press, 2009.

MOLINIER, Auguste. *Catalogue général des manuscrits des bibliothèques publiques de France, Bibliothèque Mazarine*. v. I. Paris, 1885.

MOLLAT, Michel. *Os pobres na Idade Média*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

MOWBRAY, Donald. *Pain and suffering in medieval theology:* academic debates at the university of Paris in the thirteenth century. Woodbridge: The Boydell Press, 2009.

MURRAY, Alexander. *Conscience and authority in the medieval church*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

MUESSIG, Carolyn. "Sermon, preacher and society in the middle ages." Journal of Medieval History 28 (2002), pp. 73–91.

MULDER-BAKKER, Anneke B. (ed.) *Seeing and knowing*: women and learning in medieval Europe 1200-1550. Turnhout: Brepols, 2004.

_____ ; MCAVOY, Liz Herbert. *Women and experience in later medieval writing*. Reading the book of life. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

MURPHY, James J. *Rhetoric in the Middle Ages*. A history of the rhetorical theory from Saint Augustine to the Renaissance. Tempe, University of California, 2001.

NAGY, Piroska. *Le don des larmes au Moyen Âge*. Un instrument spirituel en quête d´intituition (ve - XIIIe siècle). Paris: Albin Michel, 2000.

NEWMAN, Barbara, "What did it mean to say 'I saw'? The clash between theory and practice in medieval visionary culture", *Speculum*, 80, 2005.

NEWMAN, Charlotte; LIVINGSTONE, Amy. *Writing medieval women´s lives*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

OAKLEY, Francis. *The conciliarist tradition*: constitutionalism in the catholic church 1300-1870. New York: Oxford University Press, 2003.

OBERMAN, Heiko Augustinus. *The harvest of medieval theology:* Gabriel Biel and Late Medieval Nominalism. Cambridge: Harvard University Press, 1963.

_____ *Masters of the reformation: the emergence of a new intellectual climate in Europe*. Cambrigde/London/New York: Cambridge University Press, 1981.

ODILE, Redon. "Parcours érémitiques." In: *Médiévales*, n°28, 1995. Le choix de la solitude. Parcours érémitiques dans les pays d'Occident, 28, 1995, pp. 5-9.

ORCIBAL, Jean. Le « Miroir des simples âmes » et la « secte » du Libre Esprit. In: *Revue de l'histoire des religions*, tome 176, n°1, 1969. pp. 35-60.

_____ *Masters of the reformation*: the emergence of a new intellectual climate in Europe. Cambrigde/London/New York: Cambridge University Press, 1981.

OZMENT, Steven E. (ed., trad.) *Jean Gerson:* selections from A Deus exivit, Contra curiositatem studentium and The mystica theologia speculativa. Leiden: Brill, 1969.

_____ *The age of reform 1250-1550*: an intellectual and religious history of late medieval and reformation Europe. New Haven/London: Yale University Press, 1980.

PANACCIO, Claude. *Le discours intérieur:* de Platon à Guillaume d´Ockham. Paris: Seuil, 1999.

PASCOE, Louis B. *Jean Gerson*: principles of Church Reform. Leiden: E. J. Brill, 1973.

_____ *Church and reform:* bishops, theologians, and canon lawyers in the thought of Pierre D´Ailly. Leiden/Boston: 2005.

PERFETTI, Lisa (ed.) *The representation of women´s emotions in medieval and early modern culture.* Gainesville: The University Press of Florida, 2005.

PETROFF, Elizabeth Alvilda (ed.) *Medieval women´s visionary literature*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1986.

PETRY, Ray C. Petry (1952). "Social Responsibility and the Late Medieval Mystics". *Church History*, 21, pp 3-19. doi:10.2307/3162067.

_____ *Late medieval mysticism*. The Westminster Press, 1957.

PILORGET, Julie. "Recherche de la paix intérieure et réclusion féminine: l´exemple d´Amiens à la fin du Moyen Age." In: *Questes*, 26, 2013.

POST, R. R. *The Modern Devotion*. Confrontation with Reformation and Humanism. Leiden: E.J. Brill, 1968.

POTTS, Timothy. *Conscience in medieval philosophy.* London/New York: Cambridge University Press, 1980.

RADDIE-GALLWITZ, Andrew. *Basil of Caesarea, Gregory of Nissa, and the transformation of divine simplicity*. New York: Oxford University, 2009.

RAPP, Francis. *L´Église et la vie religieuse en occident a la fin du Moyen Age*. Paris: PUF, 1971.

REINBURG, Virginia. "Liturgy and the Laity in Late Medieval and Reformation France." *Sixteenth Century Journal* 23, no. 3 (1992): 526. doi:10.2307/2542493.

RICHÉ, Pierre; LOBRICHON, Guy. (dir.) *Le Moyen Age et la Bible*. Paris: Beauchesne, 1984.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994.

_____ *A memória, a história, o esquecimento.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RITCHEY, Sara. *Holy Matter:* Changing Perceptions of the Material World in Late Medieval Christianity. Ithaca/ London: Cornell University Press, 2014.

_____ “Spiritual Arborescence: trees in the medieval Christian imagination”. *Spiritus*, 8, Johns Hopkins University Press, 2008.

_____ “Rethinking the twelfth-century discovery of nature.” In: *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, 39, 2, 2009.

_____ “Wessel Gansfort, John Mombaer, and medieval technologies of the self: affective meditation on a fifteenth century emotional community”. *Fifteenth Century Studies*, n. 38, 2013.

RIVERS, Kimberly. A. *Preaching the memory of virtue and vice:* memory, images and preaching in the Late Middle Ages. Brepols: Turnhout, 2010.

ROLLO-KOSTER, Joëlle; IZBICKI, Thomas M. (eds.) *A companion to the great western schism*. Leiden/ Boston: Brill, 2009.

ROLT, Clarence Edwin. *Dionysius the Areopagite: on the Divine Names and the Mystical Theology*. London: SPCK, 1920.

ROSENFELD, Jessica. *Ethics and enjoyment in late medieval poetry*. Love after Aristotle. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

ROREM, Paul. *Pseudo-Dionysius*. A commentary on the texts and an introduction to their influence. New York/Oxford: Oxford University Press, 1993.

_____ ROREM, Paul. *Hugh of Saint Victor*. New York: Oxford University Press, 2009.

ROUSSELOT, Pierre. *The problem of love in the Middle Ages*. A historical contribution. Milwaukee: Marquette University, 2001.

RUBIN, Miri. *Emotion and devotion:* the meaning of Mary in medieval religious cultures. Budapest/New York: Ceu Press, 2009.

RÜEGG, Walter. *Uma história da universidade na Europa*. Volume I: as universidades na Idade Média. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1996.

SAENGER, Paul. *Space between words:* the origins of silent reading. Stanford: Stanford University Press, 1997.

SAND, Alexa. V*ision, devotion and self-representation in late medieval art.* New York: Cambridge University, 2014.

SCHMITT, Jean-Claude. *La raison des gestes dans l´occident médiéval.* Paris: Gallimard, 1990.

_____ “La culture de l´imago”. *Annales. Histoire, Sciences Sociales.* 51 Année, n. 1, jan.-feb., 1996, pp. 3-36.

_____ *História das superstições*. Portugal, Publicações Europa-América, 1997.

_____ *Os vivos e os mortos.* São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____ *O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo*. Ensaios de antropologia medieval. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____ "Récits et images des rêves au Moyen Âge". In.: *Ethnoloie française nouvelle serie*, t. 33, n. 4, *Voix, visions, apparitions*, (oct.-déc. 2003), pp. 553-563.

_____ *O corpo das imagens:* ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

SCHUMACHER, Lydia. "Augustinian reflections on Christian perfection". *Expository Times*, 121 (11), 2010. pp. 548-550.

SLUHOVSKY, Moshe. *Believe not every spirit*: possession, mysticism and discernment in Early Modern catholicism. Chicago/London: University of Chicago, 2007.

SOMERSET, Fiona; WATSON, Nicholas (eds.) *The vulgar tongue*: medieval and postmedieval vernacularity. Pennsylvania University State, 2003.

STERPONI, Laura. "Reading and meditation in the Middle Ages: lectio divina and books of hours." In.: STERPONI, L. *The spirit of reading*: Practices of reading sacred texts. Special issue of Text & Talk, 28(5), 2008. pp. 667-689.

STRUBEL, Armand. *"Grant senefiance a": allégorie et literature au Moyen Âge.* Paris: Honoré Champion, 2002.

SWANSON, R. N. *Religion and devotion in Europe*, c. 1215-c.1515. Cambridge University, 1995.

_____ *Universities, academics and the great schism*. London/New York/Melbourne: Cambridge University Press, [1979] 2002.

TANNER, Norman P. (ed.) *Decrees of the Eccumenical Councils*. Volume One: Nicaea I to Lateran V. London/Washington: Sheed & Ward e Georgetown University Prees, 1990.

TAYLOR, Larissa. *Soldiers of Christ*: preaching in Late Medieval and Reformation France. New York/Oxford: Oxford University Press, 1992.

_____ (ed). *Preachers and people in the reformations and early modern period*. Boston/Leiden: Brill, 2003.

TENENTI, Alberto. *Sens de la mort et amour de la vie. Renaissence en Italie et en France.* Serge Fleury – L´Harmattan, 1983.

TONNERRE, Noël-Yves. *Être chrétien en France au Moyen Age*. Paris: Seuil, 1996.

TROTTMANN, Christian. *Vers la contemplation*: études sur la syndérèse et les modalités de la contemplation de l´Antiquité à la Renaissance. Paris: Honoré Champion, 2007.

_____ “Contemplation et vie contemplative selon trois Chartreux”. *Revue des sciences philosophiques et théologiques*. Vrin, 2013/4, t. 87, pp. 633-680.

TURNER, Denys. *The darkness of God*: negativity in Christian mysticism. Cambridge University Press, 1995.

VAUCHEZ, André. “Les pouvoirs informels dans l'Église aux derniers siècles du Moyen Âge: visionnaires, prophètes et mystiques”. In: *Mélanges de l'Ecole française de Rome*. Moyen-Age, Temps modernes, T. 96, N°1. 1984. pp. 281-293.

_____ *Les laïcs au Moyen Âge.* Paris: Cerf, 1987.

_____ *A espiritualidade da Idade Média ocidental:* séc. VIII-XIII. Lisboa: Estampa, 1995.

_____ “Un réformateur religieux dans la France de Charles VI : Jean de Varennes (+ 1396 ?).” In: *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 142e année, N. 4, 1998. pp. 1111-1130.

_____ *Saints, prophètes et visionnaires*. Le pouvoir surnaturel au Moyen Age. Paris: Albin Michel, 1999.

_____ “ Avant-propos ”, *Cahiers de recherches médiévales* [En ligne], 8 | 2001, mis en ligne le 13 mars 2008, disponível em : http://crm.revues.org/399; In: BOZOKY, Edina, “ Les moyens de la protection privée ”, *Cahiers de recherches médiévales* [En ligne], 8 | 2001, mis en ligne le 13 mars 2008, disponível em : http://crm.revues.org/397

VERGER, Jacques. *As universidades na Idade Média.* São Paulo: Unesp, 1990.

_____ *Homens e saber na Idade Média.* Bauru: Edusc, 1999.

VEYNE, P. *O Inventário das diferenças*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

_____ *Acreditavam os gregos em seus mitos?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

_____ *Le quotidien et l’intéressant*. Paris: Hachette, 1995.

_____ *Como se escreve a história/ Foucault revoluciona a história.* Brasília: UnB, 1998.

_____ *Quando nosso mundo se tornou cristão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____ VEYNE, Paul. *Sêneca e o estoicismo*. Trad. André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

VIAL, Marc. *Jean Gerson théoricien de la théologie mystique*. Paris: J. Vrin, 2006.

VOADEN, Rosalynn. *God´s words, women´s voices*: the discernment of spirits in the writing of late medieval women visionaries. York: York Medieval Press, 1999.

VON MOOS, Peter. Occulta cordis. Contrôle de soi et confession au Moyen Âge, I. Formes du silence”. In: *Médiévales*, N°29, 1995, pp. 131-140.

_____ “Occulta cordis. Contrôle de soi et confession au Moyen Âge” (II). In: *Médiévales*, N°30, 1996. pp. 117-137.

VOVELLE, Michel. *Les âmes du purgatoire:*ou le travail du deuil. Paris: Galimard, 1996.

_____ *Imagens e imaginário na história:* fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ática, 1997.

YATES, Frances. A. *A arte da memória.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

YOUNG, Spencer E. *Crossing bondaries at medieval universities*. Leiden/Boston: Brill, 2011.

ZIEGLER, Joseph. *Medicine and religion c. 1300*. The case of Arnau de Vilanova. Oxford: Clarendon Press, 1998.

ZINK, Michel. *Poésie et conversion au Moyen Âge.* Paris: Presses Universitaires de France, 2003.

_____ *Parler aux “simples gens”: un art littéraire médiévale*. Paris: College de France, 2014-2016. (Curso).

ZOMBORY-NAGY, Piroska; EL KENZ, David; GRÄSSLIN, Matthias; FRANDON, Véronique. “Pour une histoire de la souffrance: expressions, représentations, usages.” In: *Médiévales*, Du bon usage de la souffrance, n°27, 1994.. pp. 5-14.

ZUMTHOR, P. *A letra e a voz:* a “literatura medieval”. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____ *Essai de poétique médiévale.* Paris: Seuil, 2000.

WARNAR, Geert. *Ruusbroec*: literature and mysticism in the fourteenth century. Leiden/Boston: Brill, 2007.

WATSON, Nicholas (eds.) *The vulgar tongue*: medieval and postmedieval vernacularity. Pennsylvania University State, 2003.

WATT, Diane. *Secretaries of God*: Women Prophets in Late Medieval and Early Modern England. New York: Boydell & Brewer, 1997.

WEAVER, Rebecca Harden. *Divine grace and human agency*: a study of the semi-pelagian controversy. Macon: Mercer University, 1996.

WEBB, Diana. *Privacy and solitude in the Middle Ages*. New York/London: Continuum/ MPG Books, 2007.

WEI, Ian P. *Intellectual Culture in Medieval Paris*: theologians and the university c. 1100-1330. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

WEIGEL, Peter. *Aquinas on simplicity*: an investigation into the foundations of his philosophical theology. Oxford/Bern/Berlin/Bruxelles/Frankfurt/New York/Wien: Peter Lang, 2008.

WIETHAUS, Ulrike (ed.) *Maps of flesh and light:* the religious experience of medieval women mystics. Syracuse/ New York: Syracuse University, 1993.

WHEELER, Bonnie (eds.) *Joan of Arc and spirituality*. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

WHITEHEAD, Barbara J. (ed.) *Women´s education in early modern Europe*. A history, 1500-1800. New York: Garland Press, 1999.

Dicionários:

Dictionnaire du Moyen Français (1330-1500). Disponível em http://www.atilf.fr/dmf/

IMAGENS



LE LIVRE du Jardin de contemplation, par maistre Jehan Henry, chantre de l'eglise de Paris. BNF, Fr. 997.



LE LIVRE de mendicité spirituelle composé par maitre Jehan Gerson. 1401-1500. Manuscrito. BNF, Département de manuscrits, Français 1847.



LE LIVRE de contemplacion. 1401-1500. Manuscrito. BNF, Département de manuscrits, Français 990.

A MONTANHA DE CONTEMPLAÇÃO

de Jean Gerson

1 - A razão de escrever em francês e aos simples sobre o tema da contemplação

Alguns poderão espantar-se porque eu quis escrever em francês e não em latim, e mais às mulheres do que aos homens, sobre uma matéria tão alta como a vida contemplativa; [pois creem que este] assunto não convém aos simples iletrados. A isso, respondo que, em latim, esta matéria foi tratada muito excelentemente em diversos livros e tratados de santos doutores, como São Gregório em suas "Moralidades", São Bernardo nos "Cânticos", Ricardo de São Vítor e muitos outros. Os clérigos que sabem o latim podem recorrer a tais livros. Mas, ao contrário, foi para os simples, e em especial para minhas irmãs,[1] que eu quis escrever sobre essa vida e esse estado. Isto porque, como disse o Apóstolo, a mulher que é virgem e permanece sem casamento deve aplicar-se em encontrar formas de agradar somente a Deus, não ao mundo, da mesma maneira que a casada se esforça para agradar o marido e governar sua casa. Assim, não há nada mais conveniente do que escrever para minhas ditas irmãs, que pelo dom de Deus vivem há muito tempo sem casamento, para ensiná-las como agradarão a Deus servindo a Ele continuamente, amando-o e honrando-o. E a simplicidade de minhas irmãs não me impede de fazê-lo, pois não pretendo dizer nada que elas não possam compreender segundo o entendimento que eu já pude comprovar que dispõem.

2 - Clerezia não é condição necessária às pessoas contemplativas

Ainda que o grande saber clerical e a grande instrução na lei de Deus e nas santas escrituras sejam muito convenientes à pessoa que queira ascender às alturas da contemplação, algumas vezes tal ciência constitui um impedimento, não em si mesma, mas por causa do orgulho e do inchaço orgulhoso que a pessoa letrada assume. Pois é, certamente, impossível chegar à verdadeira contemplação, a não ser pela humildade, como ensina o Apóstolo. Se alguém, diz ele, quer ser sábio neste mundo, deve primeiro tornar-se tolo para ser sábio, quer dizer, deve ter um entendimento modesto e se considerar tolo aos olhos da sabedoria de Deus, além de admitir que não pode compreender suas obras e julgamentos. Por isso, em muitos clérigos, não há nada que mais os impeça de alcançar esta vida do que não aceitarem humilhar-se e aplicar o seu entendimento aos mistérios da Encarnação de Nosso Senhor e de seus feitos, que são tão humildes. E quem não entra por esta entrada, que é tão humilde e

[1] Gerson utiliza aqui o adjetivo "*germaines*", indicando serem irmãs de sangue.

baixa, é ladrão e trabalha em vão, como disse Jesus Cristo. Assim, o homem que caminha de cabeça erguida, ou seja, com grande reputação por causa de seu conhecimento e de sua ciência, e que não se permite inclinar diante de uma pequena criança ou de uma frágil mulher, jamais poderá adentrar em um caminho tão humilde, ao contrário, ele se ferirá e voltará atrás, como alguns dos discípulos de Jesus Cristo, quando o ouviram pregar sobre o sacramento do altar. Acontece, pois, que muitos clérigos desejaram ter permanecido em seu estado de simplicidade, como suas mães, sem saber ler; não que a ciência não seja proveitosa para quem tem a graça de usá-la bem e humildemente, porém, ocorre que, com ela, vem o orgulho. Como disse o Apóstolo, a ciência infla. Isso acontece também de acordo com as diversas compleições das pessoas. Como um bom vinho prejudica aquele que tem febre, e a espada, aquele que é furioso, pois ele se mata; ou a luz agride os olhos inchados. O mesmo faz a clerezia às pessoas afetadas pela má conduta.

3 - Sobre os dois tipos de pessoas e qual é o melhor para contemplação

São Gregório, no sexto livro de suas *Moralidades*, disse que algumas pessoas, por sua natureza, compleição ou pelo hábito, são tão inclinadas ao trabalho exterior e às ocupações terrenas que não podem dedicar-se ou elevar-se à vida contemplativa, pois se adequam mais à ativa. E, se, do contrário, elas se esforçarem para fazê-lo, cairão sempre em grandes erros e em blasfêmias. Devem, portanto, ocupar-se na vida ativa. Outras pessoas são de pensamento tão tranquilo[2] e tão inativas que não há ocupação exterior que elas possam suportar; vivem e deleitam-se em admirar as obras de Deus e o caminho dos céus, pensando humildemente na salvação. Essas pessoas devem libertar-se das ocupações mundanas tanto quanto puderem, pois nelas trabalhariam em vão, e perderiam muito mais do que receberiam algum proveito. Outras, por hábito, por virtude, por compleição ou por grande amor a Deus, entendem que podem dedicar-se a uma, depois a outra, tal como devem agir especialmente os prelados. Alguns clérigos são do primeiro estado e condição: muitas vezes caem no erro quando se empenham muito em pensamentos profundos, deixando de lado as ocupações exteriores. Advém também que algumas pessoas simples sejam da outra condição e que seguramente possam viver em solidão e pensar cotidianamente em sua salvação, sem quaisquer outras preocupações ou ocupações terrenas. Assim, vê-se que as pessoas simples não devem ser

[2] Discretas ou silenciosas.

excluídas, a ponto de não se poder muito bem falar a elas sobre esta vida. E nós vimos e vemos por várias experiências de santos eremitas e de algumas mulheres, que estes mais se beneficiaram do amor de Deus por esta vida contemplativa do que fazem ou fizeram muitos grandes clérigos; pois esta vida se adquire mais pela boa simplicidade humilde do que pelo estado clerical, como disse Salomão sobre a sapiência de Deus, que ela vai com os simples e fala a eles. Por isso, pede-se que se busque Deus na simplicidade de coração, pois ele é muito simples e pela simplicidade se encontra.

4 - Das duas maneiras de contemplação: uma em ciência, outra em afeto

Mas, para satisfazer mais plenamente esta matéria, considerarei que a vida contemplativa tem em si graus e partes. Dentre essas partes, uma é a mais sutil: é aquela que inquire, por meio da razão fundada na verdadeira fé, sobre a natureza de Deus, de seu ser e de suas obras. Esta contemplação é útil para encontrar novas verdades, declará-las e ensiná-las, ou defendê-las contra os erros e falsidades de heréticos e incrédulos. Não é minha intenção falar aqui desta forma de contemplação, pois ela é apropriada apenas aos bons teólogos, bem instruídos nas santas Escrituras, e não às pessoas simples (a não ser por inspiração ou milagre, como ocorreu com os apóstolos, que eram pessoas muito simples e sem letras, e a muitos outros). O outro tipo de contemplação é a que se destina principalmente a amar a Deus e a saborear sua bondade, sem inquirir por mais claro conhecimento do que aquele dado pela fé que lhe é oferecida ou inspirada. A esta contemplação, podem os simples dirigir-se, deixando os cuidados mundanos e guardando o coração puro e limpo. E, desta, falarei aqui e creio que esta sapiência e contemplação é aquela que ensinou São Dionísio da França em seus livros da "Teologia Mística". É a mais alta sapiência que podemos ter e foi-lhe [a Dionísio] revelada e declarada por São Paulo.

5 - Da diferença entre ciência e sapiência

Grande diferença estabelecem os santos doutores, em especial São Bernardo, entre ciência e sapiência, pois ciência pertence principalmente e somente ao entendimento, e a sapiência ao afeto. E, segundo o nome, "sapiência" é como "saborosa ciência". E esse sabor diz respeito à afeição, ao desejo e à vontade da pessoa. Assim, pode haver em certa pessoa

grande ciência ou conhecimento, sendo nela pequena ou nula a sapiência, pois não terá nenhum sabor ou apego em relação àquilo que vier a saber. E isto se mostra por diversos exemplos. Pode-se bem conhecer a natureza do mel por ouvir dizer ou pelo estudo dos livros, sem que se tenha qualquer sabor ou gosto da doçura do mel. Os médicos conhecem a natureza das doenças, e melhor do que os doentes, mas, quanto a sentir a dor e a "saborear", é claro que os doentes a sentem mais e a conhecem, não pela razão, mas pela prova. Pode-se também ter muito grande ciência das condições de uma pessoa, sem tomar-lhe grande afeição, seja por amor ou ódio, prazer ou desprazer que se poderia ter. E, de outro modo, pode-se ter grande afeto e consideração, sem conhecê-la muito bem. Com isso, podemos conceber que a sapiência pode ser grande sem que haja grande ou claro conhecimento, e o claro conhecimento ou ciência pode ser grande, sem que haja muita sapiência.

6 - Ninguém pode ser sábio sem ser bom

Na linguagem mais comumente utilizada, diz-se que os grandes clérigos teólogos e filósofos que são introduzidos no primeiro tipo de contemplação, da qual falei, possuem sabedoria ou sapiência. E neste tipo de contemplação parece que os filósofos situam a felicidade ou a beatitude humana. Mas é equivocado e um abuso da linguagem falar deste modo, uma vez que tais clérigos, com todo seu conhecimento, não possuem o afeto ardente e a dileção a Deus e ao que induz a este amor. Sem essa dileção e caridade, não se pode de maneira alguma situar a felicidade na contemplação, e nunca foi esta a intenção de Aristóteles, como eu penso. E os que de outra forma retomaram Aristóteles confirmaram que aqueles que se disseram sábios, quer dizer, que disseram ter sapiência, foram insensatos, pois eles conheceram Deus, mas não o glorificaram nem o amaram como Deus e tampouco lhe renderam graças. E, assim, podemos ver quais clérigos devemos, verdadeiramente falando, dizer que são sábios ou que possuem a sapiência, e quais não, ainda que sejam letrados.

7 - Como os simples podem ter sapiência, por meio de diversos exemplos

O conhecimento ou ciência que se tem de Deus somente pela verdadeira fé é suficiente para alcançar a sapiência, como foi dito, pelo amor, pelo serviço e honra a Deus. E parece-me que assim o disse Aristóteles, que os simples podem ter felicidade, por meio da crença naquilo

que os filósofos testemunharam de Deus e dos anjos e, deste modo, aplicar nisto seu pensamento e afeto. E, com isso, eu concluo que os simples cristãos, que têm firme fé na bondade de Deus, e o amam ardentemente, possuem mais verdadeira sapiência e mais devem ser chamados sábios do que alguns clérigos que são desprovidos de amor e afeto a Deus e a seus santos. E, assim, os primeiros agradam mais a Deus. Porém, além disso, tais clérigos O desagradam, pois são como o sal corrompido e como sábios tolos. Muitos exemplos demonstram-nos esse fato. Um pai tem dois filhos, dos quais um nada sabe dos segredos de seu pai, apenas que este é seu pai e que deve seu ser a ele, e que deve amá-lo, servi-lo e honrá-lo, e assim o faz de todo seu afeto; o outro filho conhece numerosos segredos de seu pai, os quais este os teria revelado, e a respeito de tais segredos saberia ler e dissertar abundantemente, porém, não tem nenhum afeto doce e amoroso por seu pai, nem amor em servi-lo. Pergunto, qual dos filhos será o mais amado pelo pai, mais apreciado e melhor remunerado? Não há nenhuma dúvida de que será o primeiro. E, além disso, este aprenderá os segredos do pai e de toda sua herança, enquanto o segundo será condenado por sua ingratidão, falta de reconhecimento e maldade.

8 - Quais são as obras pelas quais se conhece Deus mais perfeitamente

Mostrei claramente, como me parece, que não é algo inconveniente ou perdido falar aos simples sobre a vida contemplativa, para levá-los a amar a Deus e a saboreá-Lo por santas e doces afeições: como pela esperança, pelo bom medo, pelo ardente desejo, pelo descontentamento ou tristeza, se O maltratou por pecado, e assim de outros afetos; e que, quanto a isto, o conhecimento ou a ciência das letras não são necessários, além da plena fé ou crença em Deus, em sua potência, sabedoria e bondade e em seus mandamentos, e nos mistérios gerais de nossa redenção, no paraíso e no inferno. E não é algo pequeno poder adquirir tal sapiência de que falo, pois, um excelente doutor, Guilherme, bispo de Auxerre, disse que, entre todas as obras de Deus, não há nenhuma que mais O mostre a nós e nos faça conhecê-Lo em sua bondade, do que esta operação que se recebe no deleite ou prazer espiritual que é sentido na alma quando ele a visita secretamente, após o que, sente-se fortemente humilhada pela Sua majestade. E se assim o é – mas de fato o é –, uma simples pessoa conhece melhor Deus, pois, amando-o, recebe tais obras em sua alma, como foi dito, de uma forma que não pode obter nenhum clérigo ou filósofo palas obras exteriores e pelos raciocínios que nestas colocam. E a isto, pode-se ajuntar a palavra de Jesus Cristo, que

agradece a Deus por ter revelado os altos mistérios aos pequenos, cerrando-os aos sábios do mundo. Os exemplos do mel e da doença, dados anteriormente, o mostram.

9 - Uma breve continuação do que foi dito e do que ainda resta dizer

Depois de ter respondido e apresentado as razões pelas quais escrevi em francês e para os simples, cabe a vós, minhas amadas irmãs por linhagem carnal (e, mais, em agrado a Deus, por afinidade espiritual), continuarei o que comecei, para mostrar-lhes o caminho da vida contemplativa tal como vos cabe, e que vos poderá suficientemente conduzir à verdadeira sapiência e à vossa salvação. Como disse Santo Agostinho, muitas pessoas simples sem ciência salvaram-se, porque tinham fé, esperança e caridade, e outras, com toda sua ciência, foram lançadas no inferno. Deixemo-las então danarem-se sabiamente, como disse São Bernardo, e nós, com toda nossa simplicidade e ingenuidade, busquemos ser salvos.

10 - O amor a Deus é o começo da vida contemplativa

A raiz e o começo da vida contemplativa deve ser o amor a Deus: quer dizer que, por este amor, deixa-se a vida mundana e todas as ocupações ou cuidados mundanos e doa-se completamente a ele. E quem o faz de outro modo engana-se e não chegará a um bom desfecho se não se corrigir, como aqueles que adentram a religião ou ao estudo fora do mundo, não pelo amor a Deus, mas por preguiça e hesitação de trabalhar no mundo, ou pela garantia de seus víveres, ou por vaidade e orgulho de serem considerados grandes clérigos ou pessoas de devoção, ou por curiosidade apenas em conhecer, como fizeram muitos filósofos. O fim da vida contemplativa deve ser o amor a Deus. Ou seja, para adquirir cada vez mais e melhor este amor, é preciso retirar-se de todo ofício ou ocupação. Quando digo, aqui ou em outro lugar, “retirar-se de toda outra ocupação”, quero dizer a ocupação terrena, principalmente, e na medida em que tal ocupação impeça consideravelmente a contemplação. Pois bem sei que ocupações pequenas e moderadas são por vezes necessárias e úteis à vida contemplativa, pois afastam a preguiça e a má tristeza. Por isso, afirma o Apóstolo que o fim da lei de Deus é a dileção ou caridade. Assim, será o maior mestre na lei de Deus, a qual se diz sapiência ou teologia, aquele que melhor amar. Também terá vida mais perfeita e estado mais nobre, mais divino e digno de louvor, quem mais amar. E uma vez que a vida

contemplativa por si só é a mais conveniente para bem amar, como a escola onde melhor se pode aprender esta arte do amor, ela é a mais elogiada e reconhecida pelas Santas Escrituras e pelos santos doutores; principalmente, pelo verdadeiro Deus de santo amor, Jesus Cristo, que disse que Maria havia escolhido a melhor parte. E qual parte? Em que ela se sentava a seus pés e ouvia suas palavras e, ouvindo-as, de amor inflamava-se. Certo é que nenhuma pessoa em sua vida ativa pode amar mais a Deus do que alguém em sua vida contemplativa, que é a mais perfeita. Além disso, enganam-se aqueles que acreditam que o fim da vida contemplativa é apenas conhecer ou inquirir sobre novas verdades. O fim principal, ao contrário, é amar a Deus e saborear sua bondade e doçura, e esse sabor, toque ou sentimento espiritual pode ser chamado uma forma de conhecimento. E este conhecimento é tão secreto que só pode conhecer quem o tenha provado, pois, por doutrina ou palavra, ele não pode ser mostrado a alguém. Como se pode dizer de uma grande dor: não a conhece, quem não a tenha sentido.

11 - O amor mundano é o primeiro a ser afastado

Quem quer conhecer a arte de bem amar pela vida contemplativa deve primeiramente trabalhar para livrar-se do amor tolo e contrário que eu chamo pelo termo geral de amor mundano. Pois este amor é como a cola que impede as asas espirituais da alma de elevarem-se até o alto. É como o cimento que retém os pés da alma, impedindo-a de partir. É como as cadeias que prendem a alma de tal modo ao corpo que ela não pode se afastar, assim como um urso ou macaco que circula em torno da estaca à qual está ligado, sem sair do lugar. Esse amor é o tronco pelo qual o inimigo retém a alma, para que ela não possa se aventurar muito longe sem que ele logo a retome, da mesma forma que o alçar do voo dos pássaros e outras figuras semelhantes. Esse amor é a rainha má que lança a cidade de confusão e do inimigo do inferno em criatura humana. Pois ela faz a pessoa amar a si mesma ao ponto de desprezar Deus. Esse amor é a terra estéril e maldita, onde nenhum bom fruto pode prosperar. É a carcaça que não deixa o corvo retornar à cidade, quer dizer, a alma ao seu país do paraíso. É a tola que tanto grita e faz tão horrível barulho em razão de suas fantasias (que ela traz à alma sem cessar), que a alma mesma é constrangida a sair de seu lar, e o Espírito Santo, que deve ser o seu verdadeiro guardião, não pode ali continuar, e se vai.

12 - A dificuldade de livrar-se do amor mundano

Uma vez que o amor mundano é como eu disse, e que o bom amor não pode entrar onde ele habita, convém apressá-lo e fazê-lo partir. É preciso dispersá-lo e vencê-lo, expulsando-o de sua morada. Mas, infelizmente, ele é muito mais forte do que muitos imaginam. Ele é melhor percebido por aqueles que dele querem se desvencilhar, do que por aqueles que não se esforçam para tal, assim como o pássaro que não percebe que está preso ao lago ou à cola, até o momento em que decide partir. Disso deriva o lamento daqueles que querem amar a Deus novamente, pois sentem dor e pesar ainda mais do que antes. O inimigo então se esforça para trazê-los para si (como faz o gato ao camundongo, quando este quer ir muito longe, ou o juiz aos prisioneiros, quando eles escapam para fora da prisão, enviando servidores para capturá-los). Assim é necessário que o verdadeiro Deus do amor, nosso salvador Jesus Cristo, atraia para si aquela que deve ser sua alma, à qual ele quer que aprenda a arte do bom amor. E esta atração faz-se de diversas maneiras: por inspirações e movimentos secretos interiores, sem outros meios; algumas vezes por meio dos anjos; sempre por meio de outros homens, que dirigem boas doutrinas e instruções; algumas vezes por bons benefícios e dons diversos; outras vezes pela adversidade e tribulação, seja a doença, a pobreza ou a guerra.

13 - Exemplos de como uma pessoa pode abandonar o amor mundano

A santa alma, nos "Cânticos", sentindo em si mesma a gravidade e o duro impedimento desse amor mundano, porque desejava correr até Deus, seu amigo, suplicava-lhe: "Atrai-me para ti, e correremos ao aroma de teus unguentos", quer dizer, de tua doçura. E assim o faz Deus sempre a seus servidores, enviando-lhes uma doçura, um perfume, um sabor, uma alegria sóbria, uma claridade, uma paz, uma ampliação do pensamento, um gosto, um som sem som. Em termos breves, trata-se de um atrativo, uma obra ou um impulso que não conhecemos nem sabemos dizer, mas que bem se faz sentir. E então a alma se desembaraça da linha do amor mundano, e não há mais nada capaz de retê-la, nem a riqueza, nem as delícias carnais, nem os prazeres de beber, comer ou jogar. E, diante disso, surpreendem-se os mundanos que são plenos desse amor tolo, e zombam dessa santa alma atraída para Deus; pois eles a veem abandonar tudo o que eles próprios amam e julgam ser bom. Mas, em nome de Deus, eles não sabem como este é para essa alma e o que ela sente dentro de si. Um exemplo: consideremos que entre cem cães, quatro sejam de caça, os quais

sentem a presença de um cervo que, no entanto, nem eles nem os outros cães podem ver. Assim que sentem o cheiro do cervo, os quatro cães irão ao seu encalço, a partir de seu rastro, e não haverá nada que os impeça, nem cerca, nem arbusto, nem córrego, nem pedra, nem carne que poderão encontrar no caminho. Os outros cães, que não perceberam o cheiro do cervo, por serem cães de guarda, por terem perdido suas capacidades naturais ou porque se distraíram roendo alguma carcaça, não correrão até o cervo. Por um instante, veem correr os outros quatro, parando o que fazem, admirados, pois pensam que eles se esforçam em vão. Os cães de guarda então continuam sobre as carcaças. Comparai, pois, os que notam o bom aroma de Deus, e da bondade e glória dos céus, aos quatro cães, e os outros mundanos, que nada sentem, aos demais.

14 - Como é útil ler e ouvir a palavra dos santos

Também as santas Escrituras e os bons exemplos de ler, ouvir e pensar, sempre afastam esse amor mundano, e disto não cabe aqui dar exemplos, pois eles são sem número e a cada dia uma pessoa que se dedica e pensa em sua salvação pode perceber. Ocorre sempre que uma pessoa vá a um sermão ou a uma lição sobre um livro, estando triste, fria, ou atormentada por tentações e, de repente, percebe o momento em que, entre as palavras que ouve, lê ou olha, sente um contentamento, um santo calor e sente-se livre de suas tentações. Conheço a pessoa que, tendo observado sua dificuldade de ter devoção, colocou-se a ouvir[3] a boa doutrina, a vida de um santo ou santa, e assim, rapidamente, sentiu que era tomada por uma doçura, muito mais do que ao se esforçar para pensar na bondade de Deus sem qualquer outro meio. E isto é admirável, segundo o exemplo que apresenta São Gregório; pois nós, que não podemos ver o sol em sua claridade e circunferência perfeitas, o vemos bem nas montanhas onde ele resplandece. Do mesmo modo, nós vemos a claridade de Deus e de sua dignidade por meio dos santos nos quais ele reluz. Assim, o mérito dos santos, de quem lemos as palavras, com quem falamos e de quem recebemos os ensinamentos, torna possível essa devoção e lhe é útil.

15 - Da ajuda dos anjos e da adversidade

[3] Gerson utiliza o verbo “regarder”, que tem sentido de observar, assistir, comparecer. Para o português, o verbo “ouvir” adequa-se melhor.

Em seguida, se não é a ajuda dos anjos, o que pode vencer ou escapar aos enganos e amarras do inimigo? Certamente nada. Por isso devemos mostrar grande reverência e honra ao nosso bom anjo, e, mesmo se estivermos em local privado, que não façamos nada desonesto que o possa decepcionar. Algumas pessoas são de tão boa natureza, plenos de reconhecimento e gratidão, que, na prosperidade servem mais a Deus do que na adversidade. E assim Deus os alimenta, mantendo-os sempre na prosperidade, de modo que tenham o paraíso neste e no outro mundo; pois eles louvam e agradecem a Deus de tão bom coração e inteiramente em todos os seus atos, que qualquer bem que recebam, mesmo que seja pequeno, consideram de grande estima, não pelo dom em si mesmo, mas por aquele de quem ele veio, a saber, de Deus. Por outro lado, o bom filho, em terra estrangeira, tem muita alegria quando recebe qualquer joia de seu pai, porque é algo caro. Destes, Deus afasta seus bens e envia a adversidade. Mas eles a tomam com boa vontade, como algo que vem de Deus, assim como a prosperidade. E, com coração doce, louvam a Deus o tempo todo. Tal foi o caso de Jó, segundo sua história, e de muitos outros.

Alguns, no entanto, são de outra compleição e disposição, mais duros e de natureza semelhante à do asno que se quer aguilhoar. Estes se voltam melhor para Deus por meio da tribulação. E Deus os atrai para si como a mãe faz com sua criança: quando esta se afasta, ordena que lhe batam, e então ela retorna gritando por sua mãe, que a recebe entre seus braços, exortando-a para que não fuja e que, se o fizer, só terá castigo. Na verdade, poucas pessoas voltam-se para Deus e para sua ajuda com boa humildade, tão viva e profundamente, e de todo o coração, como na adversidade, quando se sentem abandonados e não sabem onde encontrar socorro, a não ser em Deus. E especialmente quando não se sente dor, o que seria um obstáculo ao entendimento, a ponto de não poder pensar em Deus e em si mesmo. Assim, respondeu um santo homem a um rico doente que pedia para que rezasse por ele. O primeiro interrogou o doente sobre "quando ele teve mais devoção e era melhor, antes ou depois de sua doença?" Tendo ele respondido que foi em sua doença, o santo homem lhe disse: "Suplico a Deus que ele te mantenha no estado em que és melhor". Ainda que se deseje que a tribulação passe e cesse, pela dor que se tem no momento, como disse o Apóstolo, algumas vezes ela traz frutos muito amenos. Nós o vemos nas crianças em idade escolar: que proveito tiram de seus castigos, ainda que, no momento em que os recebem, eles lhe sejam duros! Não há nada, portanto, que tão vivamente desenraize o amor mundano da terra da alma como a tribulação recente e moderada. E não se pode desvencilhar desse amor mundano sem tribulação enviada

de fora ou tomada em penitência voluntária com a mortificação de sua carnalidade, a não ser por milagre ou dom especial.

16 - Aqui começo a falar sobre a escada de contemplação e seus três degraus, que são a humilde penitência, o lugar secreto e o silêncio, e a forte perseverança, assim os nomeou São Bernardo em seus "Cânticos"

Para se chegar ao fruto da vida contemplativa e ao seu ápice, convém ter uma escada com três degraus principais, que eu nomeio "humilde penitência", "lugar secreto e silêncio" e "forte perseverança". E entre estes três degraus principais estão numerosos níveis pelos quais se sobe cada vez mais alto, de virtude em virtude, até que se esteja no alto da árvore ou da montanha de contemplação. A humilde penitência é o início, sendo o lugar secreto e o silêncio os intermediários, enquanto a forte perseverança é o seu término. E, antes que eu me aprofunde sobre esses três pontos, para que melhor entendam e compreendam meu pensamento, quero usar de algumas similitudes compreensíveis para mostrar como nos convém agir antes que tenhamos o perfeito amor de Deus.

Cabe, pois, a nós ascender do imperfeito ao perfeito. Não se torna perfeito em virtudes subitamente, mas se adquire a perfeição tal como a natureza faz sua obra, do imperfeito se chega ao perfeito. O fogo começa pela fumaça, depois vem a chama misturada à fumaça, depois o fogo puro, claro e reluzente no carvão. Um grão semeado na terra primeiramente apodrece e germina, para depois elevar-se para fora da terra e crescer até a maturidade. Uma planta que estiver numa terra ruim será, primeiro, desenraizada, depois replantada e ficará como morta, depois, reverdejará e retomará sua grandeza. E isto podemos observar em tudo, em todo lugar. De modo semelhante, a pessoa que quer viver na vida contemplativa não terá, de modo algum, sua perfeição logo no início. Cabe a ela primeiramente expulsar a fumaça do descontentamento para fora de sua vida; o que a fará chorar e a perturbará, sem consolação. Depois virá a chama do amor junto à fumaça. Em seguida, o fogo puro, sem a fumaça. No primeiro estado, ela mortificará sua vida carnal levada no passado. No segundo, germinará fora da terra até o alto. No terceiro, terá o fruto perfeito. Assim, digo que, como uma planta, ela será retirada da terra ruim e da vida mundana, onde há grande sofrimento e dificuldade; depois será replantada onde sofrerá ainda ligeiras dores; por fim, enraizar-se-á vigorosa, perfeita e com frutos. Esses três estágios foram bem explicados por quem disse que, no

primeiro, sofre-se de amor, no segundo, morre-se de amor, e no terceiro, vive-se de amor; como será mostrado em seguida.

17 - Como se deve começar pela vida ativa a trabalhar

A humilde penitência é o primeiro degrau que convém ao estado dos iniciantes e imperfeitos. E por esta, mortifica-se o amor mundano dentro de si, com seus maus desejos, movimentos e hábitos. Ela corrige a carne a fim de que esta se sujeite à alma, e não seja rebelde. E se faz por meio de jejuns, vigílias, abstinências, aflições, lágrimas e lamentos, assim como pelo trabalho corporal de acordo com cada estado, pois aqueles que antes de tal penitência e labor quiserem praticar tão cedo a vida contemplativa perfeita se desapontarão e serão como os que querem, de um único salto, subir uma alta montanha. Disto falou São Gregório, e outros santos, sobre a vida ativa, que, por repousar na aflição e nos labores corporais, deve ser colocada antes da contemplativa, como via para esta. E temos como exemplos Jacó, que serviu a Raquel, que representa a vida contemplativa. Porém, antes, foi-lhe destinada sua irmã, Lia, pela qual se compreende a vida ativa.

Assim, podereis saber que as gentes jovens ainda plenas de tentações carnais e de outros tipos, e os grandes pecadores, que por muito tempo levaram uma má vida, não podem nem devem subitamente se dedicar por completo à perfeição da contemplação. Por quê? Porque quando estes acreditarem que estão a pensar em Deus ou a realizar puras orações em segredo e ociosidade, eles em seguida pensariam antes e mais abundantemente em suas más inclinações e se tornariam piores. E, por isso, defende Sêneca que uma pessoa não permaneça só por muito tempo. E todos os santos e filósofos, por este mesmo motivo, reprovam a ociosidade. No entanto, o próprio Sêneca e os outros santos também louvaram a solidão e a ociosidade, como forma de servir a Deus como fizeram os santos eremitas e outros religiosos. Esta diferença, contudo, deve ser compreendida de acordo com a diversidade das pessoas e costumes, como irei declarar no segundo estágio.

18 - Como a graça singular de alguns não cabe a todos

Alguns, por graça especial, em sua juventude, colocaram-se em solidão e assim permaneceram, como São Bernardo. Porém, mesmo este desaconselhou tal atitude em sua

"Regra", assim como fizeram outros eremitas e doutores, para que não se encorajassem outros a fazerem o mesmo, pois uma graça especial dada a um não cabe a todos. E os que quiseram agir de tal modo, a saber, buscar a solidão e a ociosidade, sem trabalho e sem primeiramente terem bem se acostumado com companhia, desapontaram-se miseravelmente, porque quiseram voar antes que tivessem asas, e batalhar com o inimigo antes que tivessem vencido outros adversários menores: o mundo e a carne. Assim, não é digno de fé que alguns de nosso tempo que se portam como eremitas obtenham de tal modo algum proveito, tampouco algumas mulheres que se põem em reclusão.

Vede, então, minhas amadas irmãs, que necessidade tivestes até aqui, de estar em grande labor. E é possível que algumas de vós ainda a tenhais, antes que possais estar sós e em segredo e vos dedicar a pensar em Deus à maneira das eremitas ou reclusas, pois a eremitagem e a reclusão não estão apenas nas florestas e desertos, mas em todos os lugares onde se pode tê-las ou exercê-las, para fugir dos barulhos do mundo e de todas as preocupações e ocupações. Pelo que foi dito, consideremos, nestas religiões[4] bem ordenadas, que os noviços são encarregados de grandes serviços, como aprender e trabalhar, velar, jejuar e cantar, para evitar pensar no fato de estarem sós. Mas os antigos bem experimentados nessas penitências, e que venceram as más tentações carnais, tem mais possibilidades de estar sós e sem trabalho. Alguns, portanto, são de tal compleição e tão fortes de se vencer e dominar, que nunca serão bons para buscar a perfeição da contemplação, pois precisam estar sempre em labor e ocupados na vida ativa. E há muitos destes, clérigos e outros, que eu conheço. De modo contrário, há aqueles para quem a vida ativa é um grande fardo e um impedimento excepcional. E ocorre também que uma pessoa muito bem ordenada em sua compleição natural, ou por meio da graça especial, tenha mais progresso em um dia, por dedicar-se de modo conveniente à contemplação, do que outros o fariam em um ano.

Contudo, não creio que uma pessoa deva se dedicar tanto a uma vida, que não possa ocupar-se por vezes de outra, de acordo com o tempo e o proveito. Pois não há pessoa tão dedicada à vida ativa que não deva por vezes pensar em Deus e em sua consciência, a confessar-se e arrepender-se. E de outro lado, não há pessoa tão contemplativa que não necessite de nenhum labor. Assim, sempre haverá em uma pessoa Marta com Maria, e Maria com Marta; no entanto, nomeamos uma pessoa de acordo com o tipo de vida a que ela se dedica com mais frequência.

[4] A palavra "religião" tem sentido de ordem religiosa, ou regra de vida religiosa.

19 - Em que reside a perfeição da vida contemplativa, por meio da semelhança com o amor mundano

É conveniente, antes de mais nada, elucidar de alguma forma em que jaz a perfeição da contemplação, pois, como foi dito anteriormente, o amor a Deus é o seu fim. Desta maneira, poderíamos dizer que este amor é a finalidade de todas as operações. Pelo amor a Deus, devemos finalmente ordenar tudo o que fazemos. Por isso, falarei de algumas condições da vida contemplativa perfeita, não suficientemente ou porque eu a conheça tão bem, mas como alguém que é cego em relação às cores, e o farei por meio da recitação daquilo que os santos disseram sobre ela em seus escritos e do pouco dela que pude sentir por um certo tempo e com diligência, com a ajuda de Deus. O resto, deixarei aos mais capacitados e experimentados nessa matéria. E, para mais facilmente se compreender como o amor a Deus conduz a perfeita vida contemplativa, eu gostaria de demonstrá-lo pelo seu contrário, quer dizer, pelo exemplo do amor mundano, uma vez que nós o conhecemos muito melhor e que nos é mais familiar do que o amor divino.

Vejamos o que o amor mundano faz à pessoa que se agarra a ele profundamente, como, por exemplo, o amor ao dinheiro, o amor à honra e à dignidade, o amor à má carnalidade. É certo que a pessoa tomada por esse amor definha, primeiro, pelo desejo de possuir o que ela ama irracionalmente; em seguida, porque coloca nisto todo o seu pensamento, todo o seu coração e entendimento, até que não haja mais nada em que possa pensar, e que se esqueça de tudo e perca sua vergonha. E não há nada que o possa impedir, nem esforço, nem pena, nem perigos, nem morte, nem conselho de amigos, nem medo de Deus ou de seus julgamentos. Quer a pessoa esteja dormindo ou sonhando, ou em vigília, ela não se preocupa em dizer ou ouvir outras coisas, de tal modo que perde toda a sua razão e torna-se louca, embriagada e fora de si, pois não há nada que ela tema fazer para alcançar aquilo pelo que o amor mundano a inflama e fere. E esquece todo o bem das virtudes, e a vida futura; e quando ouve falar do inferno ou do paraíso, ou da morte, tudo lhe parece como um sonho ou uma fábula. E não retém este pensamento espiritual dentro de si, por causa do amor mundano que a agride.

20 - Que amor a Deus tem a pessoa contemplativa

Consideremos, a exemplo disso, que o amor a Deus seja tão forte em uma pessoa que a faça desprezar completamente o mundo, como o amor mundano a faria esquecer-se de Deus. Consideremos que esse amor seja tão forte, tão ardente e tão enraizado dentro de seu coração, ao ponto de ela não poder ou saber pensar em outra coisa por vontade própria, de não mais considerar culpa, infâmias, perseguições, nem mesmo a morte. E tudo o que ela vê ou ouve deste mudo lhe parece um sonho ou uma fábula e um nada em relação a Deus e sua glória. E então ela se sente estúpida ao julgar as coisas terrenas, ou ébria, pois pouco lhe importa de tudo o que há neste mundo, assim como importam pouco aos outros, Deus e o paraíso. Digo que está aí o amor perfeito a que devemos nos dirigir pela vida contemplativa.

Neste estado, a pessoa encontra-se como morta para o mundo, porque ali não sente nada capaz de retê-la, e viva para Deus; adormecida para as vaidades do século e desperta para os bens perduráveis. Todos os sentidos de seu corpo estão como fechados ou dormentes, ou obscurecidos diante de tudo o que é mundano, e abertos às alegrias dos santos e santas. E é isto que os santos doutores dizem por figuras, que, quando Moisés quis falar a Deus, entrou numa nuvem obscura, significando que ele quis ter este amor de que falo em sua contemplação, pois ele devia entrar nessa nuvem obscura que o fizesse esquecer-se e não ver ou perceber as coisas mundanas. E como se pode adquirir tal amor, é o que pretendo de alguma forma demonstrar em seguida, porquanto se trata da finalidade da perfeição da vida contemplativa. E quem vier até ela subirá a montanha onde Deus se transfigura ao lado dos três apóstolos; falará a Deus como Moisés, quando recebeu dele a Lei; será transportado em espírito e convertido nos céus; viverá de amor e arderá agradável e pacificamente sem o negrume de fumaça do mundo. Mas, infelizmente, como essa graça advém a poucos, ela também dura pouco, uma vez que estejamos neste presente exílio.

21 - Do segundo degrau da contemplação e do duro assalto que ali se encontra

Vinde agora ao segundo e ao terceiro degraus que nos conduzem às alturas da dita contemplação.

Uma vez que a pessoa devota tenha se acostumado à vida ativa e, por meio da penitência humilde tenha refreado o seu corpo, ao menos em grande parte, e que o amor mundano não a agrade mais – ainda que este ainda se oponha –, esta pessoa estará em estado de abatimento, pois não quer mais deleitar-se pelas coisas que poderia ter no mundo, mas também não alcançou ainda os prazeres espirituais que tanto deseja. E, assim, sofrerá ataques

por vezes violentos, duros e pesados, muito difíceis de vencer, e pouco ou nada terá como consolação. É aí que está a fumaça obscura e danosa, sem fogo; é o momento do desenraizamento da planta, que será replantada em outro lugar, o que requer grande violência. É o definhar da semente e mortificação do grão que foi semeado, quer dizer, da vida primeira e carnal, para vir à espiritual. Ai! Quão forte é esse passo que deverá superar!

Quantos se lançam neste caminho e tão cedo são vencidos, retornando ao início, ao seu antigo costume! Outros caem muitas vezes e muitas vezes se levantam; uns distanciam-se e depois retornam; outros se desesperam ao chegar onde querem, mas sempre retomam a esperança; por vezes dizem que lhes basta viver como todos os outros, sem esforço para ir mais alto, mas retomam o coração e repreendem a própria preguiça e indolência. E neles ocorre grande batalha e grande divisão. De quê? Da vontade carnal contra a espiritual, do amor mundano contra o divino. Mas, nesta etapa, o amor a Deus é ainda muito pequeno e frágil, e o amor mundano forte e potente. E, à alma, repugna muito que possa perder a morada que teve no homem desde a infância. E, pior, vê-se que ainda sente contentamento em ter e amargor em perder. O amor divino ainda não vê, mas o sente muito difícil de adquirir e muito fácil de abandonar. Eis aqui grande prisão. Mas em nome de Deus, não há nada que a franca e boa vontade não possa vencer e superar pelo labor diligente e pela boa esperança de alcançar o melhor nos tempos vindouros, de acordo com as promessas e declarações que ouviu tanto das santas Escrituras como daqueles que passaram por esse caminho e tudo provaram, o mal e depois o bem, e nos quais devemos acreditar.

22 - O estado da pessoa contemplativa no segundo degrau

Após essa batalha e enfraquecimento, a pessoa coloca-se a desejar mais, pois já não é tão penoso não ter o amor mundano como antes, mesmo que ainda não tenha recebido o grande prazer do amor divino que procura. Ela encontra-se entre dois estados, nem toda morta para o mundo, nem toda viva em Deus. E aqui se pode dizer que morre de amor, pois já não sente, como antes, as dores de sua doença solitária, que sentia quando matava sua vida carnal; mas também não foi vivificada ou animada pela consolação do amor espiritual. Neste estado, a pessoa pode elevar-se ao segundo degrau da escada da contemplação, que chamo de lugar secreto e silencioso. Embora anteriormente já tenha por vezes conseguido buscar o lugar secreto e solitário para rezar a Deus e pensar em sua salvação, não era seguro dedicar-se a isto inteiramente e com muita frequência, pelas causas ditas acima. Mas aqui, neste degrau, ela

pode mais seguramente abandonar-se a estar só e esforçar-se para adquirir a perfeição da via contemplativa, adentrando de tal modo no amor divino até se esquecer de si e dos outros. E o rosto espiritual de sua alma volta-se às coisas espirituais, desviando-se das coisas materiais (exceto quando estas auxiliam a amar e conhecer as coisas espirituais). Neste estado, vê e sente vivamente o que diz o Sábio: que tudo é vaidade e que em nada repousará ou encontrará prazer ou consolação, a não ser em seu fim último, em seu fim certo e sua felicidade, que é Deus, e ao qual se dirige continuamente e sem cessar pelo peso do amor, até que o alcança, como a pedra fora de seu lugar tende à terra e o fogo ao alto, até que lá esteja.

23 - Das duas maneiras de silêncio e solidão

Segundo diversos estados e condições, pode-se encontrar seu lugar secreto para estar em paz e silêncio. Verdade é que o principal segredo e silêncio deve estar dentro da alma, mais do que do lado de fora; quer dizer, quando a alma expulsa para fora de si e de sua habitação toda preocupação mundana, todo pensamento vão e prejudicial que a impede de chegar aonde quer.

Ocorre, pois, que a pessoa esteja só corporalmente e em relação aos outros e, no entanto, por fantasias, pensamentos e melancolias sofra muito pesada companhia em si mesma. E grandes barulhos lhe fazem e grandes palavrórios, e fantasmas se põem diante dela, um após o outro, por ora a levam à cozinha, ou ao mercado; depois lhe falam dos sujos prazeres carnais e lhe mostram belezas, danças, canções e outras vaidades que levam ao mal e ao pecado, como confessa Jerônimo humildemente; o qual, quando estava no deserto sem companhia qualquer, exceto a das bestas e dos escorpiões, estava sempre a dançar na companhia das mulheres de Roma.

Algumas vezes tais são essas fantasias que a alma sozinha se coloca a maltratar outrem, e a injuriar e a ultrajar, como se estivesse de fato na sua presença; depois conta dinheiro e faz comércio e grande tesouro; outras vezes, por desejo, viaja por mar e por terra, voa e estaciona em grandes alturas. E, assim, rapidamente, é tomada de loucuras sem número. Aqui a alma nunca está em segredo e solidão, ainda que esteja sozinha por fora. Por outro lado, certamente a alma devota jamais está só quando em contemplação, pois não se está menos só do que quando está só, pois aí encontra uma diversidade de companhias boas, proveitosas e agradáveis, a saber: de Deus e seus santos, por meio dos santos desejos e de

devotas orações; enquanto a outra [forma de solidão e silêncio] usa das companhias muito más e prejudiciais ou ao menos nada salutares.

24 - Do lugar secreto material

Certo é que para ter o segredo e o silêncio da alma por dentro requer buscar o segredo e o silêncio por fora, pelo menos de forma intermediária, quanto aos que ainda não se acostumaram ou não sabem bem se retrair em si mesmos, estando em companhia por fora, o que é algo difícil e de grande perfeição, e não se pode adquirir a não ser pelo longo e bom hábito. A alguns, agradam mais os lugares secretos das florestas ou dos desertos; a outros, bastam os segredos dos campos; a outros, os lugares secretos das igrejas ou de suas casas, quando se colocam de tal forma que não veem ninguém e também não são vistos, ou porque não há ninguém, ou porque se mantêm como eremitas. Arsênio, quando ia à igreja, colocava-se atrás de um pilar de modo que não o vissem e ele não os visse também. Para alguns, qualquer som é incômodo, seja de homem ou pássaro, seja do cantar ou do falar; a outros, o canto da igreja ajuda a bem pensar no que desejam. Assim, confessa Santo Agostinho, sobre si mesmo, que chorou ao ouvir cantar os salmos e hinos da igreja no começo de sua conversão, e com isso, derramou-se a verdade em seu coração, causando-lhe grande bem.

Diante de tal diversidade, não se pode dar uma regra geral sobre que lugar é o melhor para buscar seu segredo. Convém que cada um o faça de acordo com a graça que Deus lhe deu e também tendo em vista o seu estado, e que possa manter ou exercer sem ser notado pelos outros, sem singularidade[5] ou vanglória ou hipocrisia, dado que uma pessoa pode ser de um estado ou de tal vida que não possa estar por muito tempo na igreja. Em poucas palavras, a maneira mais rápida de acostumar-se é na sua própria casa, em seu quarto, se o tiver apenas para si, ou em outro lugar doméstico. E se acostumará a ter prazer em estar ali, como eu soube de uma pequena mulher que, por causa de sua doença, permaneceu por um longo período em um quarto, tendo-me dito certa vez: “eu não sei o que farei quando perder este pequeno quarto, pois não há outro lugar onde eu possa pensar tão bem em Deus e em mim”.

Não se deve, porém, esperar encontrar tal solidão secreta ou tal lugar de maneira predeterminada, mas, em todos os lugares onde se estiver, nos campos, na cidade, durante um banho – como disse São João Boca de Ouro –, pode-se procurar retornar a si e afastar-se do

[5] A singularidade é denunciada por Gerson como a busca pela novidade o desvio em relação ao costume e aos códigos das práticas públicas.

mundo. E é útil considerar sempre a diversidade e as diferenças dos lugares de acordo com o prazer e a recreação que nos dão. No entanto, a noite é o período mais conveniente, pois é mais silencioso, tranquilo e secreto, e livre das tentações da vanglória do mundo.

25 - Como se pode ordenar seu corpo na busca da contemplação e os impedimentos que alguns encontram

Ensina um devoto doutor, Guilherme, outrora bispo de Paris, que a maneira de dispor o corpo é útil para manter firme o pensamento, e que a pessoa pode colocar-se da forma que mais lhe agradar, seja de joelhos, em pé, sentada, inclinando-se, apoiando-se ou deitando-se. Mas isto serve apenas quando se está só, pois não se deve agir com singularidade na igreja, onde cabe seguir os outros. Diz ainda o referido doutor que ficar em pé e inclinar-se sobre o braço esquerdo é uma maneira muito eficaz e válida; e creio bem que ele mesmo o tenha experimentado. Conheço ainda outra pessoa para quem não havia uma disposição e manutenção do corpo tão favorável quanto sentar-se inclinando as costas para trás, quase se deitando, com o rosto voltado para o céu ou para o chão. A alguns agrada mais ir e vir, e pode ocorrer que por vezes se tenha nisso algum divertimento, mas, fazê-lo sempre e continuamente, considero prejudicial ao repouso da alma, que devemos buscar acima de tudo para chegar onde falamos. Não é por acaso que Aristóteles disse que, ao sentar-se e repousar, faz-se da alma sábia. E para aqueles que têm o espírito muito ligeiro e movediço, muito inclinado às obras do mundo, será um pequeno inferno ficar sozinho ou imóvel em um lugar ainda que por um breve momento. Estes são pouco ou nada compatíveis com a vida contemplativa; devem antes deixá-la para trás e dedicar-se definitivamente à vida ativa, a não ser que, pela força do hábito, eles vençam suas inclinações, pois não há nada que o labor e a diligência não possam vencer.

Alguns são de tal compleição que, logo, são tentados por blasfêmias e outros vícios horrivelmente. Mal conseguem se sustentar, prosternam-se em frenesis, perdem a confiança e, a partir disso, tornam-se melancólicos, tristes e raivosos, e tudo lhes desagrada. E sabem pela experiência que muito melhor é estar em companhia e ocupados por fora, pois não pensam muito em tais coisas. Estes não valem para a vida contemplativa, a não ser por graça especial, ou de forma muito difícil e perigosa.

Outros, pela natureza ou pela graça, ou por ambos, amam a solidão, são preocupados com a própria salvação e desejam conhecer e amar a Deus e as coisas espirituais. Não há

movimentos carnais fortes ou veementes que eles não possam vencer, e são muito hábeis na vida contemplativa, especialmente quando têm o coração doce e inclinado à devoção. Acertado é que o coração resistente alcança o bem. Mas, pode acontecer que a pessoa vá, da vida ativa, pouco a pouco, até a soberania da vida contemplativa, e que então retorne à vida ativa. Isto pode ocorrer de diversas maneiras, ou por negligência e indolência, ou por abundância de virtudes, de modo que use de uma vida sem prejuízo da outra ao seu bel prazer ou segundo o seu ofício. E este estado [híbrido] convém aos prelados, para que tenham a vida contemplativa tão perfeita e enraizada que consigam descer à vida ativa sem, no entanto, deixar a primeira, assim como fazem os anjos, que nos guardam aqui embaixo sem deixar a visão de Deus lá em cima.

26 - Aqui começa o debate sobre como a vida contemplativa é útil, e primeiramente para si

Alguns – quisesse Deus que sem orgulho e sem engano – se perguntam sobre como uma pessoa pode se lançar à vida contemplativa. E o fazem principalmente com três argumentos: o primeiro considera que os contemplativos não beneficiam ninguém além deles próprios; o segundo, que eles querem apenas muito interrogar e mais alto elevar-se; a terceira, que muitos se desapontam e tornam-se loucos ou melancólicos. A esses três argumentos, se assim podemos chamá-los, responderei de forma breve e rudimentar, já que os santos doutores trataram dessa matéria muito abundantemente e com grande sutileza.

Diz-se que uma pessoa de vida contemplativa beneficia a si própria mais ampla e divinamente e agrada mais a Deus do que pela vida ativa. E isto basta, porque não há nada, depois de Deus, que eu deva amar tanto como a mim mesmo, e não as coisas que perduram no mundo. Assim, devo desejar agradar a Deus e manter a vida pela qual eu possa lhe agradar mais, do que ter pequeno mérito, ou porventura danar-me, por querer salvar a outrem. Compreende-se aqui, no entanto, que a pessoa possa tão honestamente usar de uma vida como de outra; o que afirmo para os que têm ofícios públicos, os prelados e outras dignidades que as obrigam a voltar-se para a vida ativa, assim como as mulheres casadas, que têm os filhos e a casa para governar ou seus familiares para servir; e que, se por acaso elas quiserem doar-se por completo à vida contemplativa, serão condenadas, porque têm a obrigação de assistir os outros. E seria uma tentação para tal pessoa, como foi dito, que lhe agrade estar sempre em contemplação, mas para isso precise deixar os deveres, e seja incompetente ou nociva aos

seus dependentes e subordinados e à coisa pública. Mas outra coisa são os que não são obrigados a servir os outros, por ofício que seja, e que por isso não deixam nada de seus deveres por fazer.

27 - Do bem que faz a pessoa contemplativa aos outros

Mostrarei adiante que a pessoa de contemplação beneficia enormemente os outros, pois, primeiramente, comunica um bom exemplo de vida e prega, pelos feitos e pelas obras, que Deus deve ser amado acima de todas as coisas, e que tudo o que é efêmero é vaidade e não tem importância. O que não é uma doutrina pequena, mas é de grande valor, pois as obras são menos suscetíveis ao engano do que as palavras.

Eles trazem benefícios com suas orações devotas para todos os outros e sempre acontece que, pelos méritos deles, Deus intervém em benefício dos mundanos (algumas vezes muito maus), trazendo-lhes um grande bem, como a paz dos reinos. É verdade que nada podemos sem a graça especial de Deus, e esta graça é obtida mais rapidamente pelos bons contemplativos do que pelos ativos. Estes são como os olhos do corpo, que iluminam e comunicam todas as obras vistas aos outros membros. E se os olhos não trabalham como os pés ou as mãos, é correto dizer por isso que eles não servem para nada além deles mesmos? De modo algum. Tais contemplativos dispõem-se a levar e endereçar a Deus todas as operações das outras pessoas que não são tão eminentes nas coisas espirituais como eles, e que não sabem ou não podem comunicar sempre a Deus tudo o que fazem.

Eu não quero dizer com isso que em caso de necessidade a pessoa [contemplativa] não deva deixar sua contemplação para servir às necessidades dos outros. Quem puder ao mesmo tempo manter tanto uma vida como a outra perfeitamente, digo que é o melhor, como fizeram São Gregório, São Bernardo e outros. E quem reconhecer a excelência da alma e dos bens espirituais sobre o corpo e os bens corporais verá, claramente, que é mais benéfica para toda a Igreja a oração devota de um contemplativo do que [as obras de] cem que mantêm a vida ativa para socorrer as necessidades corporais. E [os contemplativos] são mais úteis do que aqueles que se ocupam do mundo, não para auxiliar os outros, mas para seu próprio proveito e com frequência em prejuízo dos outros. Assim, digo que se uma pessoa se sente movida pelo Espírito Santo a manter esta vida contemplativa, e reconheça sua inclinação para tal, ela pode renunciar à vida ativa sem reprovação, mas com grande recompensa e louvor, se isto não

contrariar o soberano, a quem foi obrigado a obedecer por ter ofício público, ou ignorar um caso de rigorosa necessidade, quando há risco de que outros pereçam se não as socorrer.

28 - Não é orgulho manter a vida contemplativa, com exemplos

Quanto ao segundo argumento referido anteriormente, não se deve dizer que a pessoa que se volta para a contemplação, como também declarei há pouco, e que ama a Deus de todo o seu coração, almeja chegar muito alto ou é presunçosa. Se ela pode ali chegar com a graça de Deus, ela falhará, parece-me, ao não usar tal dom. E especialmente as gentes da Igreja e os religiosos, que para isso ordenam toda a sua existência, devem se dedicar a esta vida mais do que a qualquer outra coisa. E os clérigos também, especialmente os teólogos, cuja ciência não os ajuda em nada, mas os infla e os torna vaidosos, vazios e orgulhosos.

Um exemplo: encontra-se na corte do rei um serviçal em sua cozinha, a quem o rei dará a graça de torná-lo seu camareiro, pois ele o julga apto para isso, e assim o agrada. Não é de se duvidar que se o tal criado recusar a oferta, por preguiça ou indolência de coração, ou se, por gula, disser que deseja permanecer na cozinha, merece reprovação. Da mesma forma, a pessoa que pode servir a Deus em alta posição merecerá censura se quiser continuar a se ocupar com o ordinário. E isto não será de nenhum modo sinal de humildade, mas de indolência de coração e covardia. Eu não diria que não falham aqueles que em suas contemplações desejam buscar mais, aos quais soberanamente é necessária a humildade, que é guardiã e alimentadora da caridade.

29 - Da excelência dos contemplativos sobre os outros

Quanto ao terceiro argumento, que diz que alguns se tornam desiludidos e melancólicos, digo que na vida ativa também há muitos nessa condição, pois todos eles não tiveram a discrição necessária para bem cumprir sua jornada. E nem todos recebem o dom da graça de viver em contemplação por alguns motivos que já declarei. Como diz o Apóstolo, cada um tem seu próprio dom de Deus. E se em um corpo todos os membros forem olhos, onde estarão as mãos? Certo é que os mundanos julgam superficialmente os contemplativos como tolos, loucos ou melancólicos, porque estes não agem como eles próprios, mas desprezam o mundo, expulsando para fora de si toda a avareza, toda pompa, toda ira, inveja e

vaidade, que afligem os mundanos cem cessar; eles, os contemplativos, vivem em grande repouso e paz de consciência; bem este que não se compara a nenhum outro. E ao contrário das ocupações e lugares muito estreitos e pequenos que os mundanos têm sobre a terra, os contemplativos ocupam os maiores lugares e afazeres maiores do que os que existem no mundo inteiro, a saber, [a preocupação com as coisas eternas e a reverência a] Deus. Os experimentados sabem o que quero dizer.

Certo é que a vida da criatura dotada de razão está mais na obra do entendimento e da razão do que em outro lugar, quer dizer, nos pensamentos racionais e na dileção voluntária. Assim, vivem verdadeiramente somente os que se nutrem na contemplação de tal carne e de tal bebida, e não aqueles que não buscam elevar suas almas e suas vidas, quase como as bestas. Eles bebem e comem, riem, jogam, trabalham com o corpo; também o fazem as bestas. Dizem que servem os outros por meio do trabalho, mas assim também fazem os asnos e cavalos. No entanto, pelo menos é bom, para quem não pode ou não sabe fazer melhor, que o faça com boa vontade e com lealdade, para servir a Deus e aos outros.

Confesso também que as gentes dadas à contemplação nunca são sábias ou prudentes nas coisas mundanas, como são os ativos, pois não depositam ali seu engenho e intenção; o que faz com que sejam julgados negligentes, inaptos ou ignorantes, o que pouco lhes importa, pois para isso são designados, como diz o Apóstolo, e para isso eles se esforçam, ou seja, serem tolos para tornarem-se sábios.

30 - Da necessidade da graça

Aqui retorno aonde estava, quer dizer, ao segundo degrau da escada que leva ao alto da contemplação, que chamei de lugar secreto e silêncio. Mencionei o duplo segredo e duplo silêncio, um dentro da alma, o outro fora. Este dentro da alma é aquele para o qual a contemplação conduz, e para o qual é vantajoso buscar o silêncio e a solidão por fora, como foi dito anteriormente.

São Bernardo afirma que o esposo da alma, Jesus Cristo, é um amigo vergonhoso, que não vem facilmente até sua amiga quando esta está cercada de multidão, pois deseja estar a sós. Por isso é necessário que a alma expulse todas as ocupações de dentro e de fora, para poder recebê-lo somente. Uma vez que Deus é simples e uno, deve ser buscado na simplicidade e unidade do coração. Este não será simples e uno, se em muitas partes estiver dividido, por causa das preocupações mundanas, más e vãs.

Mas, ai! A que miséria chega a nobreza da alma pelo pecado! Quem, em seu estado de inocência, era completamente ordenado para pensar em Deus e amá-lo e para considerar as coisas espirituais, sem dificuldade ou impedimento?! O que agora é para ela uma carga tão pesada e algo tão penoso, por causa do peso de sua corrupção, que é espantosa. E aqueles que se esforçam, bem o sabem.

E, o quê, ó verdadeiro Deus, pode içar a alma ao alto, colocá-la em unidade, reduzi-la à simplicidade, desvencilhá-la deste mar tempestuoso, barulhento e oscilante em preocupações inumeráveis e fantasias e imaginações diversas que emergem sem cessar? Certamente, meu Deus, é principalmente a virtude de vossa graça que apazigua os movimentos desse grande mar que está dentro de nós; que levanta os que jazem na terra e no pó dos pensamentos vãos ou sobre a sujeira dos prazeres desordenados, e os faz sentarem-se nas alturas, junto aos príncipes, quer dizer, com os anjos e os santos, para com eles conversar nos céus. É verdade que esse dom da graça é entregue aos que o buscam diligente e ardentemente, e a ele se inclinam.

31 - O que é a elevação da alma em unidade e simplicidade

Não se deve entender que a alma deixa o corpo em sua substância quando está em êxtase contemplativo, ao menos da maneira comum; mas diz-se que ela estará onde o seu coração e todo o seu amor estiverem. Como diz um doutor, a alma está mais verdadeiramente naquilo que ela ama do que naquilo que ela anima, quer dizer, o corpo, ao qual ela dá vida. Digo, portanto, que essa elevação da alma para além do mundo e das coisas corporais até chegar a ela mesma, ou aos anjos ou até a Deus, pois mais alto não se pode, faz-se por um forte e santo pensamento, por um amor ardente, de tal forma que esse pensamento ou esse amor tenha virtudes tão potentes que a faça esquecer-se ou cessar todas as outras operações da alma e todas as fantasias, como se estivesse em um sono perfeito; ou, ao menos, se tais operações não cessarem, elas não podem corromper, sufocar ou vencer o pensamento ou amor de que falei, dado o seu virtuoso poder. E é preciso que a alma conheça e ocupe-se nesse pensamento e amor, e outra coisa não considere, a não ser de forma breve, sem se deixar deter.

E, que isso pode ser feito, a experiência nos mostra a cada dia, nas menores coisas. Aristóteles disse que algumas vezes uma pessoa consegue firmar-se em tão forte pensamento sobre algo, que deixa de ver com os olhos abertos o que se passa diante de si. E outras pessoas

falarão em volta dela sobre coisas de que ela não se dará conta, e de modo algum deixará seu firme pensamento, como se dormisse. Por isso, algumas vezes diz-se dessas pessoas, segundo o provérbio comum, que elas pensam em seus amores. Estudantes sempre caem nesse estado de arrebatamento quando absorvidos por tarefas minuciosas. Assim como os pintores e outros mestres engenhosos que se entregam a fortes imaginações.

Relata-se que um filósofo chamado Arquimedes, grande matemático, inventava ferramentas engenhosas para defender ou atacar cidades, mas sua cidade foi tomada. O príncipe pediu que não o matassem. Alguém por acaso percebeu que ele traçava na terra as figuras e perguntou-lhe como ele as chamava. Ele estava tão compenetrado em fazer suas figuras que não soube o que dizer, exceto que não o perturbassem. E então ele foi morto. Vede quão forte era seu pensamento, que não o deixou perceber a tomada da cidade, nem reconhecer os inimigos.[6] Um outro filósofo, Carnéades, esquecia-se sempre de comer quando estava à mesa, ao ponto de sua camareira precisar levar a mão dele até a carne para que não morresse de fome. Segundo reporta Valério, ele vivia somente da alma e estava envolvido por seu corpo como por uma coisa estranha e imprestável.

Trouxe esses exemplos para declarar como a alma é capaz de suprimir as imaginações e preocupações inúteis para elevar-se e subir até as coisas mais santas e proveitosas, e reestabelecer sua unidade e simplicidade, e pensar somente em viver em Deus, que é o seu lugar, seu fim e seu amor – e é algo mais necessário do que os exemplos elencados, pois envolve pensamentos mais espirituais, estrangeiros e elevados.

32 - Memória do excelente livro do mestre Ricardo sobre a contemplação

Mestre Ricardo de São Vítor compôs um livro com cinco partes, onde tratou muito sutilmente e com profunda erudição a matéria da contemplação. Esta, ele dividiu em seis tipos: duas em imaginação, duas em razão e duas em inteligência; a partir das quais distinguiu três tipos de céus existentes na alma e pelos quais esta se voltaria para o pensamento das coisas corporais, perceptíveis pelos sentidos do corpo, para si mesma ou para os anjos em estado de divindade. Ele disserta, especialmente na quinta parte do livro, sobre como a contemplação se forma e se diversifica de três maneiras: algumas vezes a alma alarga e outras

[6] A passagem da morte de Arquimedes diz respeito ao relato de Plutarco sobre a tomada de Siracusa durante a segunda Guerra Púnica, de 212 a. C. Enquanto contemplava seus esboços matemáticos, foi abordado por um soldado inimigo, que o mata, não obstante as súplicas do rei.

eleva seu entendimento; outras vezes parece alienada ou esquecida. E declara com base nas autoridades e exemplos retirados das Escrituras e da natureza, como essas coisas acontecem e como ocorrem por vezes com grande devoção, por outras com grande prazer e consolação espiritual. Mas minha intenção é falar de forma mais grosseira e abrangente. Passo a declarar a vós a doutrina do dito doutor apenas ligeiramente em alguns pontos adiante, e também de forma mais conveniente e familiar a vós.

33 - Do terceiro degrau da contemplação, com exemplos

É hora de falar do terceiro degrau da escada de contemplação que chamei de "forte perseverança". Por meio da graça de Deus, a forte perseverança é aquela que fixa [a alma] nas alturas da contemplação, e faz a pessoa chegar ao estado de perfeição em que poderá viver de amor. Nesse momento ela receberá a consolação do amor divino sem sentir as tribulações da carne e do mundo, pois nada mais lhe importa a não ser amar e servir a Deus, e pensar nele, e falar dele. E pelo seu amor, a alma escapa dos tolos prazeres do mundo e recebe com alegria as adversidades. Por isso não há mais nada que a possa prejudicar: a prosperidade, não, pois foge dela e sofre muito humildemente e com enorme gratidão; a adversidade, não, pois ela a deseja como algo que conduz a Deus e que expurga e ensina, tornando-a semelhante a Jesus Cristo, seu amigo que viveu todas as tribulações. Recebe a adversidade como sinal de que Deus a ama quando a visita, e assim ela aceita emendar-se.

Neste estado, a alma devota arde doce, suave e puramente no fogo espiritual, como o carbono claro e em brasa, sem fumaça ou sem barulho. Aqui a alma é replantada na boa terra e dá frutos; aqui a cidade do amor mundano é destruída e reina a cidade do amor divino. E não se deve pensar que neste estado da vida mortal se possa chegar e permanecer nesta perfeição sem qualquer dom ou privilégio especial. Antes, digo que até a morte, irá transformar-se e morrer de estado em estado. Mas essa pessoa que chega nesse estado perfeito, com mais frequência, e ali permanece mais longamente do que os outros, levanta-se mais rapidamente quando cai e retorna a um dos dois primeiros estados.

O primeiro estágio é comparado ao inverno, que é frio e obscuro; o segundo, à primavera; e após a transformação se torna mais quente e em seguida frio e escuro novamente, depois se recupera; então reluzirá ao sol, depois será coberto de nuvens, depois chuvoso e finalmente belo.

O terceiro estágio assemelha-se ao quente verão, quase continuamente claro e quente, ainda que algumas vezes haja nuvens e escuridão, e outras vezes tempestades fortes e mudanças mais horríveis do que nas outras estações. Assim, sofrem algumas vezes os perfeitos contemplativos as mais pesadas tentações do que os outros, como forma de provação, purificação ou de adquirir a humildade, ou para perdê-la com o orgulho e a iniquidade, como Lúcifer, que era tão belo, sábio e elevado em contemplação.

Pode-se comparar o primeiro estágio ao período da manhã, quando a claridade ainda está envolvida na escuridão e começa a aparecer apenas debilmente; o segundo estado assemelha-se às terças; o terceiro ao meio-dia.

34 - Declaração por meio de exemplos sobre como a forte perseverança é necessária

Quem pensa que, sem a perseverança, chegará ao alto da contemplação ou experimentará o calor perfeito do amor ardente de Deus age como aquele que sobe uma grande montanha e depois desce logo que chega ao cume, ao deparar-se com alguma dificuldade ou impedimento. Ou se parece com aquele que quer acender um fogo com madeira verde ou podre. Ou aquele que, quando vê que o fogo não surge logo, ou não percebe a fumaça nem a chama, que ligeiramente se apaga, destrói tudo e joga fora todo o feixe. Essa pessoa também é comparável àquele que não espera o grão morrer e a planta arraigar, por causa do atraso ou das dificuldades e perigos que percebe. É como o macaco que, após comer a noz verde e perceber o seu amargor, a atira para longe. Também se parece com os preguiçosos cavaleiros que, antes da tomada de uma cidade, entediam-se e partem. Vede, pois, que com essas falhas não se pode chegar ao alto da montanha, nem ter o fogo, nem o trigo, nem a planta, nem o sabor da noz, nem a tomada da cidade, como foi dito. Da mesma forma, não se pode chegar à perfeição da vida contemplativa sem a forte perseverança.

35 - Dos numerosos impedimentos para se chegar à montanha de contemplação

Detenhamo-nos um pouco mais em um desses exemplos ditos, e vejamos o que fazem aqueles que querem chegar ao cume de uma alta e íngreme montanha. A pessoa sobe sem retroceder até embaixo, de onde partiu, e quando vem a parar, não recomeça a partir do pé da montanha, mas de onde parou. Da mesma forma, quem quer chegar à perfeita contemplação

não deve nunca parar ou repousar, pois fazendo isso ela irá descer e retroceder para baixo e terá que começar novamente do início. Não se deve recomeçar sempre de baixo, mas de onde se parou. E por causa dessa falta da perseverança, muito poucas são as pessoas que chegam à perfeita contemplação, pois, logo que atingem certa altura, sentem cansaço e dificuldade e cedem ao repouso, retrocedendo. Outras não conseguem manter a disposição de subir, pois querem estar logo no alto sem começar de baixo. O pé dessa montanha refere-se à consideração de seus pecados e faltas.

Outras carregam consigo uma grande carga, e o sabem bem, o que não as impede de continuar a subir. Essa carga são as ocupações mundanas e o forte pensamento que colocamos nelas, que sobrecarregam a alma excessivamente e a derrubam. Outras desistem por causa das pequenas moscas que a perturbam. Essas moscas são os pensamentos fugazes e inconstantes a que a alma não deve se ater, mas espantá-las com as mãos da santa indignação. Outras pessoas correm atrás dessas moscas como as crianças atrás das borboletas.

Outras, ao ouvirem o latido dos cães do inferno, aterrorizam-se. Quer dizer, quando elas se deparam com uma tentação desprezível, deixam tudo e ocupam-se em empurrar para fora tais pensamentos, pois não conseguem passar por elas sem se importar, como o peregrino que nunca para ao ouvir os latidos dos cães que encontra no caminho, mas passa por eles, que então se calam. Quanto mais alguém para sua caminhada para se defender dos cães ou tentar fazê-los cessar, mais eles latirão, e mais a pessoa se desviará de seu caminho.

Outras nunca estendem a mão direita aos que podem empurrá-la para o alto, quer dizer, a Deus, mas afastam-se, confiantes em suas próprias forças; não é de se espantar que elas logo venham a tropeçar. Por isso, deve-se sempre estender a mão à ajuda da graça divina sem confiar em si mesmo e em sua própria força, e sem pensar que pode chegar onde quer por seus próprios esforços. Outros pensam que estão acima, mas na verdade estão ainda bem baixo, e desistem de subir e, com isso, retornam à base. Outros vão até o alto, mas logo se alegram tolamente e pensam que já fizeram muito e cumpriram bem sua missão, e assim não se esforçam para permanecer ali, por isso caem logo e tão cedo não voltam como gostariam; ou Deus não os ajudam a subir por causa do orgulho que carregam, ignorância e ingratidão, o que é algo horrível de pensar e motivo para se humilhar profundamente sempre.

Algumas pessoas chegam tão perto de Deus e falam a Ele familiarmente e, como um pássaro, fazem seu ninho dentro do céu, mas depois caem no inferno sem retorno. Outros, quando se veem um pouco mais alto na montanha, põem-se a zombar dos outros que ainda estão bem abaixo. Assim, é justo que Deus os deixe e que, caindo, eles sintam o quão pouco eles podem fazer por meio de seus próprios esforços. Outros só querem subir a montanha por

curiosidade e para dizer, “Estive lá!”; ou para inquirir sobre os segredos lá de cima, por simples prazer ou pelo lugar aprazível que lá encontra, e de forma alguma para agradar a Deus e para servi-lo com orações, honestamente, grandemente e meritoriamente. E tais pessoas perdem muito cedo a ajuda de Deus e de sua graça, ou enganam-se gravemente, pois quando pensam estar sobre a montanha de Deus, estão na verdade sobre a montanha do diabo.

Outros querem se apressar demais e caminhar na frente do seu condutor, e mais intensamente do que ele, o que é uma grande insensatez. O condutor é a graça divina, e se a pessoa não espera o movimento dessa graça e sua ajuda, ela a perderá e não a retomará posteriormente quando desejar; como também acontece com aqueles que não estão prontos para seguir a graça quando ela lhes chama e convida a subir, e recusam ou vão a outro lugar, ou pedem-lhe que espere mais um pouco. E, em nome de Deus, ela vai embora.

Portanto, convém estar sempre atento e pronto para seguir a graça de Deus e caminhar de acordo com o movimento e a vontade dela, nem adiante, nem atrás, sempre com grande humildade e julgando-se indigno seja de repousar no pé da montanha ou de subir ao alto dela. E assim será empurrado ao alto, como um rei que honra o seu cavaleiro e com boa vontade o faz sentar-se no alto, e o cavaleiro humilha-se e desculpa-se.

A presunção é o que desagrada a Deus sobre todas as coisas, e não lhe apraz a maneira daqueles que, em pleno voo e atrevidamente, querem chegar a Ele como seu igual. Deve-se ao contrário manter a santa vergonha, o temor, o pavor e a dúvida, mas sempre com a confiança na benevolência divina, pois sem essa confiança o medo será muito grande e impedirá a subida da montanha, em razão da perturbação e agitação exageradas.

36 - Outros impedimentos

Falemos agora de outros impedimentos. Algumas pessoas trabalham tanto o seu corpo que se esquecem da alma. Outras se encontram como enfastiadas, pesadas, fechadas e adormecidas em razão da longa estadia na prisão da carnalidade, por tanto beberem ou comerem ou falarem, e estão encerrados, medrosos e paralíticos; convém primeiramente recuperarem-se pela humilde penitência.

Outras, ao subirem, sentem grande fome espiritual da palavra de Deus, seja por ouvir ou ler; mas, ao lerem demais, ingerem essa refeição mais do que o necessário ou do que requer aquele momento, e se esquecem de continuar a subir. Verdade é que, por outro lado, tal

refeição é sempre benéfica e necessária, especialmente no início ou na metade, quando se busca subir mais pela leitura devota do que pela ciência.

Outras, para chegar ao alto, atiram-se contra o cimo da montanha, que as atravessa; quer dizer, isso ocorre por quererem demais escapar da tribulação. Outras ainda não aprenderam o caminho por meio dos conselhos dos sábios, mas se fiam em seus próprios sentidos e querem aprender por si mesmos. De tal forma, desviam-se da rota e falham vergonhosamente.

Outras não param de perguntar o caminho e de interrogar por meio dos estudos fervorosos, de modo que saibam ler e falar dele, mesmo sem nunca terem estado lá. Assim, não é surpreendente que elas permaneçam embaixo, pois não se consegue subir apenas por saber falar, é preciso colocar em prática. Essas pessoas são como os mensageiros, que exortam e ensinam os outros a combater, mas não os tocam jamais. Ou como as que mostram os caminhos para receber esmolas dos peregrinos, mas lá não vão, porque são doentes e impotentes.

Outras, após começarem a seguir um dado caminho, logo se desviam por outra via por causa de sua inconstância ou porque acreditam que assim chegarão mais rápido ou de forma mais agradável. E com isso não sobem e não avançam nada, assim como o cão não pega o cervo quando corre atrás de um e depois de outro, pois deve seguir o rastro do primeiro sem se deter, como fazem os cães bem treinados.

Outras não atentam para os perigos do caminho, mas seguem imprudentes sem perceber onde colocam os pés; por isso deslizam do alto até embaixo. Outras, ao subirem, olham para trás ou abaixo, e assim que alguém lhes chama, deixam tudo. E quanto mais se demoram mais se tornam inaptas e incapazes de subir, pois a conversação mundana, falar ou fazer outra coisa, impede e atrasa a subida; e quem muito dedica seu coração a isso, sem retornar rapidamente a subir, perde muito tempo. Portanto, não se deve demorar nessas coisas a não ser por necessidade ou de passagem. Se o corpo está embaixo, que ao menos o pensamento esteja acima, o que é difícil para quem ainda não tenha aprendido e que não cravou na montanha a âncora e as cordas do bom hábito.

Outras, quando sobem, não querem mais partir e acham que podem ficar ali indefinidamente; mas ao cair lá embaixo, se dão conta de sua própria fragilidade e perturbação e percebem que a graça de Deus lhes fora dada, embora mantida por muito pouco tempo. E então aprendem a pensar a partir de baixo quando estão no alto, com humildade; e quando estiverem embaixo terão esperança de subir, e paciência, pois dessa forma irão portar-se melhor tanto na adversidade corporal como espiritual, ou seja, as tentações e duras aflições

do pensamento que não sente mais a consolação que havia experimentado e que agora deseja alcançar novamente.

Outras, ao subir, consomem-se de tal modo com lágrimas ou aflições e se esquecem de cumprir sua missão. E Deus as deixa lá embaixo por algum tempo.

Esses são os impedimentos de subir a montanha da contemplação, entre outros sem número que podemos associar aos que foram citados. Para vencê-los, é necessário ter forte perseverança e humilde penitência, e também o lugar secreto e o silêncio.

37 - Algumas maneiras de pensar que se podem manter em contemplação

Ao ler ou ouvir o que foi dito, pode-se perguntar que forma de pensar deve-se manter em sua contemplação; pois não chegamos a ela pelos pés corporais, mas espirituais, que são as cogitações e afetos da alma. Respondo que não há uma maneira de pensar, mas muitas e diversas de acordo com as pessoas, os lugares e as circunstâncias, e com a graça de Deus e a doutrina ou conhecimento que temos. Um prosseguirá de uma maneira, o outro de forma distinta; ou se pode também seguir por uma maneira e depois por outra. Todavia, penso que não será de todo sem proveito apresentar exemplos de como alguns se conduziram, para que melhor se compreenda e encontre a entrada desse caminho. E bem recordo que, para vós, minhas amadas irmãs, escrevi outra vez em cartas sobre esta e outras diversas matérias que agora escrevo aqui.

Mestre Ricardo de São Vítor em seu livro que mencionei anteriormente, apresenta uma maneira que me parece mais apropriada para os clérigos bem estabelecidos do que aos simples, e é também muito geral, e longa; portanto, esta deixarei para os clérigos. Santo Agostinho, no livro de suas "Confissões", oferece entre outras uma maneira que experimentou com sua mãe quando estavam diante de uma janela a contemplar um jardim, pouco antes da morte de sua mãe, e que pretendo tratar brevemente a seguir. São Gregório falou muito da contemplação em suas "Moralidades", mostrando os perigos e benefícios que nela se encontram; mas não encontrei ali a maneira particular que procuro.

São Jerônimo oferece-nos uma maneira, entre outras: a da virgem chamada Eustáquia, que pensava na hora da morte e foi recompensada: Nossa Senhora e Jesus Cristo, com os anjos e as virgens, se colocaram diante dela, e a receberam cantando o canto de que falou Maria, a irmã de Moisés, após o filho de Israel atravessar o Mar Vermelho: "*cantemus Domino, gloriose*". Diz também São Jerônimo, sobre si mesmo, que após sofrer fortes

tentações da carne e sentir-se ferido no peito, em pranto contínuo e pedindo a ajuda de Deus, sentiu como se estivesse na companhia dos anjos, por causa da grande paz de consciência e da alegria que Deus lhe enviou após sua penitência e tribulação. Dizem em comum acordo que se pense no inferno, no paraíso, em seus pecados e na vaidade do mundo. Mas procuro ainda uma maneira mais particular.

São Bernardo, em todos os seus sermões sobre os "Cânticos", tratou da maneira do casamento espiritual entre o Deus e a alma. Esta maneira segue-se de uma outra mais nova, do casamento da alma com a sapiência divina, no livro "O relógio da sapiência". Mas essa maneira é muito elevada e bastante perigosa para se dedicar no início de sua conversão, pois, quando se pensa no casamento espiritual, vem rapidamente à lembrança o casamento carnal. Sei bem que, no dito livro, outras maneiras são tratadas, como pensar em um homem que morre e não quer ou não pode arrepender-se; pensar no seu julgamento; ou considerar Nossa Senhora na hora da Paixão de Nosso Senhor, que são bons e convenientes meios.

38 - Da maneira que manteve São Bernardo no início

São Bernardo conta sobre si mesmo que, no começo de sua conversão, percebeu a necessidade que tinha de boas obras e de méritos, muito além do que poderia alcançar. Então concluiu que faria tanto quanto os méritos de Jesus Cristo. E daí pôs-se a pensar diligentemente sobre a vida de Jesus, desde sua concepção até sua ascensão; e em todas as penas que carregou como um fardo de mirra; e o colocou continuamente em seu peito pela santa recordação e compaixão. E por isso concluo que São Bernardo começou sua vida contemplativa pelo pensar na vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, como também lemos sobre Santa Cecília, que sempre carregava consigo o evangelho de Nosso Senhor, quer dizer, a memória de sua vida, e sobre ele não parava de falar e rezar. E um doutor mais recente, em um livro que se chama "O cume do amor" [*Aiguillon d´Amour*], trata dessa maneira, especialmente da Paixão de Cristo, e mostra como tudo se pode encontrar ali, e que esta é a entrada e o caminho [da contemplação]. E se engana quem busca entrar na contemplação por outros meios. Ele tinha Jesus Cristo como a via, a verdade e a vida: via pela qual se deve caminhar; verdade que ilumina o caminho; vida que nutre, sustenta e recompensa. Eu gostaria muito que esse livro fosse traduzido para o francês, pois o considero muito útil.

Mas algumas pessoas não mantêm nenhuma outra maneira a não ser colocar-se a ler algum livro de devoção e da vida de um santo, e alcançar a compunção a partir da matéria que

ali encontram. A essas pessoas, os livros são necessários, mas essa maneira apenas não é suficiente, se não se acostumar a pensar sem os livros.

Outras pessoas exercem esse método ao prestarem-se aos serviços da igreja, o que julgo algo conveniente, em especial no início da busca pela perfeita contemplação, pelo sofrimento que se experimenta ao cantar, caso a pessoa não esteja habituada ao seu segredo.

39 - De uma outra maneira pelo exemplo da mendicância

Conheço uma pessoa que se beneficiou muito, porque reduziu e colocou seus pensamentos em unidade e simplicidade, considerando ser uma pobre e miserável criatura, que não tinha nada, e que por seu trabalho nada poderia adquirir. Desse modo, pensou que se colocava a procurar e a buscar esmolas de bens espirituais, diante daqueles da corte celeste do paraíso, que eram ricos e plenos e muito generosos e caridosos.

Assim, pôs-se debaixo de uma árvore em um jardim, num lugar secreto, e na condição onde tentou pensar de modo confortável e durante um longo espaço de tempo. E então tornou-se, sem falar, a um santo e depois a outro, de acordo com sua devoção, implorando a cada um sua esmola e mostrando sua necessidade, sua indigência, exaltando a graça e grandiosidade deles, pedindo-lhes que recorressem a Deus, pois ela não era digna de se comparar a eles.

Mas, essa pessoa virá a sentir grandes obstáculos, especialmente dos pensamentos e fantasias, no entanto, estará disposta, com forte perseverança, a manter-se nesse lugar e não partir até que sinta dentro de si o que ela busca e que conduz sua oração. E entre numerosas jornadas, continuando nesta maneira, em duas, três ou quatro horas ela obterá o que pediu, a saber, a união de suas cogitações e afetos em um só, como já disse. E essa pessoa alcançará aquilo que aspira, algumas vezes mais cedo, outras mais tarde. E perceberá claramente o quanto é verdadeiro o que Jesus prometeu, isto é, que aquele que perseverar em pedir receberá. Podes bem saber que grandes foram os lamentos, os suspiros e gemidos em direção aos santos, a um e depois a outro, e em especial àqueles cuja festa se comemora no mesmo dia. E, ao longo de duas ou três horas aos pés dos santos, a pessoa sofre uma batalha ininterrupta contra seus pensamentos, que fazem barulho e lhe impedem de subir ou de pedir por meio dos santos desejos, sem os quais não receberá socorro. Mas, por fim, esses pensamentos se vão e a pessoa percebe que tal dificuldade que havia experimentado anteriormente foi útil, pois ela aprendeu mais vivamente, sabiamente e ardentemente a pedir.

E muito em breve e sem interrupção, essa pessoa se encontrará em sua oração em unidade e simplicidade de pensamento, por essa maneira que citei e pelas outras anteriores, pelas quais aprenderá mais rapidamente através da boa prática e do hábito. Afirmo que essa maneira de contemplação foi usada por um muito excelente doutor Guilherme, outrora bispo de Paris, a respeito do qual eu li que afirmava que os pobres e os vagabundos, bem como os prisioneiros, lhe haviam ensinado como implorar a Deus. E em um de seus livros ele compara a oração a um mensageiro que vai ao paraíso pedir ajuda, e nesse mesmo livro, diz como esse mensageiro se exprime diante de Jesus Cristo e dos seus santos, especialmente a Nossa Senhora, e como eles ajudam a criatura que lhes pede alegando sua pobreza.[7] E também fala daqueles que aguardam julgamento, sobre como são sábios em suas orações, dada a incerteza do perigo em que se encontram, e que de tal forma devemos nos colocar perante Deus.

40 - Ainda dessa matéria

A quem quiser dedicar-se a essa maneira de entrar em contemplação, digo que é muito segura, simples e rápida, e também muito conveniente, no primeiro degrau da contemplação, a humilde penitência; pois aqui a pessoa apenas pede perdão e graça para fazer o bem no futuro, ou remédio contra suas feridas e doenças de pecados diversos. Para tal, são úteis as orações feitas por Anselmo aos diversos santos e santas, algumas em francês. Também o livro de que tanto tenho falado, que se chama "A retórica divina", de Guilherme de Paris, é muito excelente e válido, mas não sei se há em francês.

Eu desejei há um tempo, sobre essa matéria, fazer uma oração baseada no pobre que pede seu pão de porta em porta, ou no procurador de indulgências, ou naqueles que estão na prisão, ou nos que pedem não para eles próprios, mas para os hospitais, pois uma pessoa encontrará melhor sua devoção ao rezar por outrem do que para si; o que é muito profícuo. E muitos fazem disso o seu ofício, como as gentes da Igreja e outros que vivem de esmolas. Mas eu digo que todos devem fazer como tal, tanto para os preceitos de Deus como para os bens que recebe dos outros, sejam bens de natureza paterna ou materna, sejam herdados dos vivos ou dos mortos. Fiz uma oração há algum tempo a Jesus Cristo que começa da seguinte forma: "Jesus, verdadeiro esposo da virgindade". É minha intenção, ao agrado de Deus, escrevê-la por completo em breve. Mas certo é que todos os escritos do mundo não chegarão

[7] O livro da "Retórica Divina".

nunca onde o contemplativo é capaz de chegar e permanecer com forte perseverança, com a graça de Deus, segundo o exemplo dessa pessoa de que falei sem nomear, pois não se pode jamais escrever os afetos, tampouco gerá-los por meio de cartas ou palavras.

41 - Ainda dessa matéria

A quem agrada esta similitude, há muitas formas de usá-la, e de se acostumar a retornar para dentro de si e para Deus e seus santos, pois nossas necessidades, enfermidades e misérias são inumeráveis, quanto ao corpo ou quanto à alma, assim como as virtudes que devemos pedir. Para isso, temos os santos para quem iremos suplicar, seja a todos eles ou a cada um em particular.

E entre as outras necessidades, a hora da morte é a necessidade derradeira em que devemos crer, e para essa hora devemos prover os remédios e solicitar, em vida, a alguns amigos e defensores, que possam nos auxiliar nessa hora assustadora, com a vontade de Deus. Essa hora nós devemos sempre colocar diante de nossos olhos para ter sempre dela a fresca memória, em todos os lugares e em todas as nossas ações. Devemos sempre em nosso segredo da contemplação perguntar a nós mesmos: "agora, pobre e desgraçada alma, diz-me se, neste momento ou dentro de uma hora, te convier partir do corpo e aparecer diante do temível julgamento de Deus, o que farás, que dirás, a quem recorrerás? Se me disseres que farás assim, ou de outro jeito, e gritará de todo o teu coração pela misericórdia a Deus e aos santos e santas, faz isso no presente, pois não sabes em que ponto de tua doença estás, nem quanto tempo terá para agir."

E aqui devemos permanecer longa e vivamente até percebermos que a morte se aproxima. Devemos, também, considerar que os amigos pelos quais iremos rezar estejam em tal necessidade como no leito de morte, e observar como eles nos pedem ajuda. E por eles rezemos bem e tenhamos compaixão, como se estivesse a acontecer no presente aquilo que não tardará. Tenhamos piedade e misericórdia de nossa alma, como se a víssemos em meio às chamas do purgatório, e ao vê-la, é útil recordar a infelicidade e a dor que aqui sofremos por doença ou de outra forma, e pensar que isso acontecerá se a alma tiver que sofrer no outro mundo, onde a pena será muito pior.

42 - Ainda dessa matéria e dos três julgamentos de Deus

Nesta contemplação, podemos colocar diante de nossos olhos as três formas dos julgamentos de Deus: um é como o do pai, que reina e julga com doce e piedosa misericórdia, e ocorre nesta vida. Outro julgamento é como o do senhor contra o seu servo, onde julga com justiça rigorosa, pois convém a este tudo pagar, e isto será no purgatório. O terceiro julgamento ocorre no inferno, onde reina a justiça terrível e cruel para os pecadores condenados, pois Deus os pune como juiz que não pode ser flexível para com os malfeitores merecedores da morte perdurável.

Podemos escapar aos dois últimos julgamentos e submeter-nos à primeira corte da misericórdia, que ocorre durante a vida apenas. Assim, convém agir enquanto é tempo, para que nessa corte possamos ter um grande número de intercessores por nós. Em especial, temos Nossa Senhora, que é a rainha da corte de misericórdia e também é nossa mãe e advogada. Da mesma maneira é Jesus Cristo, nosso pai, irmão, advogado, conselheiro, mediador e redentor. Na verdade, muito tolo é quem não se submete como diz o profeta: *Domine, ne in furore tuo arguas me neque in ira tua corripias me, miserere mei, Domine, quoniam infirmus sum*. Aqui, menciona o profeta os três julgamentos e diz: "Senhor, não me julgues com tua fúria, como no inferno; nem me punas com tua ira, o que é para o purgatório; mas segundo tua misericórdia tende piedade de mim, pois sou frágil e doente"; isso é nesta vida. E ainda podemos pedir e ter nossas dores atenuadas pela intercessão, e então seremos perdoados. Quem tiver diante de si a saída dessa prisão onde nos encontramos, que será a hora da morte, e pensar nesses três julgamentos, terá grande alegria em ser punido neste mundo pela doença, pela difamação ou pobreza, e rapidamente deixará de se importar com o que é mundano. Quem sempre pensa que deve morrer e que não sabe quando, examina com frequência se ousaria morrer no estado em que se encontra no presente, e se a resposta for não, ele logo tentará se livrar dos impedimentos.

43 - Ainda dessa matéria, e contra aqueles que não são perseverantes

Muitos não são orientados a ter forte perseverança, onde está o fruto da contemplação, pois não querem de modo algum se dar à oração e à meditação a não ser quando sentem devoção e que isso lhes venha ao coração ou desperte prazer; e parece que de outra forma não se beneficiam. Esses se assemelham àquele que congela de frio e não quer ir até o fogo; ou àquele que morre de fome e não quer ir comer. Por que se dedicar à oração ou à contemplação

se não para aí se aquecer no fogo do amor divino ou se saciar com os dons de Deus? Falham os que pensam que perdem seu tempo em suas orações quando não recebem a devoção. Respondo-lhes que, se eles se esforçarem para cumprir seu dever e batalharem contra os seus pensamentos, com grande desprazer porque estes não os abandonam e não lhes deixam em paz, terão maior mérito; mérito que seria menor se sua devoção viesse rapidamente, pois deste modo servem a Deus ao custo de uma pena.

E quem quiser agir a exemplo da pessoa mencionada precisa dedicar um amplo espaço de tempo sem encarregar-se de outras ocupações para ela ou para outrem, e deve obrigar-se a ficar em um lugar por muito tempo, qualquer que seja a devoção que venha até ela, e cumprir o seu dever de prosseguir; e quando se sentir abatida, dirá a si mesma que permaneça um pouco mais, cumprindo sua penitência e esperando pela esmola da graça. Uma vez que esse tempo tenha passado, pode ainda desejar ficar mais um pouco, e nessa única hora final poderá progredir em sua contemplação mais do que durante todo o tempo anterior; o que não faria em dez dias, tampouco em um mês. E se porventura ela ainda perceber que recusa a devoção, deve voltar-se humildemente para Deus confessando que não é digna e que merece mais sofrimentos do que consolações. E dirá: "Senhor, vossas consolações são suas e, para mim, a confusão é justa se vossa misericórdia eu não receber." Assim volta-se para Deus e sacrifica a ele seu pensamento, e Deus não se esquecerá dela quando chegar a hora. A pessoa não deve desejar muito as consolações por meio de lágrimas e devoção, tendo em vista seu próprio prazer, mas apenas valer-se disso como forma de melhor amar a Deus, e de mais ardente e diligentemente voltar-se para Ele. Se agrada mais a Deus que apenas o sirvamos, sem ter tais consolações, devemos agradá-lo e dizer: "Senhor, todo-poderoso, bem me basta que guardeis para mim no paraíso minha remuneração sem me dar nada no presente; apenas suplico que não se irrite contra mim, mas que eu esteja em vossa graça e que vossa vontade seja feita." E quem teve devoção, deve na diligência agradecer a Deus de todo o coração, rezando para que ele aumente e reforce o que plantou em si, sem que lhe dê algo como recompensa.

44 - Uma imaginação de uma montanha contendo três estágios ou obstáculos da fé, esperança e caridade

De acordo com a similitude da montanha mencionada anteriormente, pode-se fazer uma imaginação conveniente para elevar-se em contemplação, como sei de uma pessoa que o fez, e apenas tratarei aqui brevemente.

Imaginemos um grande mar muito perigoso, onde vão e vêm diversas maneiras de gentes, em diversas embarcações, para chegar finalmente a um porto. E a maior parte dessas embarcações perde-se de muitas maneiras por causa dos grandes perigos e tempestades. Na costa desse mar, eleva-se uma rocha muito alta, onde alguns estão em segurança, e de onde se pode ver o que acontece nesse grande mar, sem expor-se ao perigo. Nessa rocha, há três estágios ou tabernáculos. Um embaixo, o outro no meio, e o outro acima. No primeiro, imaginemos que esteja a Fé; no segundo, a Esperança; no terceiro, a Caridade.

Quando a pessoa está no primeiro estágio, abaixo, a Fé lhe mostra os horríveis perigos do mar para a alma, e com isso a pessoa sentirá grande medo. Ali, verá os espantosos julgamentos de Deus contra os pecadores que caem e são engolidos pelo mar em eterna e irremediável danação. E aqui a pessoa pode com fé colocar diante de si tudo o que seja capaz de gerar nela o santo temor e a crença nos julgamentos secretos de Deus, como a fragilidade da inconstante e breve vida mortal, a incerteza da morte, o horror da danação, a infinidade de condenados, seus próprios pecados e faltas do passado e de cada dia. Assim como Jesus Cristo e todos os santos tiveram aflições e tribulações, deve estar certa de que ainda as terão os malvados e danados e que, quem quer que seja ela, boa ou má, deve esperar ter tribulação cedo ou tarde.

No segundo estágio ou tabernáculo ou edifício, encontra-se a Esperança que traz confiança à pessoa devota, para que ela não se desespere e se perca de tanto medo. E aqui deve-se considerar tudo o que ajuda a ter esperança na bondade de Deus, pois assim ele quer que façamos. Consideremos a misericórdia dos santos e santas e dos bens que Deus nos fez e faz sem que mereçamos, em especial a grande benevolência e misericórdia da paixão de Jesus Cristo, e a graça que Deus ofereceu aos pecadores. Aqui a alma devota recuperará seu coração e, de um tabernáculo a outro, avançará combinando o medo e a humildade com a boa esperança, pois um sem o outro não é suficiente.

No terceiro estágio, encontra-se a Caridade; ali a alma devota considerará a grandiosidade de seu senhor e como é preciso amá-lo, louvá-lo e prezá-lo, e como ele governa e sustenta tudo o que criou do nada por sua pura bondade; e entre tão nobres e inumeráveis considerações, pensará na glória que derrama sobre seus amigos. Santo Agostinho ensinou como conhecer Deus por meio da elevação do pensamento acima da terra, do céu, sobre sua alma e sobre toda coisa criada. E então, em um momento de súbito traspassamento, semelhante ao clarão nas nuvens, a alma alcança o que é Deus e logo retorna a si. Mas aqui não convém ser muito curioso, nem muito permanecer. Basta conhecer Deus no paraíso e, quanto ao mundo, é suficiente crer Nele e conhecer que é vosso criador e redentor, e outras

dignidades que nossa fé nos ensina, sem querer saber que coisa é por sua natureza, em clara visão.

Sobre isso, trago-lhes um ensinamento segundo São Dionísio: em vossa contemplação e pensamento voltados para Deus, é preciso saber o que se vê, que de alguma forma se parece com as coisas de baixo. Esteja certo de que não vês Deus por meio de clara visão; o mesmo digo dos anjos. Deus não é grande corporalmente, nem branco nem vermelho, nem claro nem colorido, como também não o são os anjos. Na verdade, conhecemos e sentimos de uma forma que não se pode escrever ou falar. Aqueles que assim conhecem, sentem e sabem o que conhecem por meio de um sentimento de doçura, uma plenitude, uma melodia; tais sentimentos não podemos descrever recorrendo a coisas semelhantes. Sentimos bem que esse amor e alegria não são coisas corporais, grandes ou leves, brancas ou negras, e não se pode explicar tais coisas a quem nunca as experimentou. Eu não quero dizer que não podemos conceber o que é Deus em natureza humana, pois ele tem corpo, e é formado como um outro homem, mas falo de Deus em sua essência divina.

Quando a alma devota estiver bem habituada a permanecer nessa rocha ou montanha pela forte meditação e pensamento, ela poderá sempre e mais rapidamente elevar-se à fé, esperança e caridade, e a outras belas contemplações sem número que ali encontrará, e que serão para ela como um porto e sua costa, contra todas as mazelas do grande mar do presente mundo.

45 - Das três maneiras de se ter a graça

Com base no que disse anteriormente, pode-se ter a contemplação de mil maneiras. Convém, portanto, que eu deixe cada um agir de acordo com sua ponderação e com a graça que Deus lhe deu, sem restringir uma coisa tão ampla, rica e infinita a estreitas e concisas imaginações.

Por fim, vejamos ainda que a graça de Deus pode apresentar-se à alma de três maneiras, em especial. Por justificação, sem que se faça sentir, mas tornando a alma aprazível a Deus. Outra maneira se dá pelo sentimento de consolação, como os que em sua contemplação recebem e percebem diversas formas de consolação e alegrias espirituais. Algumas vezes ela aparece como uma doçura, e tudo o que se vê, pelo olhar ou pelo pensamento, parece pleno dessa doçura. Algumas vezes, recebe-se uma maravilhosa segurança, plena de humildade pela qual ela se menosprezará e encontrará seus únicos

prazeres em Deus, dado que toda vez que a pessoa se alegra e se agrada consigo mesma, esteja certo de que não possui humildade verdadeira e de que estas não são as consolações divinas, pois a verdadeira humildade, que sempre acompanha as boas visitações divinas, faz com que se conheça vivamente as próprias faltas pelas quais a pessoa sente desprezo enorme por si mesma, e não sente qualquer satisfação, no entanto, encontra-se na graça, na misericórdia e na bondade divina.

Outras vezes a alma sentirá um alargamento de seu coração ou de seu entendimento e compreenderá mais em si do que no mundo, e perceberá Deus em sua excelente e infinita majestade, e tudo o que existe parecerá nada, a menos que Deus ali se faça conhecer. Algumas vezes sentirá uma espécie de entorpecimento espiritual, que a impelirá sobriamente aos louvores espirituais e aos suspiros santos e devotos, que não conseguirá conter dentro de si. Não precisará mostrar por fora o que sente, e lhe parecerá algumas vezes que tudo é pleno de glória e louvor a Deus.

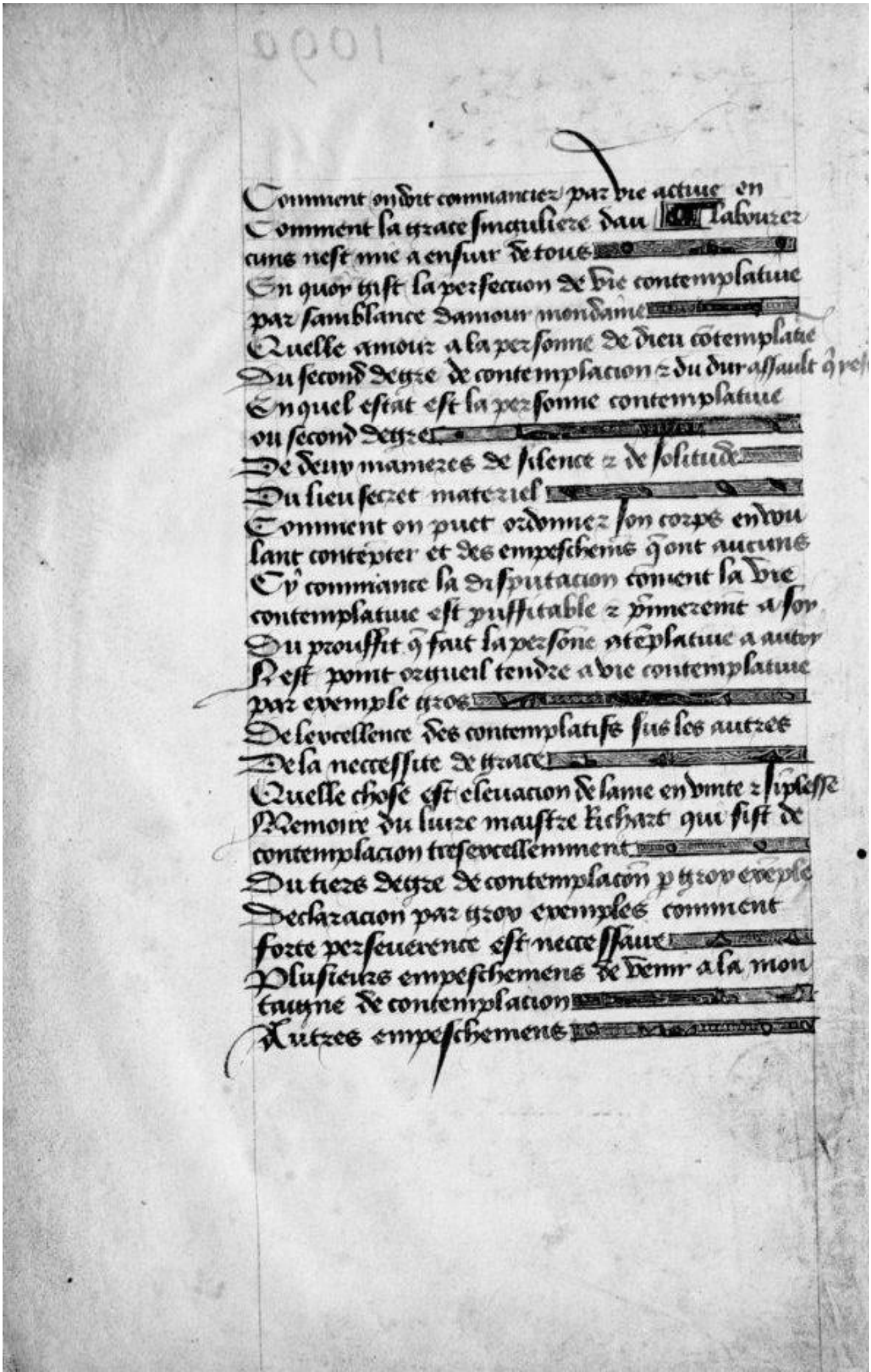
A terceira maneira de ter a graça é pela união, como teve São Paulo e os excelentes contemplativos. Mas a respeito desta eu não sou digno de abrir minha boca, e a deixo aos maiores.

REPRODUÇÃO DO MANUSCRITO *FRANÇAIS 990*

1090

Ces tebruches du liuure De Contemplacion

La cause de escrire en francois et ygrens simplece
De la matere De contemplacion
Cestuy nest mie Du tout neccessaire a ygens
contemplatifs
De deux manieres de ygens et lesquelz sont
meilleurs a contemplacion
De deux manieres De contemplacion lune en
saence lautre en affection
De la Difference entre sapience et science
Nul ne doit estre Dit saue sans estre bon
Comment simples ygens puent auoir sapience
et est monstre par ygroy exemple
Qui sont les euures par lesquelles on cognoist
Dieu plus parfaitement
Une briefue continuacion De ce qui est Dit ace
qui est adiouste
Lamour De dieu est le commancement et la fin
De vie contemplatiue
Que lamour mondaine est a ostez primerement
Quelle peine est de ostez ceste amour mondaine
Exemple ygroy comment vne personne puet
delaissiez la vie mondaine
Comment lire et oyr on doit la vie des sains pour
De larde des autres et De aduerssite
Cy comance parler De leschiele De contemplacion
et De ses trois Degrez qui sont humble penitence
Secret lieu et silence forte · perseuerance · ainsi
les met Saint Bernart sus cantiques



Comment on doit commancier par vie actiue en
Comment la tyrace ſmaculiere dau [illegible] labourez
cuns neſt mie a enſuir de toues [illegible]
En quoy tiſt la perfecion de vie contemplatiue
par ſamblance damour mondaine [illegible]
Quelle amour a la perſonne de dieu cotemplatiue
Du ſecond degre de contemplacion z du dur aſſault q̃ re
En quel eſtat eſt la perſonne contemplatiue
ou ſecond degre [illegible]
De deuy maneres de ſilence z de ſolitude [illegible]
Du lieu ſecret materiel [illegible]
Comment on puet ordonnez ſon corps endroit
lant contepter et des empeſchemens q̃ ont aucune
Cy cõmiance la diſputacion coment la vie
contemplatiue eſt puffitable z pimerement a ſor
Du prouffit q̃ faut la perſone ctemplatiue a auoir
Neſt pomt ozguel tendre a vie contemplatiue
par exemple tyros [illegible]
De leycellence des contemplatifs ſus les autres
De la neceſſite de tyrace [illegible]
Quelle choſe eſt eleuacion de lame en dmte z ſuplesſe
Memoire du luize maiſtre richart qui fiſt de
contemplacion treſexcellemment [illegible]
Du tiers degre de contemplacon p tyroy exemple
Declaracion par tyroy exemples comment
forte perſeuerence eſt neceſſaire [illegible]
Pluſieurs empeſchemens de venir a la mon
tayne de contemplacion [illegible]
Autres empeſchements [illegible]

Aucunes maneres de penser qui se puent tenir
en contemplacion [redacted]
De la maneze que tint Samt bernart au
commancement [redacted]
Dune autre maneze par exemple de mendiaute
Encores de ceste matere [redacted]
Et noires de ceste matieze et contre ceuls qui
nont perseuerance [redacted]
Vne pmaignacion dune montaigne Contenant
trois estaiges ou habitacles de foy despeiance
et charite [redacted]
De trois maneres dauoir trace [redacted]
Cy la cause deseur en francois et a tens simples
De la matere de contemplacion —

Aucuns se puissent donner merueille
pourquoy ie matieze haulte comme
est parlez de la vie contemplatiue
ie vueil escrire en francois plus
quen latin. et plus a femmes que auv homes
Et que ce nest pas matieze qui appartiengne
a tens simples sans lettres Acc se respons que
latin ceste matieze est donnee et traictee tres
excellemment es dueze liures et traictiez des
sains docteurs come de Samt tregoize en ses
moralitez De Samt bernart sus cantiques
De richart De Samt victour et ainsi de pluses
autres Si puent auoir cheres qui sauent latin
recours a telz liures Mais autrement est de
simples tens et par espial de mes seurs germain

Auſquelles le vueil eſcrire de ceſte vie et de ceſt eſtat
Car comme dit lapoſtre la femme qui eſt vierge
renouuant ſans mariage ſeſtudie comment elle
plaira ſeulement a dieu non pas au monde comme
la mariee ſeffoꝛce de plaire a ſon marꝛ et ſon
meſnage nomeꝛnez Si neſt choſe plus conuena
ble pour eſcrire a meſdictes ſeurs qui par le don
de dieu ont entrepris pdurablement viure ſans mariage
q de les enſeignez comment elles plairont a
dieu en le ſeruant continuelment en larmant
et honnourant Et ne me tarde pour decelaire
la ſimpleſſe de meſdictes ſeurs Car ie nay
entencion dire choſe quelles ne puiſſent bien
comprendre ſelon lentendement que ſay eſtoy
ne en elles ¶ Clergie neſt mie du tout
neceſſaire a gens contemplatiſe

Combien que tꝛant clergie et tꝛanſ
inſtꝛuction en la loy de dieu et de ſaintes
eſcꝛipture ſoient bien conuenables a la pꝛſonne
qui veult venir a la haulteſſe de contemplacion
Neantmoins aucune foiz telle ſcience pꝛ home
empeſchement nomme de ſoy mais pour orgueil
et lenfleure que la pꝛſonne lettree en pꝛent
Car certes ceſt impoſſible venir a vraie contem
placion ſenon par humilite comme enſeignie
lapoſtre ¶ Aucun dit il ſamble ſaige en ceſt
monde deuiengne fol pour eſtre ſaige Ceſtadire
que pꝛeigne humble entendement et ſe tꝛeuue
fol au tꝛegard de la ſageſſe de dieu et que

ne pouvoit comprendre les euures z iugemens de
quoy aduient quen plusieurs clercs nest biens qui
plus leur font a empeschemens dauoir ceste vie
que de ce quilz ne daignent eulx humilier et
leur entendement donnez aux misteres de lin
carnacion mesmement et de ces sains qui sont tant
humbles et toutesfois qui nentre pas ceste entree
qui est tant humble z basse il est larron z se
trauaille en vain comme dit thesuruist [illegible] Car
est ainsi que lomme qui va teste leuee cest ainsi
entrant reputacion de son entendement et de sa
science et qui ne se veult enclinez en quise dun
petit enfant ou dune simple femelette iamais
ne pourroit entrez entre si humble Amours se
blesse et letourne arriere comme aucune des
disciples thesuruist furent quant ilz lorrent pres
chier du sacrement de lautel Dequoy est auenu
que pluseurs tirans clercs ont soubtaue alaforz
que ilz eussent demour en leur simplesse come
leur mere sans auoir lectres nomme que la sciece
ne soit tres proufitable de soy qui bien z hum
blement en a la grace den vser Mais aduient
que auec elle suruient grieue come dit lappo
stre que science enfle [illegible] Aduient aussi ceste chose
pour et selon les diuerses compleccions des per
sonnes Mais veez que vn tresbon vin nuit acelui
qui a les fieures et lesire a celui qui est sain
Car il sen tue et la lumiere aux yeulx nest et
enflez Ainsi font clergie attens par maunaises

meuz mi ſppoſes ¶ Des .iiij. maneres de gens/ et leſquieulx ſont meilleure a cõtemplacon.

Dit Samt thethorze ou ſiziesme liure de ſes moralitez q̃ aucunes thens ſont q̃ de leur natuz z complexion ou couſtume ſont ſi enclins a ouurer par dehors et ſoccupez en choſes terriennes q̃ elles ne puent ẽmer ou mectre en eleuer a la vie contemplatiue et valent trop meulx a lactiue et ſe le contraue elles ſefforcent a faux elles cheziuent ſouuent en euures tĩes et en blaſphemes ſi ſe ſouuent octuper a la vie actiue ¶ Les autres pezſonnes ſont q̃ ſont de penſee ſi coye et ſi paiſible et oyſeuſe q̃ neſt oau pacion par dehors q̃elles puiſſent enduzer. q̃ aus ſouuent et ſe delectent en regardant z remirant les euures de dieu et la vie du ael. et penſant a leur ſalut en toute humilite Et celles pezſonnes ſe ſouuent oſter des octupacions mondaines tant q̃elles puent Car enbam ſe trauaillezoient et pezdzoient trop plus q̃elles ne pzouffite zoient ¶ Autres ſont q̃ par couſtume et par dezius ou par complexion ou par tzop grant amo de dieu et de leur proiſme ont entendement q̃ ſe puet et ſeet ẽmez mamtenant a lune plus a lautre comme ſouuent eſtre eſpalment les prelaz ¶ Dz aduient q̃ clezcs ſont au cuns du premier eſtat et condicion de q̃oy ſenſuit q̃ ſouuent ilz ezrent ſe ilz ſe mectent trop en penſees parfondes en delaiſſat lopacion

6

ou occupacion par dehors [illegible]duent auſſi que
ſimplés gens ou pezſonnes ſont de lautre condicon
ym ſentement puent bien entre en ſolitude et penſer
prés que touſiours a lem ſalut ſans autre lez
xreme operacion Si dez que ſimplés gens ne
ſont pas a rebouter hors que on ne leur puiſſe
bien parler de ceſte vie Et nous lauons veu et
xcons par tant dexperiances de ſame hermites
et en aucunes femmes q plus ont prouffité
en lamour de Dieu par ceſte vie contemplatiue
que ne ſont ou ont ſeu pluſieurs grans clercs
Car ceſte vie ſacquert mieulx par bonne ſim
pleſſe humble que par clergie Sommé dit le
ſiure de la ſapience de Dieu Salemon q̃lle du
mettons les ſimplés et parle a eulx pour ce
commande a leurs que on queure Dieu en ſim
pleſſe de cuer Car ſe eſt tres ſimplés q par
ſimpleſſe ſe treuue Mais pour ſatiſfaire plus
aplain en ceſte matere [illegible]e conſidere que die
contemplatiue a en ſoy deux et parties
deſquelles parties lune eſt plus ſubtille et
eſt celle qui entremet par raiſons fondees
en drayte for la nature de Dieu z de ſon eſtre
et auſſi de ſes euures Et dault ceſte contem
placion a trouuer nouuelles dezirez ou a les
declairer ou enſeigner ou a les deffendre
contre les autres et fauſſetez des heresies
et meſcreans et de ceſte maniere de contem
placion neſt point mon entencon de parler Ie

preſent. Car elle appartient ſeulement a vng theolo
gien bien inſtruz en la ſaincte eſcripture / Non pas
a ſimples gens ce neſtoit par inſpiracion z miracle
inſpirituel Comme il aduint aux autres qui eſtoient
tres ſimples et ſans lectres et a phiſiences autres
Vne autre maniere de contemplacon eſt iij
qui tend premierement a amer dieu et
ſauourer ſa bonte ſans entendement acquiert plus
eleue cognoiſſance que eſt celle de la foy qui leur
eſt inſpiree et donnee Et a ce puent ſimples
gens venir en laiſſant les euures du monde et en
gardant leur cuer pur z net Et de celle vei pleine
ie apreſent Et cuer que ceſte ſapience z
contemplacion eſt celle premierement que
enſeigna ſainct denis de france en ſes liures
de miſtique theologie et eſt la plus haulte ſapience
que nous puiſſions auoir ſa vie et lui fut reuelee
et declaree par ſainct paul Grande difference
mectent les ſaincts docteurs et eſpecial ſainct
Bernart entre ſcience z ſapience Car ſcience
appartient premierement et come ſeulement a
lentendement et ſapience a laffection et emporte
ſelon ſon nom ſapience autant come ſauoureuſe
ſcience et ceſte ſauour vient de laffection le deſir
lappetit z la voulente de la perſonne Si puet
eſtre en aucune perſonne grande ſcience et vn
gnoiſſance et philoſophes auoir ſageſſe ou ſapi
ence qui ſont nitrodus en la premiere partie de
contemplacion de laquelle iay parle en ceſte
contemplacion Semble que les philoſophes

J

mectoient la ſoliate en ⁊ beatitude humaine Mais ceſt
a tort et eſt abus ſe tieulx clercs nont auecques leur
congnoiſſance ardent affection par dilection a dieu
et a qui faut a amer et ſans telle dilection ⁊ charité
ne puet eſtre en quelconque maniere mise ſoliate
en contemplacion et ne fut oncques lentencion dau
tre autre comme ſe tiene et ceulx qui autrement
ont fait ſont reprins de lapoſtre confirmant q
ceulx qui diſoient eſtre ſaiges ceſt a dire auoir
ſapience furent fait foulz et rent la cauſe pource
quilz oublierent dieu et ne le gloriffierent me
ne lamerent comme dieu ne rendirent graces
alin Si pouons veoir quelz clercs nous deuons
au vray parler dire ſaiges ou auoir ſapience et
quelz non tant ſoient lettrez [illegible] ou congnoiſſance
ou ſcience que on a a dieu par vraye ⁊ ſeulle foy
ſouffit a parfaire a telle ſapience comme par
amer dieu ſeruir ⁊ honnourer et me ſamble que
ainſi leuſt dit ariſtote que ſimples gens puet
auoir felicité par ce que a ce que les philoſophes
teſmoignent de dieu ⁊ des anges et y mettre
ſelon ce leurs penſees et entencion et affection
et par ce je conclus que ſimples creſtiens qui
ont ferme foy de la bonte de dieu et ſelon ce larmer
ardemment ont plus vraye ſapience et meulx
vaillent eſtre appellez ſaiges que quelzconques
clercs qui ſont ſans amour et affection a dieu
et a ſes ſains Mais qui plus eſt tieulx clercs
y deſplaiſent et ſont comme ſel corrompu et
ſaiges a fouliees [illegible] vengle quon ſe nous deiſtre

Se vng pere a deux enffans desquelz lun ne face
riens des seruez son pere fors seulement quil est
son pere et quil a tout son estre de lui et que du
tout le doit amer seruir et honnourer et ainsi
le fait de toute son affection Lautre filz sauva
tant forson des seruez son pere lequel il sau
uva veuele et ensauva lire et parler moult
grandement mais nauva aucune ou comme
nulle affection doulce z amoureuse a son pere
ne a son seruice Je demande lequel filz sera
dudit pere mieulx ame mieulx prise mieulx
estimere Nest pont doubte que le premier
et au surplus sauva apres des seruez son pere
et de tout son heritaige le second sera codempne
pour son ingratitude mesconnoissance z mau
uaistie [redacted] tar monstre elevement comme Je
me semble que nest pas chose perdue ou mande
appartenant parler a simples gens de la vie
contemplatiue pour les introduire a amer dieu
et lassauourer ou monster par sainctes z doulces
affections Comme par esperance par honte
pour par avdent desir par auoir desplaisance
et tristesse se on la courroucie par peche et
ainsy des autres affections et que quant a ce
congnoissance ou science des lettres nest pont
requise oultre plaine et grosse foy ou creance
quelle ont de dieu de sa puissance ou sagesse
ou bonte et de ses commandements et des mistes
generaulx de nre redempcion de paradis et
denfer et nest mi petite chose de pouoir

8

requerir telle ſapience comme le parle[illegible]r
dit vn excellent docteur Guillaume qui fut Eueſq
dauuerne que entre toutes les euures de dieu
nra euure qui plus monstre et face congnoiſtre
dieu ſa bonte que faut ceſte operacion que on
recoit en la delectacion ou plaiſance eſpirituelle
que on ſent quant il la diſcrete ſecretement
apres que on ſera fort humilie deuant ſa ma
geſte et ſil eſt ainſi Mais car il eſt ainſy dit
ſimple perſonne congnoiſt mieulx dieu que
en lamant ſecoit telles euures en ſon ame ce
dit eſt que ne pouroit auoir quelconque clerc
ou philoſophes par les euures qui ſont dehors
et par raiſons qui y ſont ſeulement priſes
et ace puet eſtre iointe la parolle de ihucriſt
qui reuuacie a ſon pere de ce quil a reuele les
haulx miſteres aux petis et cellez aux ſaiges
du monde les exemples auſſi par aucun du
mel et de la maladie monſtrent cest Cy fine e
briefue cōmuacō de ce q̄ eſt dit a ce q̄ eſt a dire ius.

Apres ce que iay reſpondu et baillie
raiſons pourquoy ie eſcorps maintenat
en francoys et a ſimples gens ceſtriſſaoir
mes ames ſeurs germaines par humayne
charnel et plus ſil plaiſt a dieu par eſpuelle
affin[illegible]e vueil deſcendre apres ſuyuant ce
que iay entrepris pour vous monſtrer au
tiement et groſſement le chemin de la vie
entemplatiue telle comme il vous appti en
et qui vous pourra ſouffiſamment mener

adonne ſapience et a vre ſalu[illegible] omme dit ſant
auguſtin que pluſieurs ſimples ſans ſcience ont fait
leur ſauuement pour auoir foy eſperance z charite
et les autres a tout leur ſcience ont en enfer eſte
boutez Laiſſons doncques telz ſuyemens ſe dampnez
et nous atout me ſimpleſſe et miſere queronz
eſtre ſauuez ¶ Lamour de dieu eſt le comancement
et la fin de vie contemplatiue. V°.

La tierce et comancement de vie contem
platiue dit eſtre lamour de dieu ceſt
adire que pour ſamour on delaiſſe la vie mondaine
et toutes cures z occupacions et que on ſe donne
du tout alui et qui autrement le faut ſi ſe decort
et ne vient me ſouuent adonne ſm ſic ne ſe
corrige comme font ceulx qui ſe mectent a reli
gion ou a leſtude ou hors du monde non mie
pour lamour de dieu mais pour pareſte z fain
tiſe de labourer au monde ou pour auoir leur
dure ou pour dainte et orgueil deſtre reputez
grans clercs ou perſonne de deuocion ou pour
curioſite de ſauoir tant ſeulement comme faiſoient
les pluſieurs des philoſophes [illegible]l ne fut auſſi
De vie contemplatiue doit eſtre lamour de dieu
ceſt que pour ſon amour plus habondamment
De plus en mieulx acquerir on doibt ſe retraire
de tout autre meſtier et occupacion Et entene
dant de dieu ici ou ailleurs ſe retraire de toute
autre occupacion terrienne premierement
Et entant que ceſte occupacion empeſcheroit
ſa contemplacion notablement Car ſe ſemp.

Bien que petite z actiue occupation est a la forz nec
cessire ou tres prouffitable a la vie contemplatiue
pour eschever pavece et mauuaise tristesse Ce
qui est dit affermé lapposture que la fin de la loy
de dieu est dilection et charite Si est le plus
grant maistre en la loy de dieu que on dit sapiece
ou theologie qui meubo ame Il a aussi vie plus
parfaicte et estat plus noble plus diuin et alouer
qui meubo ame et car la vie contemplatiue de
soy est plus conuenable a bien amer come lestole
ou meuble se puet apprendre cest art damour
pour ceste cause elle est plus louee plus approuuee
de la sainte escripture et des saints docteurs et
premierement par le vray dieu de saincte amour
jhesucrist qui rendit sentence que marie auoit
magdalenne auoit esleu la meilleur part Et
quelle part cestoit Cestoit quelle seoit a ses
piez et ouoit ses parolles et en oyant de son
amour senflamoit [illegible] Vray est que a la forz un
tume personne puet a la forz plus amer dieu en
sa vie actiue que ne fait lautre en sa vie con
templatiue et celle est plus parfaicte lors
ce quelle sort en estat moins parfait [illegible] En
outre il appert que ceuls faillent qui cuidet
la fin de la vie contemplatiue estre seulement
saluon ou enquerir nouuelles deuotez Ains
est la fin plus premiere amer dieu z assa
ouurer sa bonte et dilection Combien que
ceste saluon et attouchement ou sentement
espirituel puisse estre dit vne maniere de

cougnoissance Comme dit sainct augustin / amour
est coutmoissance et ceste coutmoissance est telle
et si secrete que on ne la puet sauoir ne
la dit par retrme ne par parolle ne puet
estre monstree a autrui Come ceste dure et
douleur nul ne la coutmoist qui ne la sent

Que lamour mondaine est a oster premierement

Qui veult amanciier a sauoir lart de bien
amer par la vie contemplatiue doit
tout premier labouuer et oster lamour folle
et entrauee que se puet appeller par mot
general amour mondaine Car ceste amour
est comme glus qui empesche les esles esprit
elles de lame quelle ne puisse soy esleuer
en hault Est comme mortier tenant qui detient
les piez de lame quelle ne se puisse fourme
ment departir est comme dit chrysostme qui
tient lame tellement enlassee z attachee au
corps quelle ne puet soy esloingner de lui en
figure dun oyseau ou dun tigre qui tourne et
va enuiron lestraige ou il est lie sans passer
oultre Ceste amour est le blouquet du
tigre par lequel lennemy retient touzdiz
lame quelle ne puisse sen fouir lonig qui
tantost ne la prengne en truse aussi de
riez de lorsel et puzellement de telles ymaiges
semblables Ceste amour est la foy mau
uaise qui fonde la cite de confusion et de
lennemy denfer en creature humaine Car
elle fait amer soy mesmes Jusques au grempt

10

et meſpriſement de dieu Ceſte amour eſt la mauuaiſe
terre ſterille et maudite de dieu ou fruit glueongs
bon ne puet demo[illegible] eſt la chanongne qui ne
laiſſe reuenir le corbeil en lazeche ceſt adire lame en
ſon loyers de paradis Ceſt la folle qui brait z coie,
et faut ſi horribles noiſes par ſes faulx truſieres
quelle mame en lostel de lame ſans ceſſez q lame
meſinement eſt contrainte iſſir de ſon hoſtel et le
ſamt eſperit qui en doit eſtre bray hoſtellam
nr puet demouer ame ſen departir.
Et Quelle peine eſt oſter ceſte amour mondaine. Ins-
Nuis que lamour mondaine eſt telle comme
dit eſt et que home amour ne puet
demr ou elle habite Il ſen conuient deſpeſchier
et departir Il la fault tompre du tout tt ſa cite
confondre et hors de ſon chaſtel la deſchacier.
Mais helas ceſt trop plus fort que pluſieurs ne
cuident et la peine qui y eſt trop mieulx appreuuee
ceulx qui ſen deuſent departir que les autres
qui nen font compte et pour ne ſen eſforcent
Ains que lorſel qui nappetcoit point qui
ſoit prins aulas ou a laqlus Juſques atant
quil ſen deuſt departir de quoy aduient la
plainte de ceulx qui nouuellement deuſent
amer dieu Car ilz ſentent douleur z peine
trop plus que par auant a ce cy faut auſſi
Car lemienr lors ſeffoyce plus de ſes retrayre
comme faut le chat a la ſouris quant elle deuſt
trop lonnt alez et le Jutte a ſes priſonniers
quant ilz ſaillent hors de priſon Car adonc
emuoye il ſergens pour ſes retrayre par aul
nen emuoye mlz Si eſt neceſſaire que deuy
dieu damour nre ſauueur Jhucrſt actuyre a ſoy

celle qui doit estre femme laquelle il veult apredre
lart de homme amour [illegible] et ceste actraction faut il en
diuerses maneres maintenant par inspirations
et mouuemens secrez par dieu sans autre moyen
aucunesfoiz par moyen dange souuent par moyen
dautres hommes qui bruillent hommes dactremes et
instructions aucunesfoiz par grans benefices z
dons diuers lautresfoiz par aduersite z tribulacons
soit de maladie ou de pouurete ou de griefue
[illegible]a Saincte ame es cantiques sentent en soy la
griefte z diz empeschement de ceste amour mon
dame elle qui vouloit courir adieu adieu son amy
lui disoit Tire moy a toy et nous courrons
a lodeur de tes oignemens Cest adire de ta douleur
et ainsy le fait souuent dieu a ses seruiteurs
Car il leur enuoye dne douleur dne larme dne
clarte dne paour dne esbaubissement de pensees
dng groufiement dng son sans son [illegible] et abrief
dire cest dng acteur dn oeuure z dng esmouue
ment que on ne sauroit ne pouuoit dire Mais
bien se faut sentir et lors se despeche lame de ce
lien damour mondaine et nest rien qui la retiengne
ne richeces ne delz chasneiz ne plaisir de
corps ou de manger ou de iouer de quoy se
dement grant merueille les mondaines qui
sont blames de sa folle amour et tournent tout
a mocquerie et a folie quantque ceste ame
qui est ainsi actrauite de dieu fait Car ilz
vouldroient delaissier tout ce que ilz aymeint et
pugent estre tresbon Mais en nom dieu ilz
ne sauent de ceste ame come il lui est et quelle
sent dedans soy Exemple a ce naturel nous
disons que se entre cent chiens en y quatre

chiens

chiens de chace lesquelz quatre sentent vn serf que
vont ilz ne verront ne les autres aussi tantost Ces
quatre chiens qui sentent lodeur du serf selon la
trasse naura riens qui les retraire ne hare ne
buisson ne ruisseau ne prevve ne viande quilz
verroient en chemin Les autres chiens qui
vont nont eu lodeur du serf ou qui sont mas
tins et desnatuez et tongent par auanture
vne chuerme ne courront vont apres le serf
Ce nest par auanture vng petit despace A
cause que ilz voyent courir ces quatre Mais
briefment cesseront comme silz feussent esbahiz
des autres quatre pourquoy ilz se trauaillent
en vain Les autres chiens mastins se tiennent
touiours a leur chauoingne Comparez ceulx
qui ont la bonne odeur de dieu et de la bonte
et de la gloire des cieulx aussi quatre chiens
et les autres mondains qui riens nen sentent
auv autres chiens ¶ Comment lire et
ouir la vie des saints prouffite Nota.

Dieu aussi la sainte escripture et les
exemples des bons live et ovr et pen
sev chacent souuent ceste amour mondaine
Et de ce ne conuient vont huullier exemples
Car ilz sont sans nombre Et chascun iour vne
personne qui se donne a bien et pense a salut le
puet apparceuoir Souuent aduient q la
personne vient a vn sermon ou a vne leçon
dun liure quil seva triste ou froidie ou trauaillie
de temptacions et soubdainement ne verra leure
que entre les parolles quelle ouyra ou lira
ou regardera prendra vne leesce et saute chaleur

et de ses temptacions delivre se sentira Et congnoi
la personne qui puis quelle regarde sor estre duve
a auoir deuocion se met a regarder aucune bonne
doctrine ou die dun sainct ou sancte et assez le
griefment se sent auoir doulceur et plustost
que selle seffozcoit de penser a bonte de dieu
sans autre moien Et nest mie de merueille
selon ce que met exemple Sainct thregoire .
Car nous qui ne poruons regarder le soleil
en sa roe et en sa parfaicte clarte le veons bien
auec montaignes ou autre chose Semblablement veons nous la clarte de dieu et de sa di
gnite es sains et saincteis ou elle reluist Et
aussi le merite des sains et saincteis Desquelz
on lit les parolles et auecques lesquelz on
parle et recoit on leur parlement doult a
ceste deuocion Si veez quel prouffit est se
donner a lire ou oir les parolles sainctes
prenons que on ne veuist riens retenir fors
pour celle heure pour neant nappelloit mie
dieu sa parolle viande de lame Dequoy nest
pas merueille se ceulx qui sen merueillent
perissent de faim espirituelle 2 sont mauvez
et secs en deuocion

¶ De laide des anges et de diuersite . xe .

Anappes se nestoient laides des anges
qui pouvoient dancre ou eschever
les fraudes et las de lennemy Certes mlz
Si deuons portez tyoust homme et re
uerance a nre bon ange Tant seront en lieu
prime que vient nous ne facons deshonneste
qui lui peust desplaire Aucuns sont de si

homme nature plaine de recongnoissance z tytitude
que en prosperite ilz seruent aussi bñ ou mieulx
Dieu que en aduersite Et tiesuo nouzvoit dieu
souuent en prosperite et ont come paradis en
ce monde et en lautre Car ilz louent z regracier
Dieu de si bon cuer et entier en tous ses desirs
et leur semble et dezire est que quelconque
bien ilz recouuent tant soit petit soit a temr
treschier nommé pour le Don mais pour celui
de qui ilz dient Cest assauoir de Dieu comme
le bon filz en estrange terre a moult grant
ioye quant il recoit quelconque ioyel de son
pere et le tient chier et se dauantage dient
que Dieu oste ses biens de telz come se parle
et leur enuoye aduersite ilz la prennent en
tire comme celle chose qui dient de Dieu aussi
bien que la prosperite et par ainsi de cueur
deulx louent en tous temps Dieu tel [illegible]
selon son hystoire et plusieurs autres [illegible]au
cuns sont dautre couraige plus dur et de la
nature a lasne qui se deulent argullonner
et telz diement meulx a dieu par tribula
cion et lee actraut Dieu a soy come la mere
son enfant quant il se pt delle elle ordonne
que on le haste et lors keuent criant a sa mere
et elle le recoit entre ses bras en lemorzant
que plus ne se parte et que ailleurs naille
que mal [illegible] Et a dzay dire trop peu de telz
sont qui si diuement et parfondement et
de toute leur humilite recourent a dieu cde
en aduersite quant on se sent delaissie et
desole et que on ne sset ou auoir recours

fors adieu et par especial quant on ne sent point
douleur pour leure qui soit du tout empeschement
de lentendement quil ne se puisse commectre
a penser adieu et a soy mesmes Si respondi bien
vn sainct homme a vn riche malade quil remaidast
quil priast pour lui Il lui enquist quant il
auoit plus de deuocion et estoit meilleur ou en
sa maladie ou dehors et puis quil ot respondu
que en sa maladie et je prie adieu dit le sainct
homme que si vous tiengne en lestat ou vous
estes meilleur Et combien que on desire que
la tribulacion passe et cesse pour la douleur
qon a a present Comme dit lapostre toutesfois elle entendre z apporte fruit trespaisible
Nous le veons es enfans de lescolle quel profist
ilz rapportent pour leurs batures Sacort ce q
aleuve ce leur sort dire nest rien briefment qui
aubis de vraie amour mondaine de la terre
de lame Comme tribulacion bn receue z actrempee et que plus est ce nest pas miracle et vn
especial ne se puet partir sans tribulacion
enuoiee par dehors ou prinse par penitence
volunteire et par mortificacion de sa charnalite ¶ Cy comance parler de leschielle de contemplacion et de ses trois degrez qui sont humble penitence
secret lieu z silence z forte perseuerance / Ainsi les met sainct

Our auenir au fruit bnait sur cailloues / de la vie contemplatiue et a sa haulteste et conuient vne eschelle a trois degrez
primerpaulx q je puis nomer humble penitence Secret lieu z silence forte perseuerance
Et entre ces primerpaulx degrez sont plusieurs

13

achellons par lesquelz on monte de hault en
hault et de vertus en vertus Jusques a ce quon soit
ou hault de larbre de la montaigne de contemplacon
humble penitence comance secret lieu & silence
moyenne forte perseverance parfine & attaine
Et auant que ie descende a pourcuir ces
trois poins pour mieulx les entendre & appren
dre mon ymaginacion ie vueil vser daucunes
similitudes grosses et entendibles pour mostrer
quil nous conuient faire encore que nous
ayons parfaitement lamour de dieu Car il nous
conuient monter de Imparfait au parfait par
moyen on nest mie parfait soubdainement en
vertus Mais acquiert en semblance q nature
fait son ouuraige Car Imparfait vient a par
fait le feu commance la fumee puis est flambe
et ensamble fumee puis est feu puis cler et
luysant en charbon long quant ieme premierement
en terre pourrist et germe puis se leue hors
de terre et croist Jusques a meurte vne plante
qui sera en mauuaise terre sera premier des
racinee puis replantee deuendra comme morte
puis se fauerdra et prendra sa grandeur Et
ainsy puet on veoir tout par tout pareillement
en la personne qui veult trouue en vie contempla
tiue na mie sa perfection au commancement
Ains luy fault getter fumee et desplaisance de sa
vie qui la fera troubler plourer & troubleva
sans quarres de consolacion puis vera flambe
damour auecques fumee puis sera pur feu
sans fumee ou premier estat elle mortifiera
sa vie charnelle au second elle getera hors de

plus hault Autiere sera elle parfaut fourme Ainsy
Dist que en ytruse Dune plante elle sera Desplan
tee de la mauuaise terre De la vie mondaine ou
sera tyrant peine z labour puis sera replantee
ou souffrera peine z legierement encores des gruetz
derremerement sera fort enracinee parfaicte
et portant fruit Ces trois estaz nomma bn
telin qui dist que ou premier on languist damo.
ou second on meurt damour Et outiers on dit
damour et cõme apperra cy apres Comment
on doit commancer par vie actiue z labouriez. yj.
Humble penitence est le premier degre qui
appartient alestat des commancens et
imparfaiz et par icelle on mortifie lamour
mondaine en soy auecques ses mauuais desirs
mouuemens z coustumaces Elle chastie la char
quelle soit subgecte a lame nõme rebelle et ce
faut elle par ieusnes veilles abstinences assiacons
lermes z gemissemens et par labour corporel
selon son estat Car qui auant tez penitence
et labour voudroit vser tantost de la vie ostempla
tiue parfaicte Il se deceuroit et seroit cõe celui
qui veult a bn sault monter vne haulte mota
gne De ce dit Saint Gregoire et les autz
sains que la vie actiue qui trist en affliction
et labours corporelz doit estre prisie auant
la contemplatiue comme bore z disposicion Acelle
Et de ce auons figure en Jacob qui seruit po
Rachel qui represente la vie contemplatiue
Mais auant on lui bailla sa seur lya par la
quelle on entent la vie actiue Si pouez cõ
ytroistre que femmes gens plains encores de

tempta cions charnelles et trans pecheurs aussi
qui ont mene mauuaise vie longuement ne puent
ne vouent soubdainement soy vomer Du tout a
laffection de contemplacion pour quoy pouvoit on
quant ilz entendoient penser adieu et auoir pures
oraisons en secret et en oyseurete ilz penseroient
lors plus tost & plus habondamment a leure mau
uaises inclinacions et reuendroient prest et en
ceste entencion dissent Seneque que vne psone
ne se meme seule longuement et tous les sains
et philosophes pour ceste cause reprenue oyseuete
Veant mons Seneques mesmement & les Sains
aussi souent souuent solicitude et oysiuete pour
seruir dieu Comme firent les Sains hermites
et autres religieux Mais ceste diuersite est a
entendre selon diuerses personnes De diuerses
meurs come je declareray au second liure

Comment la grace singuliere daucuns nest
Et auenir en autruy me a ensuir de toute
par grace especialle que en leur ieunesse
se sont mis a solicitude & a demourer seulz come
Sainct Symon mais il proprement descompelle
en sa regle Et aussi font les autres hermites
et les docteurs que on ne se hardisse me a ce
faire & entreprendre Car vne grace especialle
donnee a vn nest mie a ensuir de tous Et ceulx
qui ont voulu ce faire cest assauoir querir soli
tude et oysiuete sans labourer et sans estre
premierement bien apris et acoustumez auecques
compaignie ont este deceuz miserablement
Car ilz vouloient voler ains quilz eussent
eles et batailler auecques lennemy auant quilz

euſſent ſurmontez les autres pelus aduerſaires
le monde z la char Si nay mie grant fiance q
aucuns de mé temps qui ſe portent pour her
mites ne aucunes femmes qui ſe mectent en
Reclusaige facent guaires de leur prouffit
Dous deez doncques mes amees ſueurs gelle
motuete vous auez eu iuſques icy eſtre en
labour grant Et par auanture encores ont
meſtiez aucunes de vous auant que vous
puiſſiez vous tenir ſeules et ſecrectes et du
tout vous donner a penſer a dieu en guiſe her
mites ou Recluſes Car hermitage ou Recluſaige
ne ſont mé ſeulement es bois et es deſers
Mais en tous lieux on les puet auoir z eſpeter
par eſcheuer le bruit du monde et toute ſolitude
et occupacion pouure qui eſt dit Deons nous
en ces Religions bien ordenees que les nou
ices z noueaulx ſont fort chargiez de grant ſer
uice a prendre et labouer veillier ſemer et
chantez pour eſcheuer quilz ne penſent mes ſeulz
ailleurs Mais les anciens bñ eſprouuez en ces
penitances et qui ont vaincu les mauuaiſes
temptacions charnelles ont plus deſpace a
eſtre ſeulz et ſans labour Dequoy aduient q
aucuns ſont de telle complecon et ſi forte a
vaincre z doubter que jamais ne ſeront bons
a tendre a la perfeccion z contemplacion Mais
fault que touſdz ſoient en labour et occupez
en la vie actiue Et en ya pluſieurs tieulx et
clercs et autres que je cougnois comme par
le contraire Aucuns ſont qui ſa ſont tels que
la vie actiue leur eſt a grant charge et

merueilleux empeschement aduient que une per
sonne sera telle et si bien ordonnee en sa complection
naturelle ou de grace especiale que plus prouffitera
en vn iour pour couuenablement soy donner du
tout a contemplacion que ne fera vn autre en
vn an Neantmoins je ne tentens mie que une
personne se doye tellement donner a une vie
quelle ne se occupe aucunesfoiz en lautre ou
plus ou moins selon le temps et que prouffit
lui sera. Car nest personne si donnee a vie
actiue qui ne doye alaisoiz penser a dieu et a
sa conscience a soy confesser et repenter Et
dautrepart nest personne si contemplatiue
a qui ne face besoing aucun labour Et est
touzdiz en une personne marchie necessaire
auecques marie et marie auecques marchie
ou plus ou moins comme dit est Mais on
nomme une personne dune vie selon ce que
plus souuent elle si donne ¶ En quoy gist
la perfection de vie contemplatiue par semblable

couuenable chose est lamour mondaine. Ains
auant que je passe oultre declairer
autrement enquoy gist la perfection de
la vie contemplatiue Car jacoit ce que on
ait dit parauant que lamour de dieu est
sa fin Ainsy pourroit on dire se semble que
ceste la fin de toutes operacions Car pour
lamour de dieu doit on finablement faire
et ordonner ce que on fait ¶ Acceste cause
fay je dray aucunes condicions de la vie
contemplatiue parfaicte nonmie souffisant
ou pource que je les connoisse bien Mais en

parlevay comme vn aueugle des couleurs En re
citant ce que les sains en dyent en leurs escrips
Et ce peu que jen puis par long temps auoir
sentu et par diligence auecques laide de dieu
Le surplus laysseray aux plus poussant et
experts en ce / Et pour plus legierement
comprendre a quelle amour de dieu dient
la parfaicte vie contemplatiue je le vueil
monstrer par son contraire Cest assauoir p
lamour mondaine Car nous la cognoissons
trop mieulx Et nous est trop plus familie
re que lamour diuine Regardons que fait
amour mondaine en la personne qui en est
parfondement empryse come amour dargent
amour domineur ou de vaine Amour de
mauuaise charnalite Cest certain que la
personne en languyst premierement pour
Desir dauoir ce quelle arme folement puis
y met tellement toute sa pensee tout son
cuer et entendement que riens nest autre
chose quelle puisse penser / entant que elle
sen oblie et pert toute honte / et riens nest
qui len peuist retenir ne labour ne trauail
ne perilz ne mort ne conseil damne ne pour
De dieu ou de ses jugements Soit quelle
dorme elle en songe / soit quelle veille elle
na cure dautre parler ou esbatre tellement
quelle en pert toute raison et en deuient
come folle ou yure ou forcenee Car nest
rien quelle ressoingnast ou escheuast a faire
pour paruenir a ce dampnee mondaine amour
lenflambe et naure et enoblie tout bien de

16

bertus et la vie auctem entant que quat Jauan
ture elle ort parler denfer ou de paradis
ou de la mort ce lui ſamble vnſonge ou vne
fable et nauveſté tant ſoit pou ceſte penſee
eſpzituelle dedans ſon pour cauſe damour
mondaine que tantoſt la deboute. ¶ Quelle
amour de dieu a la pezſonne contemplatiue/. xiij.

Conſidevons a ceſt exemple que
lamour de dieu feuſt telle en vne
pezſonne quelle lui feiſt tout meſpziſier
le monde. Comme lamour mondaine fait
oublier dieu feuſt ſi forte ſi ardant et ſi enfa
cmee dedans le cuer de la pezſonne quelle
ne peuſt ou ſteuſt penſer ailleurs voulentez
et de ſonge que quelle ne temſt compte de blaſme
de villeme de peoſecutions nevs meſmement
de la mort pour ceſte amour/ et que tout ce
quelle vouldroit ou ozroit de ce monde lui
ſemblaſt vnſonge ou vne fable et vng neant
au pegart de dieu et de ſa glozé et que bzief
ment la pezſonne en feuſt comme folle lu
juger du monde ou en ruvez pouvez que ſi
pou lui chaloit de ce qui eſt en ce monde
Comme il chault peu auv autres de dieu et
de paradis et encozes moms je dy que ce
ſeroit pei parfaicte amour/ Laquelle on doit
tendre par la vie contemplatiue Et en ceſt
eſtat eſt dicte la pezſonne morte au monde
pour ce quelle nv ſent viens qui lui tiengne
et eſt viue adieu et dormant auv vanitez
de ceſt ſiecle et eſt veillant auv vnes ydumblez
elle a tous ſes ſens de ſon cozps comme clos

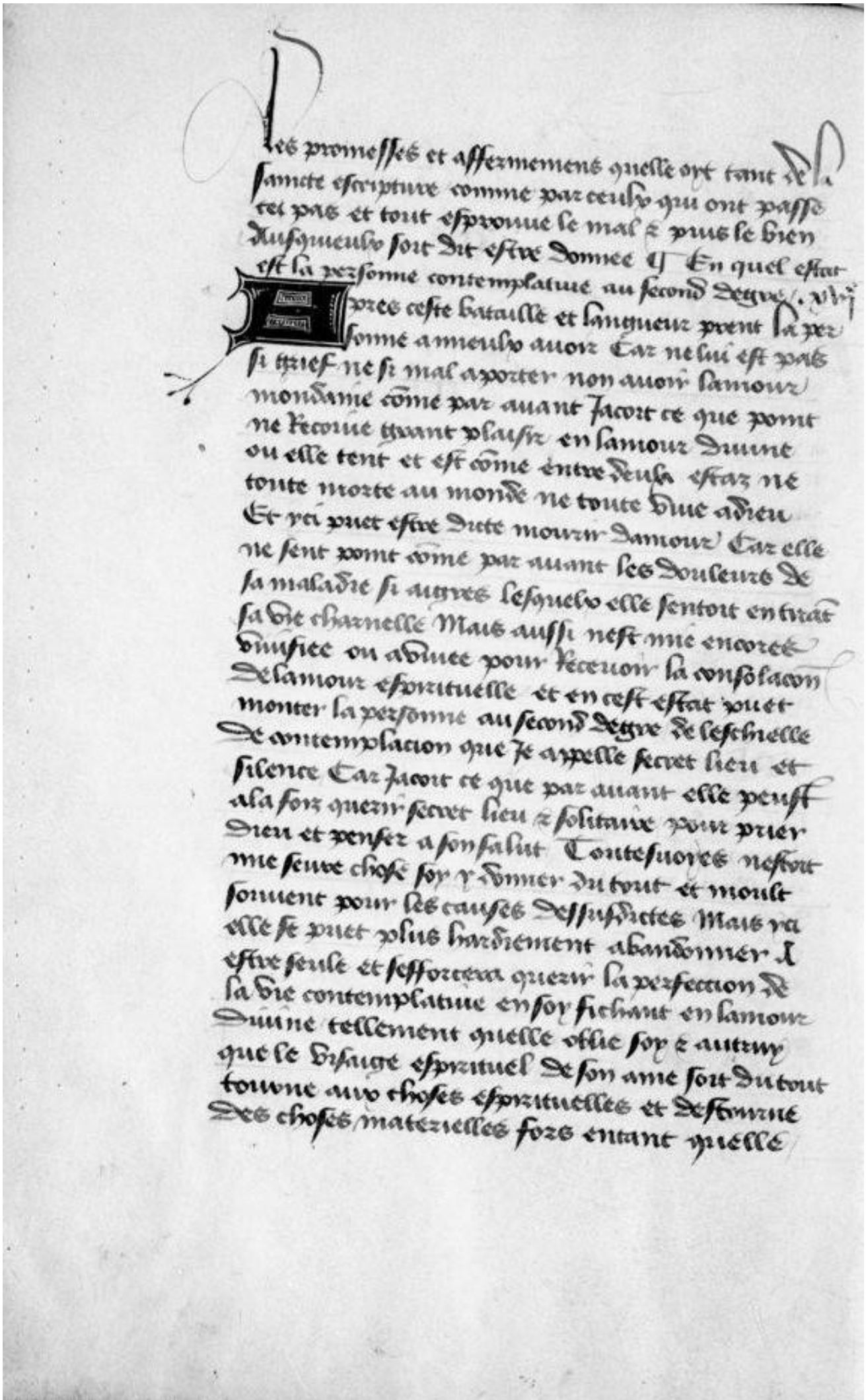
et en dormz ou obſcurte atout ce qui ſe ſaut par
les mondaine et les a ouuere aux ſoyes des
ſains et des ſainctes Et ceſt ce que les ſaints
docteurz dient par figure que quant moyſe
voult prier a dieu il entra en vne nue obſcure
en ſignifiant que qui veult auoir ceſte amour
de quoy ie parle en ſa contemplacion il doit entrer
en ceſte nue obſcure qui luy face oublier et non
veoir ou appartenir les autres choſes mondaines
et comment ceci ſe puet acquerir ceſt que ie
entens aucunement a demonſtrer enſuiuant
car ceſt la fin de la vie contemplatiue et qui y vuet
il eſt monte en la montaigne ou dieu ſe tranſfi
gura auecques les trois appoſtres Il parle adieu
en figure de moyſe quant il receut la loy il eſt
dauir en eſperit ou ſur ſon eſperit il a ſa conuerſa
cion es cieulx il dit Amour il art plaiſamment
et paiſiblement ſans obſcurte de fumee Mais
helas comment ceſte grace aduient a peu et
bien peu tant quon ſoit en ce preſent exil

¶ Du ſecond degre de contemplacion et du tiers aſſault qui y eſt . xlvi.

Venons maintenant au ſecond degre et
au tiers qui nous mament a ceſte hauteſſe
de contemplacion que dicte eſt puis que la per
ſonne deuote ſera vſagee en la vie actiue et par
humble penitence aura mis ſon corps en ſubgecti
on au moins en tuant partie et que lautre mon
dame ne luy plaira mie Combien que fort la
trauaille Ceſte perſonne ſera comme en langueur
Car elle ne vouldra mie prendre les plaiſirs
quelle pourroit auoir au monde Et neant mons

17

naiſſ encozes ſont des plaiſances eſpirituelles qui ſe
ſeuſt Et ſi aucunſiez aſſault Dure et griefue ſouuet
qui lui ſont peine merueilleuſe a ſurmonter et pou
ou neant ſecont de conſolacion [redacted] Ceſt vei la ſamee
obſcure z mal ſaiſant ſans feu Ceſt le deſraciement
de la plante qui ailleurs ſe doit planter ou coupet
gnant violence Ceſt occiſion z mortifficacion du ſyam
qui eſt ſeme Ceſtudire de labie premiere z chaz
nelle pour leur a leſpirituelle [redacted] Las coment
a vei fort pas a paſſer z ſurmonter coment pluſſs
commancent qui tantoſt ſont vaincuz et reuenent
alenzs couſtumes Les autres ſouuent cheent et
ſouuent ſe releuent ſouuent ſiuent z ſouuent ſe
retrayent ſouuent ont deſeſpoir de leur ou ilz ten
dent et ſouuent reprennent eſperance Souuent
dient que leur ſouffit viure comme les autres
ſans tendre a plus hault ſouuent reprennent
cuer z blaſment leur pareſte et laſchete z font en
eulx dure bataille et grande diuiſion Dequoy
eſt la voulente charnelle contre leſpirituelle de
lamour mondaine contre lamour diuine Mais
lamour de dieu eſt encozes moult foible et la
mour mondaine forte z puiſſant et repugne fort
quelle ne perde ſon logeis quelle a eu en lome
de ſon enfance et qui pis faut on la voit a lueil
et la ſent on doulce a tenir et amere a perdre
et lamour diuine on ne pezt point et la ſent
on doulce a acquerir et doulce a laiſſier Dong
dure priſon Mais en nom dieu neſt rien que
franche z lome voulente ne puiſſe vaincre et
ſurmonter par diligence labour z lome eſpe
rance Dauoz meilleu ou temps auenir ſelon



les promesses et affermemens quelle ort tant de la
Sancte escripture comme par ceulx qui ont passe
cel pas et tout esprouue le mal & puis le bien
Jusques ueulx sont dit estre donnee ¶ En quel estat
est la personne contemplatiue au second degre. xbij
Apres ceste bataille et langueur prent la per
sonne a meulx auoir Car ne lui est pas
si griefz ne si mal apporter non auoir lamour
mondaine come par auant Jacoit ce que pour
ne recoue tuant plaisir en lamour Duune
ou elle tent et est come entre deulx estaz ne
toute morte au monde ne toute Due adieu
Et ce puet estre Dite mourir damour Car elle
ne sent pour come par auant les douleurs de
sa maladie si angres lesquelz elle sentoit en trait
sa vie charnelle Mais aussi nest mie encores
diuisee ou adiuree pour lecteur la consolacon
De lamour espirituelle et en cest estat puet
monter la personne au second degre de lesthelle
De contemplacion que Je appelle secret lieu et
silence Car Jacoit ce que par auant elle peust
ala fois querir secret lieu & solitaire pour prier
Dieu et penser a son salut Toutesuoies nest pas
mie seure chose soy ydonnier du tout et moult
souuent pour les causes dessusdictes Mais ra
elle se puet plus hardiement abandonner A
estre seule et sefforcera querir la perfection de
sa vie contemplatiue en soy fichant en lamour
Duune tellement quelle oblie soy & autruy
que le visaige espirituel de son ame soit du tout
touune aux choses espirituelles et destruite
Des choses materielles fors entant quelle

18

prouffite a amour et cougnoistre les choses espuelles
et quen cest estat voye z sente diuement ce que
dit le sauge que tout est vanite et quen rien ne
se repose ne prengne plaisir ou consolacion fors
en son derremer bn· en sa Droicte fin et felicite
qui est dieu et quen lui elle sesmeuue continuel
ment sans cesser par le faus et la pesanteur de
mour Jusques atant quelle la tiengne come la
pierre qui hors est de son lieu tend a estre a
terre et le feu en hault Jusques il y soit

¶ De deux maneres de silence z de sollicitude /. xlviij.

Selon diuers estas z condicions on puet
trouuer son lieu secret pour estre en sa
paix et en sa silence dont est que le principal
secret z la silence douent estre par dedans lame
plus que dehors Cest adire que lame boute
hors de sor z de son habitacion toute cure mon
dame toute pensee vaine ou muysible et em
pechemens apertenent ou elle tend et aduet
que la personne est souuent seule de corps et
des hommes Veant moins par fantasite pen
sees z melancolies elle suffre tresgrieuse
et chargable compaygne en sor meismes et
grans bruyz lui sont et grans parlemens lieg
fantosmes maintenant le mectent au deuant
dun puis dautre autres mantenant le
mement en la cuysine mantenant au marche
puis lui parlent des ordes playsances charnels
en lui monstrant danses beautez chancons
et telles vanitez tirent a mal et a pechie
Come sainte tecousine le confesse humblement
de lui cune quant il estoit au desert sainte

compaygnie quelconque fors vers dieu et deforpronesse
estoit souuant auv dames en la compaygnie des femes
de tome deuenoyt ferunt telles fantasies q lame seule
se contrarieera a autruy. et le tensera comme sil feust
pnt et le billeera puis elle compteva argent
par soubaz ma par mez et par terre bolera sera en
trans estrange et ainsi briefment de telles soulies
sans nombre [redacted] est pas vei lame en secret et en
sollicitude tant sont seule Certes auss nest me seule
lame deuote qui est en contemplacion Car nest one
nues moms seule fors quant elle est seule Mais
ence est la diuersite quelle est en tresbonne proui
fitable et plaisant compaygnie Cest assauoir auecqs
dieu et ses sains par samte desirs et deuotes et lau
tre ose de tresdampnable compaygnie ou aumoins
qui tiens ne lui prouffite Et de dieu seuet ma
zay est que a auon le secours terrel. plus
et la silence de lame par dedens prouffite
quem secret et silence par aumoms quant au
communement et quant acculx qui nont poit
dusaige de sauon soy retraire dedens eulx mes
mes quant ilz ont compaygnie par dehors qui
est tresforte chose et de grant perfection et ne se
puet acquerir se non par longue et bonne accou
stumance Aucuns plaisent mieulx les lieux
secrez Auv autres souffisent les secrez des champs
Auv autres les lieux secrez des eglises ou de leur
hostel quant ilz se mettent celeement que ilz ne
voyent autruy et on ne les voit ou pource qui
nul autre ou pource que ainsy se mantenent
come lun hermite arpentes quant il alloit a
leglise il se mettoit derriez un pillier que on ne

19

le beſt et qui ne deuſt autruy Aucuns muyt quelcq̃
ſon Soit homme debeſte ou dyuſel ſoit de chanter ou
de parler auy autres Comme ſouuent aide a bien
penſer a aucuns ou le chant de leeſgliſe Amſy le
confeſſe ſanc auguſtin que enoyant chanter
les pſeaulmes et hymnes deleeſgliſe au cõmancemt
de ſa conuerſion il plouroit et ſe coulort deute delle
ſon cuer et mon bien lui eſtoit pour celle Duerſite
on ne puet donner Reale generallè a ſauoir quel
lieu eſt le meilleur pour quelq̃ ſon ſecret Mais
face chiñ ſelon la grace que dieu lui a donnee et
ſelon auſſi leſtat ou elle eſt et quelle puet
mantenir ou exercer ſanc ſe faire noter enuers
les autres ou elle doit viure ou de ſingularite ou
de vaine gloire ou dypocriſie Car pourra eſtre
la perſonne de tel eſtat ou de telle vie que pour
nappartendra que elle ſoit ſouuent en leeſgliſe ou
elle ſera trop arriere bruſmemt le plus legier a
auoir et acouſtumer en ſon hoſtel en ſa chambre
ſelle la ſeule ou allenrs dedans et yſera moult
vuſtume ay prendre plaiſir Comme ſay ſceu
dune femelecte qui acouſe de malade eſtoit
contamicte par long tempe ſe tenoit en vne
chambrete et vne fois en parlant amoy. ſe ne
ſtay diſt elle quant ſe perdray ceſte chambrete
Car neſt autre lieu ou ſe puiſſe bñ penſer a
dieu et amoy ne fault me touſiours actendre
auſſi quon ait telle ſollitude ſecrete ou tel lieu
Determinement Mais par tout ou on eſt ee
champs et a la ville nenz enbuet bam Comme
dyſoit Sanct ſeban Boucheez le puet on
yuezn ſe retourner en ſoy et oſter du monde

et prouffite souuent la diuersite & mutacion des
lieux pour la plaisance & recreacion que on y
prent Et est le temps de la mort a ce plus
conuenable Car il est plus cuoy plus paisible
et plus secret et sans temptacion de vaine
glorze du monde ¶ Comment on puet donner son
corps en voulant cotemplez & des epesthemé gont auant.
Enseygne vn deuot docteur Guillaume
Jadis Euesque de paris que la ma
mere de tenir son corps prouffite a auoir
ferme pensee et que la personne se mecte en
telle disposicion qui lui plaira mieulx soit
a genoulx soit en estant soit en seant soit en
senchinant et apuyant soit engesant Et est
a entendre quant la personne est seule et se
puet faire sans singularite Car en leglise
fault suyur les autres Dist en oultre ce doc
teur quil lui semble que estre droit & senchiner
sur le bras seneschal est vne maniere bien
prouffitable et valable Je croy bien quamsi
auoit il esprouue Je congnois bien autre
agu nest disposicion ou maintien du corps
si ardant comme en seant sur son doz. et pres
que come engesant et le disaute vers le ciel
ou a terre Aucunes plaist aler & venir et
puet bien estre que ala son prouffite pour
aucune recreation. Mais ale faire souuent
& continuer Je repute estre nuysant au re
poz de lame lequel on doit sur toute rien
querir pour venir a ce de quoy nous par
lons Ne dit mie pour neant aristote quen
seant & reposant est lame sauue sanate et

Iuge Aucuns ont les espriz pesanteze et mouuans
si enclins auz euures du monde que ce leur sezoit
vn petit enfez estre sans compaygnie ou suchement
estre en vn lieu par bien petit de temps Tieulx
sont pou ou neant prouffitables A la vie conte
platiue et mieulx leur vault la laissier et soy
donner a la vie actiue Se nestoit que par force
dacoustumance ilz damnuissent leurs conscience
nest rien que labeur diligente ne damnuist
Les aucuns sont qui tantost sevont temptez
de blaspheme et autres dites si horriblement
que apeine se porteront et encheent Alafoiz
en frenasie ou hors de bonne creance et en
sont fait melancoulieux tristes et yreux et
que tout leur desplaist et doubtent par bonne
esperance que trop meilleur leur est estre
en compaignie et en labour par dehors Car
ne pensent mie acelles choses et tieulx aussi
ne valent riens se nest de grace especialle A
la vie contemplatiue ou aumoins leur est
tresdure et tres perilleuse ¶ Cy comance
la disposicion comment vie cotemplatiue est pfitable e

Les autres sont qui et pmiement a soy. ny.
ou par nature ou par grace ou par
tous deux ensamblez arment solitude et
sont en grans cuues deleur salut et ont desir
de congnoistre dieu et les choses espirituelles
et les amer et non mie fort ou debrecmens
mouuemens charnelz que ilz puissent dam
ner et tieulx sont habilles a sa donner a
vie contemplatiue par especial quant ilz
ont doulx cuer et tendre a deuocion Car.

est fort que dur cuer sa bienvenue a bien et aduient
que la personne venra de vie active peu a peu iusques
au souuerain de la vie contemplatiue qui de prue
tendra et estendra a la vie active et ce puet auc
un en deux manieres ou par negligence et fam
tise ou par habondance de vertus tellement
quelle viura dune vie sans empeschement de lau
tre a son plaisir ou selon son office et tel estat
doyuent auoir les prelas qui soient de vie con
templatiue si parfaicte et enflammee quilz ysten
dent en lactiue sans du tout delaissier la contem
platiue comme les anges qui nous ayment ca
ins sans delaissier la vie de dieu la sus

¶ Cy commence la disposicion coment vie contem
platiue est prouffitable et premierement a soy. xxvj.

Aucuns sont voulsist dieu que sans oz
tiuel ou foulie qui se doyment merueille
Comment vne personne se met a la vie contempla
tiue et pour entre les autres la premiere que
ilz ne prouffitent que a eulx. La seconde q
ilz veulent se leur semble trop enquerre et haulx
montez La tierce que on en veoit pluseurs estre
decheuz et deuenir melencoulieux ou foulz. A ces
trois raisons se raisons deuroient estre dittes se
respondray briefment et grossement Car les sus
dictens determinent de ceste matiere moult
habondamment et soutiuement et dient pour la p
miere raison que vne personne de vie contem
platiue prouffite a lui propre plus grandement
et diuinement et plaist plus a dieu que par vie
active et cest assez car nest rien apres dieu que
se doye tant amer come moy meismes nonmie tout

le demourant du monde Si dit mieulx amez plaine
dieu et tenir la vie ou il lui plaist plus que auoir
mandre merite ou par auanture mor dampner
pour vouloir sauuer autruy Et est a entendre ceci
les choses autres estans pareilles et que la psone
puisse aussi franchement vser dune vie come
dautre ce que il dit pour ceulx qui ont les offices
publiques les prelatures et autres dignitez qui
les obligent entendre en la vie actiue Aussi ce
femes mariees qui ont leur mesnaige a gouuer
ner ou seruir leurs parens et pour lors ilz vou
loient vser du tout de la vie contemplatiue ilz
se dampneroient pour lobligacion que ilz ont
a prouffiter pour autruy Et seroit vne mau
uaise temptacion a vn tel comme dit est que
touldiz lui pleuist estre en contemplacion Affin
que par ce il delaissast ce quil doit faire et par
ce il feust non prouffitable ou domagable a ses
subiez et a la chose publique et de tieulx se puet
on bien plaindre et mocquer leur contemplacion.
Mais autre chose est de celui qui en rien nest
obligie seruir autrui pour office quil ait ou nen
delaisse riens a faire son deuoir ailleurs

Du prouffit que fait la personne contemplatiue
Il monstre apres que | il autruy. w. ppe.
personne de contemplacion prouffite
grandement a autrui Car premierement elle
baille bon exemple de vie et preschie par fait
et par euures que dieu est a amer sur toute
rien et que tout le demourant est vanite et
a non chaloir et ce nest mie petite doctrine
Mais vault de tant mieulx que les euures

sont plus sans samtise que les parolles Enapres
ilz prouffitent en oroysons deuotes pour tous
les autres et aduient souuent que pour leur me
rite Dieu sera par le moyen dauenus mondains
qui seront bn mauuais demr bn tressymnt bien
comme bne paye des communes Car cest vray
que biens nous ne pouons sans saygrace de Dieu
especialle Et ceste grace empetrent plustost les
contemplatifs que les actifs et sont comme les
yeulx Dun corps qui enluminent z adressent
toutes les euures qui se font par les autres
membres et se les yeulx ne labouuent comme
les piez ou les mains fault Il pourtant dit
quilz ne seruent de rien fors a eulx mesmes
Nemmil bon tieulx contemplatifs sont endormis
a rapporter adieu et comme radrecier toutes
les operacions des autres qui ne sont mie ass
esleuez es choses espirituelles quilz sceussent
ou peussent ordonnez tout ce quilz font tousdiz
adieu Je ne dy mie que en cas de neccessite la
personne ne doye laissier sa contemplacion pour
secourir a autruy besongs Et qui pourroit ense
ble lune vie et lautre tenir parfaictement ce
seroit le meilleur Comme je tiens que sainct
Gregoire z sainct Bernart et autres firent Et
qui jugeroit bien quelle excellance est de lame
et des biens espirituelz emuers le corps z les
biens corporelz Ilz verroit clerement que plus
prouffite a toute lesglise loroyson deuote dun
contemplatif que ne font cent et cent de
ceulx qui mement vie actiue pour secourir
aux neccessitez corporelles et trop plus prouffite

que ceulx qui soeuvent au monde non mie pour prof
fiter au monde a autrui mais pour leur propre
prouffit z souuent ou domaige dautrui Si dy q
se vne personne se sent esmouue du Sainct esprit
a ceste vie contemplatiue tenir z se voye enclinee elle
puet renoncier a la vie actiue sans reprouche mais
auant loyer et louange ce nestoit par auanture
par contrainte de son souuerain auquel fust obligee
obeir pour auoir office publique ou en cas de
deuenere ou contraignement necessite comme
dist est et appelle contrayignant necessite quat
dun semblablement les autres peuuent se celle
personne ne les secourt ¶ Nest point orgueil
tendre a vie contemplatiue pour exemple trop . xxx iij .
Nest point a dire quant a la / ccco ii — co .
seconde raison que la personne qui tend a la
fin de contemplacion que sur par auant declairee
est a amer dieu de tout son cuer souuerainement
dieu tend trop hault ou soit trop presumptueuse
mais puis quelle le puet faire et en a la grace
elle fauldroit ce samble en non vsant du droit dam
de dieu Et par especial gens deglise et religieux
qui a ce ont leur viure tout ordonne douent
a ceste vie se donner plus que a autre chose
Les clers aussi en especial les theologiens ou
certes leur science ne les aide mie mais les
enfle z les font vains et vuiz et orgueilleux
Exemple a ce sera en la court du roy vn seruiteur
en sa cuisine Auquel le roy donna telle grace
come de le vouloir faire son chambellan Et ne se
le iuge a ce souffisant et ainsy lui plaist nest
point de doubte que se ledit seruiteur refuse

ccy et pour sa parfaicte ⁊ samtisse de cuer ou de tylou
tomme Dit qui veult toussiz demourer en la
Cuysine comme en paillart office tel faut Ablasmer
pareillement la personne qui pourroit suir Dieu
en hault estat seroit a blasmez selle se voulou
occupez en mendre et ne seroit mie humilite
mais samtisse de cuer ⁊ lasitete · se ne dy mie ceulx
ne faillent qui en leur contemplacion veulent
trop enquerir Auxqueulx gouuernement est
necessaire humilite qui est garde ⁊ nourryne de
thezite / ¶ Quant De lexcellence des steplatisse
Quant a la tierce raison pour ce sur les autres
que on doit aucune tieulx estre deceuz
et deuenir folz et meleconolieux se dy quen la
dore actiue sont aussi pluisieurs deceuz Car
tous nont mie la discrecion qui est requise au
bien faire son entre prise nont mie tout le don
de grace De viure en contemplacion pour aucunes
causes qui lay assume paraunt Comme dit
lappostre chun a son propre don de dieu Et se
en dit corps Tous les membres estoient oeil
ou seroient les mains dour est que les mondus
Jugent de leuez les contemplatifz estre folz et
meleconolieux pource quilz ne sont comme ilz
sont et que ilz ne mesprisent tout ce que ilz
tiennent chiez et ne doient mie les grandes
consolacions les samtes euures et richeces
espirituelles que telz contemplatisse recoiuet
en mesprisant le monde et boutant hors deulx
toute auarice toute pompe toute vre enuie
et dampne qui dyment trauail auz mondus
sans cesser et ilz duent en grant repos ⁊ pay

De conſtuence qui eſt bien tel qua lui autre ne ſe
compare et en lieu des occupacions que les mon
dains ont ſur terre en treſeſtroit lieu et petite
choſe les contemplatifs ſeoiuent en plus grande
place et grande beſongne que neſt tout le monde
Ceſt adire en dieu et ceulx qui ſont expers ſauet
que ie dueil dire et eſt certain que la vie des creatures
eſt plus en lomaige dentendement et de raiſon que
ailleurs Ceſt adire en penſee raiſonnable et en
dilection voluntaire vuent vncques viuement
et preſque ſeulement ceulx qui ſe nourriſſent
en contemplacion de telle viande et de tel buuraige
non mie ceulx qui ne ſauent leur ame ne leur
vie qui aues plus que les beſtes Ilz boiuent Ilz man
guent Ilz vient Ilz ſouent Ilz trauuillent leurs
corps auſſi font Beſtes Et dient que Ilz aident
a autrui par leur labour auſſi ſont aſnes et
cheuaulx et plus auenture ſouz combien que ceſt
bien fait qui ne puet mieulx ou ſiet qui le fait
loyaument et a bonne fin et entencion pour dieu
ſeruir et autrui aidier Se confeſſe bien auſſi que
gens donnez a contemplacion ne ſont mie ſi ſages
et prudens auz mondains ſans comme les actifz
Car ilz ne mectent leur engin ou entencion
deuoir aduient que on les iuge nices ou non
ſachans Mais peu leur enchault Car ilz ſont
Ilz appellez comme dit lapoſtre et ace ſefforcet
eſtre ſolz pour deuenir ſaiges ¶ De la neceſſite
de venir ou ſe eſtoit De grace .vij.e.
teſtaſſauon au ſecond degre de leſchielle
qui porte ou hault de contemplacion qui eſt
nomme ſecret lieu et ſilence ſur declare auenir

de double secret et de double silence lun dedans lame
et lautre par dehors et celui dedans lame est
celui ung mon contemplacion tout auquel
prouffite quelz silence z solitude par dehors
en la maniere dessusdicte [redacted] ut Sanct Bernard
que lesprouv de lame shesuerist est bon amy hostem
qui ne dient point a lame voulentiers ont
grant multitude mais quiert estre seul Il
fault que lame geete hors toutes occupacions
de dame et dehors pour entendre a luy seulement
Lecteur prouué aussi que Dieu est simple et
don on le doit querir en simplesse ce dimte de
cuer Cil cuer nest mie simple et don qui en
tant de parties est diuise par diuerses mondai
nes mauuaises z dames Mais helas en ceste
misere est venue pour la noblesse de lame
par peche qui estoit du tout ordonnee a
penser en Dieu et lamer z considerer les
choses espirituelles en son premier estat de
innocence sans difficulte ou empeschement
et maintenant lui est celle charge pour la
pesanteur de sa corruption que cest a merueilles et ceulx le sauent qui sefforcent et
qui est la chose vray Dieu qui puet leuer
lame en hault mectre en dme Redime en sim
plesse sor despeschiez de ceste mer tempestueuse
broyans et flotans par cures innumerables
et par diuerses fantasiez et ymaginacions
qui sordent habondamment sans cesser Certes
vray Dieu cest premierement la vertu de vre
grace qui apaise le mouuement de ceste tant
mez qui est dedans nous soubzleuee Ceulx

24

qui tyſent enterre en la pouldre des penſees dames
ou ſur les ſiens des deſordonnees plaiſances et
ſes fait ſeoir en hault auecques les princes ceſt
adire auecques les anges et les ſains pour amon
ſa conuerſacion es cieulx vray eſt que ce don de
grace ſe baille a ceulx qui le requierent diligem
et ardement et aliu ſe diſpoſent ¶ Quelle choſe
eſt eleuacion de lame et vnite et ſimpleſſe

Eſt amé a entendre que lame riſſe hors
du corps ſelon ſa ſubſtance tant ſoit en
contemplacion ſaulx aumains du commun cours
mais eſt dicte eſtre ou tout ſon cuer eſt et ſamo
Come dit vn docteur que lame eſt plus vrayem
ou elle ayme que elle anime Ceſt adire que ou
elle donne vie au corps ſe dy ſon que ceſte
eleuacion de lame eſt hors du monde z choſe
exporelle ſuſques a elle meſme ou ſuſques
aux anges ou ſuſques adieu plus hault ne
ſe fait point que par vne ſorte z ſaincte penſee
ou par vn ardent amour tellement que ceſte
penſee ou ceſte amour ait ſi puiſſant vertue
quelle face oublier et ceſſer toutes autres
operacions de lame et toutes fantaſies come
ſeroit en parfait ſomeil Du aumains ſe celles
operacions ne ceſſent du tout certes ne puet
on rencontre eſtandre ou ſuymontez la penſee
ou amour q ſay dicte pour ſa vertueuſe puiſ
ſance et fault que lame du tout entende et
ſoccupe en ſelle penſee et amour et dautre
choſe ne tiengne compte et point ne les regar
de ſe non par auantune ſe non en paſſant
ſans ſoy y arreſter et que ce ſy ſe pourroit

saue Experiance le nous monstre chascun jour
en choses mandres et aristote le dist que au
anesoir vne personne sera en subtile pensee
Dauenture chose quelle ne vera mie aveuls ouuers
ce qui passera pardeuant et samblablement
on parlera ou on sera en la compaignie ouelle
sera plusieurs choses que rien ne samera pour
ce ne laissera sa pensee come celle dormist
Dont aduient a la fin que on dist de celle psone
en prouerbe comun Il pense en ses amours
Et studians apercoiuent souuent ceste mane
De faussement en voulant faire aucune chose
de subtilete Aussi font les paintres comme se
tien Et autres de mestier soubtilz qui trouuent
en fortes ymaginacions .xxbij.

On lecture dun philosophe nome Archimedes
qui estoit geometrien et deuisoit faire
engins soubtilz pour bataille pour defendre
ou assaillir Citez Aduint que la cite ou il
estoit fut prise et auoit comande le prince
que on ne le tuast point Vn Auenture le
trouua qui le pourtraioit en terre ses figures
et lui demanda ainsi on le nommoit Il
estoit si fichez en faire ses figures que il ne
treuit que vne fors que on ne le empeschast
ne pourtraire Il fut occis Vous dees comme
fort estoit sa pensee que ne lui auoit laisse
penser la prise de la cite ne couuoitise
ses ennemis Vn autre philosophe
Du Carmendes oublioit souuent manger
quant il estoit a table et conuenoit que sa
chamberiere lui tenist la main a la viande

Nul ne monstre de sam[illegible] seignor de biere
que ce veue qui viure seulement de lame et estoit
autome de son corps comme dune chose estrange
et non proufitable Jay amener trente exemples
pour desclargier comment lame se puet oster des
ymaginacions et cures non proufitables pour
soy eslever et monter a chose plus famute et
conuenable a se ramener a vnite et simplesse
seulement penser a vnite a dieu qui est son lieu
son fin et son amour Combien que ce soit trop plus
fort a faire que ne soit es exemples dessusdis
Et tant que il fault auoir pensees espirituelles
diuines et essenciees ¶ Memore du liure
maistre richart qui fut de contemplacion tres
excellent. ypsum.
maistre richart de saint victour fit vn liure qui a trois parties ou quel
il traicta moult soubtilement et selon parfonde
clergie Cest matiere de contemplacion et de
deuise en vij manieres ou especes les deux
sont en ymaginacion deux en raison et deux
en intelligence selon ce que met trois manie
res de cieulx en lame et selon ce que lame se
tourne a penser diuersement les choses corpo
relles que on puet apparteuoir par les sens
corporelx en soy mesmes ou les iuges en lesclar
de la diuinite Il met en especial en la 2me partie
dudit liure come contemplacion se forme
en diuersite en trois manieres Aucunesfoiz
pour ce que lame se dilecte et esiaugit par grande
admiracion Aucunesfoiz pour ce quelle esleue
plus son entendement Aucunesfoiz par ce que
elle la ame alienee ou oublie et declune par

auctorutez ou exemples de lescripture et de na
ture comment ces choses dyement alaffez ou
par grande admiracion ou par grande deuocon
ou par grande plaisance espirituelle ou consō
lacion Mais car mon entencion est parler
plus grossement et moy abregier se passe
a vous declarer la doctrine dudit docteur
se non par auenture en aucuns termes cy
apres et enarres par maniere plus pre
nable a vous et plus familliere ¶ Du tiers
degre de contemplacion par trop exemples. premi.

Il est temps que se parle du tiers degre
de leschielle de contemplacion que lap
nomme forte perseuerance car auecques la
grace de dieu forte perseuerance est celle qui
met et loge en hauteur de parfaicte contempla
cion et ordonne la personne en estat parfait
Auquel elle puet estre dite viure damour
Car adonques elle recoit consolacion delamour
Dunne sans sentir les tribulacions dela chair
ou du monde Car riens ne lui est fors amer
Dieu et de penser et den parler et pour son
amour fait les folles plaisances du monde et
prent en gre ses aduersitez Si nest riens
auec qui lui peust nuire Prosperite non car
elle la fait ou sueffre tresdoublement et
en gardant regracion Aduersite non car elle
la desire comme celle qui adieu et
qui espurge et en doctrine lame et la fait
semblable a jhesucrist son amy qui fut tout
plain de tribulacion la recoit comme son
certain signe que son amy Dieu larme qui

26

Ql la visite et daigne chastiez en cest estat est
lame deuote doulcement z souefment et puemt
du feu esprituel comme dn charbon etez z embrase
et sans fumee ou sans bruire. Ser est lame
toute reposse en la bonne terre et porte fruit
Ser est destruicte la cite de lamour mondaine
et regne la cite de lamour diuine Et nest
mie a entendre quen ceste mortelle vie sane
don et preuilege especial vne personne demeure
touiours en ceste perfection sans soy muez
Amais dr se que souuent iusques ala mort
se change et mue destat en estat Mais
celle personne qui est demie en estat pfait
y demeure plus longuement et plus souuet
que les autres et se releue plustost quant
elle est cheute en aucune des deux premes
estaz Le premier estat est comparé ayuer
ou il est prez que a des frot et obscur Le
second au pmtemps auquel par grant mu
tacion est mantenant chault z puis froit
et obscur puis actrampe et mantenant
luira le soulail et puis sera couuez de nues
puis pleut et puis faut bel Le tiers estat
est semblable au chaule este ou est prez q
continuellement clarte et chaleur Combn
que alafoiz il vient pluye et obscurte et
aucmefoiz plus forte tempeste et plus
horrible mutacion que en quelzconques
des autres temps ainsi puissent alafoiz
les parfaiz contemplatifs plus griefues
tempetacions que les autres ou pour les
esprouuer et purger et tenir en humilite

ou pour les rendre selon le secret jugement de dieu pour leur travail et diligence a lexemple de lespe-
rance estoit bel z saige et en contemplacion
sleue on puet aussi comparer le premez au so-
tel comme il est au matin quant la clarte est
emueloppee des tenebres et ne commence a apparoir
moult obscurement le second degre est semble
ble au iour de tierce lequel estoit au iour du
clez midi et ainsi de telles similitudes z exemplees

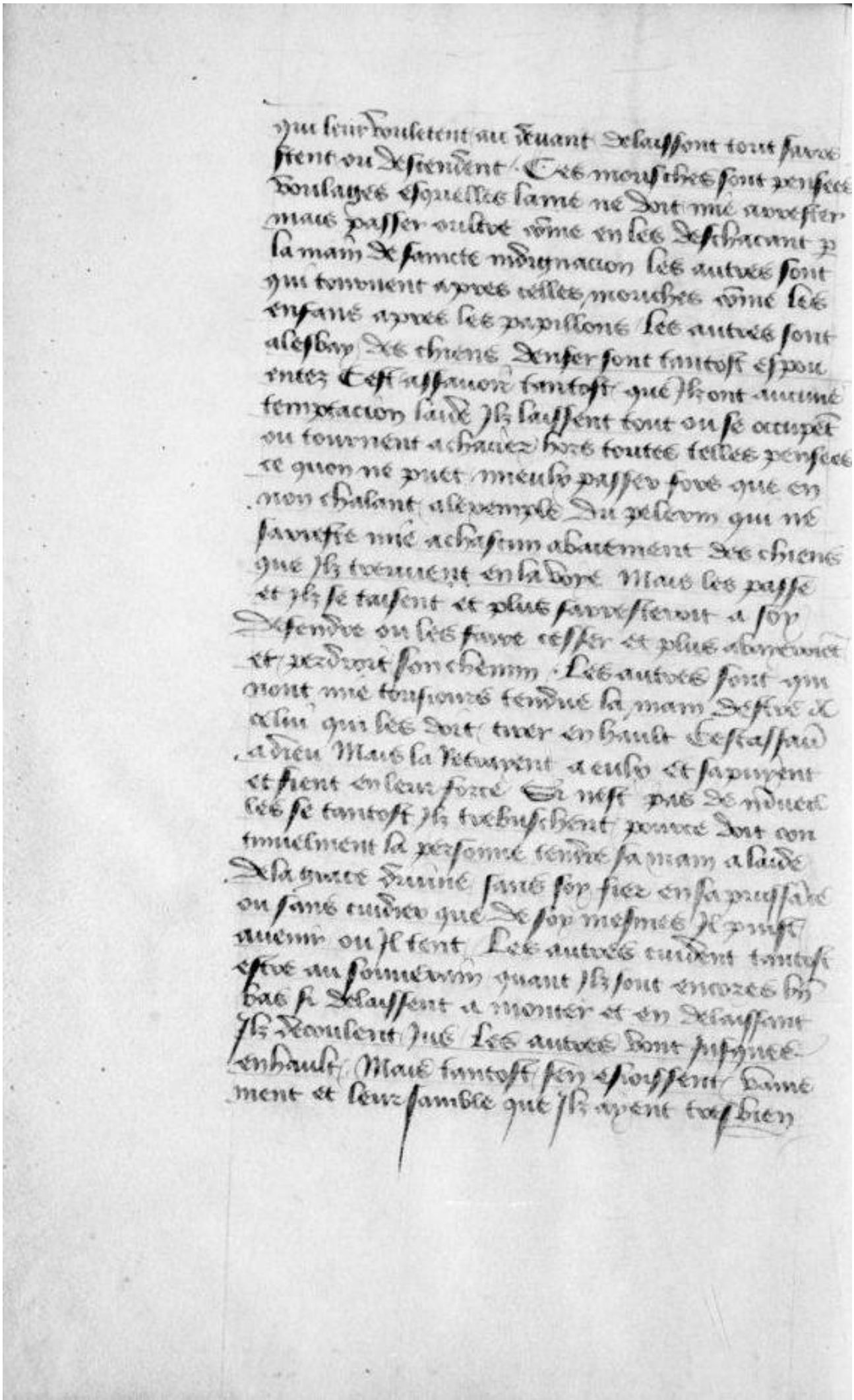
¶ Declaracion par trois exemples comment forte perseuerance est necessaire . xxxi .

Un sans forte perseuerance cuide obtenir
la sommete et hautesse de la montaigne
de contemplacion ou auoit la parfaite chalem de
lardant amour de dieu il est semblable a celui
qui monte vne grant montaigne puis descend
tousdiz auoyec quil viengne en hault quant
il trouuera aucune difficulte ou empeschement
ou lessamble a celui qui veult emprendre vn
feu en verrieres ou pourcy et quant il ne se
prent tantost ou quil ne sent au commencement
que fumee ou apres que petite flame et qui
legierement se desrame il se part z despite
tout et deguete par la maison toute la iustice
sil y est telle personne ampuree a cil qui
ne puet attendre que son ouurage meuoise ou
que sa plante se reprenne pour la demeure
ou les rezilz quelle apporte celle ressemble
le a cilz qui apres ce quil cuide mangier
la noix dezte et il sent lescorce amere se
recule tout en loyn ou ressemble les pareceux
chenalieze qui auant la pompe dela cite

27

ilz sont assiegez sont emmurez et se departent et ilz ne
sweigne par amps saillent et ne puent venir au hault
de la montaigne ne nuyre feu nebla ne plante ne le
corps de la nove ne la voise de la rue en lapperceu
nue vente dessus Aussi ne puet on parvenir a la
perfection de la vie contemplative sans forte per
severence ¶ Plusieurs empeschemens de venir
a la montaigne de contemplacion . . xxxvj .

Ar ceste montaigne sont envoyez du petit a bien de
exemplez dessusdis et regardons que
sur tel qui veult venir au bout de vne haulte et
pendant montaigne il monte tousiours sans de
valer Jusques en bas ou se arreste Il ne cuidera
mie du pie de la montaigne mais Jusques ou se
laissa paresseusement Et se qui vieult venir a par
faicte contemplacion Il ne se doit point arrester
ou reposer ¶ Car reposer est defendre ou reculer
aual Et ne doit mie aussi tousiours recommencer
Jusques Mais doit Il estre prest et pour default
de ceste perseverance sont tant peu de gens qui
viennent au parfont de contemplacion ¶ Car tantost
comme Ilz sont vn peu hault Ilz pensent labour
peine Ilz se cuident reposer et Ilz coulent aual les aues
sont qui ne seuent garder ordonnance de monter
¶ Car tantost Ilz veulent saillir Jusques en hault
sans commencez au bas par le moyen Les aues
sont qui pozent sur le coul vn grant fardel et le
saueroient bien et ne le seuent point Car nulz ne
cuident monter a tout ce fardel est locupacion mon
daine et forte pensee que on y met laquelle pensee
charge larme a merueilles et la fait tousdiz cheoir
Et pour les autres sont qui sont petites mouschez



28

faut besongne et leur fournee et ne mectent me
diligence ay renouuer pource yls trebuschē tan
tost et ne retournent me si tost a mont comme
yls vouldroient dne autrefforz ou par auantuce
dieu jamais ne les aderra ay monter pour
leur orgueil et mescognoissance et mynutude
qui est horreur de le penser et cause de yvan
dement se humilier touzdiz Quant la persone
qui aura este si prest de dieu z familiauement
parle alui et comme dn ofsel aura saut son vy
dans le ciel pnus trebuschē jusques en enfer
sans retourner

Les autres sont qui quant yls se boient
on petit plus hault en ceste montaigne
yls se mocquent des autres qui sont plus bas
encores Si est droit que dieu les lausse et q
en cheant sentent comme petit yls puent deuo
mesmes les autres sont qui ne veulent monter
ceste montaigne fors pour curiosite et dre
je y ar este ou pour trop enquerir les secrez
denhault ou pour leur plaisir seulement
ou pour le lieu delitable qui est en hault non
mie pour mieulx plaire adieu et pour le fuir
de plus prez et plus honnestement tyrandent
meritoirement et tieulx gens perdent tantost
laide de dieu et de sa grace ou se trouuet decheu
trop durement et laidement Car quant yls
cuident estre sur la montaigne de dieu sls
sont sur la montaigne du diable les autres
sont qui se veulent trop plus hafter que le
droit et veulent aler comme deuant leur
meneur et plus fort quil ne veult et boue

rez quelle foulie eſt al ducteur eſt la grace de dieu
comme dit eſt et faucun ne puet ou ne duyme
actendre vne eſpace de temps leſmouuemẽt de
ceſte grace z ſon aide Raſon eſt quel la perde et
ne la retreuue mie vne autreſſoiz ſicomme ſe
vouldroit Comme eſt de ceulx auſſi qui ne
ſont mie apreſtez de enſuir la grace de dieu qui
elle les huche et eſmeut amontez Anoys ſe
fuſent ou ſendront ailleurz ou lui dieut de polle
ou de fait quelle actende encoꝛes vn peu et en
nom dieu elle ſen yra Si conuient eſtre touſ
iours ſur ſa garde pour enſuir la viſitacion de
la grace de dieu et pour aler ſelon ſon eſmouue
ment et voulente ne plus toſt ne plus tart
touſiours auecques parfonde humilite et ſe
jugier indigne de geſir au pie de la montaygne
et tant plus de monter enhault et parce de
tant ſera plus tyree enhault Comme vn roy
qui veult honnourer ſon cheualier de tant plus
voulentiere le fait ſeoꝛ enhault et a ce leſſorce
et contraint de tant plus que le cheualier ſen
excuſe et humilie Sur toutes choſes eſt deſplai
ſant a dieu preſumption et ne lui plaiſt mie la
maniere de ceulx qui de plain vol et effrontement
veulent venir alui cõme a leur pareil Mais
doit touſdiz eſtre tyree vergongne czemeur
et paour et doubte auecques la conſcience de
benignete Car ſans ceſte conſcience la paour
ſeroit trop tyrande et empeſcheroit monter mẽ
montaygne par trembler et par ſoy troubler
plus que le droit. ¶ Autres empeſchements

Encoꝛes parlerons nous dautres empeſchemẽs

29

Car les aucunes sont qui trauaillent trop leur asne
cest leur corps si que lame ne sen puet aidier Les
autres sont trop plus emplis et pesans enfermez
et endormiz acause Dauoir trop longuement este
en lenfermerie ou maladerie De la charnalite par
trop boire ou par trop mangier ou parlez vainement
et sont come coutumes et lasches paualatiques
et entmuis si les conuient prenner tantost au
bas par humble penitence Les autres en montat
sentent tantost som espirituelle dor la parolle de
dieu puis la veulent oir ou lire De quoy aduient
que en lisant trop prennent Illecques refection
plus que le droit ou que lemme ne requert tant
quilz soblient a monter selon leur comancement
ou quant on la prent sans mesure Dautrepart celle refection sonnent prouffite et
est neccessaire en especial au comancement en
entendent touiours a monter ou quon ne quere
plus en lisant deuocion que science Les autres sont
qui regibent ou fuillent contre laguillon pour
monter en hault Cestassauoir qui trop fuient
tribulacion Les autres sont qui nont encore
bien apris le chemin par le bien demander aux
parfaz et par auoir bon conseil mais se fient
en leur propre sens en por voulant enseignez
par eulx meismes si se forvoyent et faillent a la
fin tresshonteusement Les autres ne cessent de
demandez la voye et denquerir par seruent estu
de entant quilz enseruent parler et lire en cha
iere combien que pour ne ayent este Mais ilz
en parlent par oyr dire et ne sefforcent pour
de y monter quelzconques temps si nest pas de

merueilles ſilz deuement en bas adce Car on
my da me paz parlez ſeulement Il fault mectre
pie en euure Tieulx ſont comme les heraulx
qui enhortent et enſeignent fort a ſoy cobatre
mais ilz ny touchent ou cõme ceulx qui mon
trent les chemins pour receuoir les aumoſnes
des pelerins et pour ny vont ne ny veulent
alez pource quilz ſont malades et Impotens
Les autres ſont qui apres ce quilz ont comãce
leur chemin par vne voye tantoſt ſaillent par
vne autre voye ou par leur Inconſtance ou
par ce quilz la cuident trouuer plus legiere ou
plus plaiſant et par ainſi ne montent ne ne
ſauancent en rien Comme les chiens ne prient
mie leur Cerf quant ilz courent maintenat
alun puis a lautre Amoins fault quilz enſui
uent la trace Du premier ſans autre arreſt
et tellement ſont les chiens bien duiz Les
autres ſont qui ne entendent mie bien aeulx
et auz pertuiz Du chemin Mais ſen vont ef
frontement ſans aduiſer ou ilz mectent leur
pie ſi tliſſent de ſi hault ſi bas

Les autres ſont qui en montant retour
nent derriere eulx ou deſſoubz et ſi
toſt comme dembas les appellent ilz laiſſer
tout Et de tant plus que ilz y demeurent
De plus ſe rendent non habilles et non legiers
a remonter Car la conuerſacion du monde
en parlez ou en autre choſe empeſche et re
tarde et qui trop ſe donne ou fiche ſon cuer
ſans retourne viſtement et toſt a monter
ſouuent Il ſempeſche iuſques a long temps

30

Si ne fault remonter fors pour necessite et en passant aumoins que se le corps est bas la pensee soit ailleurs et en hault mais cest fort qui ne la apprins et qui na fichie en la montaigne lautre et les cordes de bonne acoustumance les autres que quant ilz sont montez jamais nen cuident estre hors et ilz cuident estre come par hezitatge Mais en fecheant en bas ilz sentent leur fragilite et turbacion et bien voyent que la grace de dieu les va mis tant z si pou come il lui a pleu et fors doyuent apprement penser du bas quant ilz sont en hault en bonne humilite et aussi quant ilz sont embas ayant espezance de remonter encores et ayant bonne pacience Car ainsi le fault aussi bien z mieulx en ladiuersite espirituelle come corporelle cest assauoir es temptacions et dures afflictions de la pensee qui pour ne sent la consolacion quelle a acoustumee et quelle desire / Les autres sont qui en montant sont trop hastifs despens par lermes ou par afflictions ou sentroublient a sauve leurs besongnes neces sairez si faut dieu gracieusement auecques ceulx quen certain temps les delaisse en bas Cieulx sont les empeschements ala montaigne de contemplacion et autres sans nombre Lesqueulx on puet comprendre et ramener a ceulx qui sont diz pour lesqueulx dauoir Il fault auoir forte perseuerance auecques les deux degrez qui sont diz Cest assauoir auecques humble penitence et auecques secret lieu et silence / Lucrece manieres de pesees qui le puet tenir comme en contemplacion.

Eulisant ou oyant ce que dit est on pourra demander quelle maniere de penser on tendra en sa contemplacion Car on y ha nomme des pies corporelz mais espirituelz qui sont les cogitacions et affeccions de lame Et se ilz sont pris que on ne tiengne mie une maniere de penser touzjz mais tresdiuerse selon les psonnes le lieu et le temps et la grace de dieu et la doctrine ou science que lun y ha amis lautre autrement vous vn mesmes y ha hui par une maniere et demain par autre · Toutesfoiz se me suis auense que ce ne sera mie chose non profitable Reciter en maniere dexemple comme aucuns aucunesfoiz y sont alez Car par aduenture cely vaudra a plus legierement entendre ou trouuer lentree de ce chemin Et bien me souuient que a vous mes amees suers semay autresfoiz estoye et dautres plusieurs choses qui seroient bien au propoy de ce que je esmoy Et par auant que je ne face point Maistre Richart de samt victour en son liure duquel jay par auant touchie en somme vne manere qui me semble plus appertenant et a clergie bien fondez que a simples gens et si est bien gyeneralle et seroit longue a declairer si la passeray a laisseray aux clercs

Sant augustin en son liure des confessions en baille entre les autres vne maniere quil eust aprisse sa mere estant en vne fenestre sur vn jardin en pensant la mort de sa dicte mere laquelle se pense briefment touchera apres

31

Saint Gregoire parla apres de reflargement de contemplacion en ses moralitez en monstrant les fruis et les prouffiz qui y sont mais se nay point apparceu maniere de entrer ou sor y mectre ainsi comme je laquier Fait gregoisme en haulte vne autre maniere entre les autres a la bierge dite enfrochmm Cest quelle pense a leure de la mort quel loyer loze elle recevra come mirable et ysuivist auecques les Anges et les vierges lui vendront au deuant qui la vee ront et chanteront ce chant que dist marie la suer moyse Apres ce que les filz disrael furent passez la mer rouge pre see Cantemus dño gloriose ze . xxpdus .

Fait aussi saint grezosme de sor que apres soztes contemplacions delaciez et qui sestoit ferm en la pacyence continuellement en pleurs et en lermes enquerant laide de dieu Bien lui samblout qui fust en la compaignie des autres pour la grant pury de conscience et la grace que dieu lui enuoioit apres sa penitence et tribulacion Dient bien tout dun accort que on pense a enfer a paradis a ses pechiez a la lumiere du monde Mais je quiere encores vne plus particuliere maniere Saint Bernart en ses sermons qui fist sur cantiques tracte vne maniere de mariage espirituel entre dieu z lame en ceste maniere ensuit vn autre docteur plus nouuel qui fl fait vn mariage auecques sapience dieu et se nomme ce lame lozloge de Sapience Vrai est que ceste maniere est bien haulte soze et

et dangereuse pour tem au commancement de
sa conuersion Car quant on cuidera penser a
mariage espirituel on trouvera legierement
en la souuenance de mariage charnel se trop
bien que oudit liure ou trois mameres sont
touchees comme de penser a vn ieune home
qui muert et ne se veult ou ne puet repentir
comme de penser dieu estant en son iugement
comme de considerer nre dame a leure de
la passion nreseigneur qui sont bonnes ma
meres et conuenables et on les puet veoir
¶ De la mameve que tint Saint Bernart au xxvii

Saint Bernart veant de commancement
liu axesmes que au commancement
de sa conuersion il dist que besoing auoit
de bonnes oeuures et de merites plus que
ne pouoit auoir de soy Si pensa que se
roit tant que il auroit les merites jhesucrist
et desloes pensa il aligemmet toute la vie
jhesucrist depuis sa conception iusques a la
tension et de toutes les penes jhesucrist
en feist vn fardel de mirre et le mist contu
uellement sur sa poitrine par samere re
cordacion et compassion et par ce conclut
se que saint Bernart commenca sa vie
contemplatiue et ay monter a penser la
vie nreseigneur jhesucrist Come aussi
nous lisons de sainte cecile qui touiours
portoit leuuangile nreseignr cest a dire la
memoire de sa vie et ne cessoit den parler
et y prier et vn docteur plus nouuel qui
se nomme lescuillon damour tient a vraie

ceſte mamere et par eſpecial de la paſſion ſhu
criſt et monſtre come tout y eſt trouue et q
ceſt liure et la doye et qui par aultems deult
entrer en contemplacion il ſe decoit il a pour
ſoy ihesucriſt qui amſy le diſt qui p amſy
ſe nomme doye dezute et die doye par laquelle
on doit chemmer dezute qui le chemm doit en
lumminer die qui le doit nourrir ſouſtemr z
remunerer ſe vouldroye bien que ce liure fo?
feuſt translate en francoys car je le iuge tres
prouffitable Les aucuns ſont qui ne tiennet
mamere autre communement fors que ilz ſe
mectent a lire aucun liure de deuocion et de la die
dum ſamt pour auoir compunction ſelon la ma
tiere quilz tretiuent et a tieulx fauldroit touſ
iours liures Et ne ſouffit mie ceſte mamere
ſeule ſans ſoy dyatier a penſer ſans liures
Les autres la prement en faiſant leur ſmce
a leglyſe Combien que je iuge ce cy eſtre tres
fort par eſpecial au commancement et de
y pouoir venir a parfaicte contemplacion pour
la peine qui eſt en chantant ſe parauant ne
ſont acouſtumez en leurs ſecrez . ¶ Dune
autre mamere plus exemple de mandiate . xl .

LE cougnoiſt la perſonne qui prouffite
moult pour ſoy reduire et mectre
ſes penſees a vnite et a ſimpleſſe pource qui
regarda que ceſtoit vne pouure miſerable
creature et nauoit rien et par ſon labour
rien ne pouoit acquerir ſil ſe pensa qui ſe
mectroit a ſoy pourchacer et acquerir au
moſnes des biens eſpirituelz emuers ceulx de

Lacourt de vrindis qui en estoient riches z plains
et si estoient larges z charitables a merueillez Si
se mist dessoubz vn arbre en vn jardin en lieu secret
et se mist en la chaise ou il cuida le mieulx penser
a son aise et plus longuement lors se retourna
a requerir lun sanz apres lautre selon que sa de
uocion lui donnoit en requerant a chascun lem-
aumosne en monstrant sa neccessite et indigence
en remembrant leur grant grace z largesse en
deprians que pour lui depriassent a dieu Car
il nestoit nul digne de recompenser Dont est
que plusieurs empeschemens la dicte personne
sentoit par especial des autres pensees z fanta
sies Mais elle se continuoit par forte perseuerance
sor tenir en ceste place et ne se partit ou mouuoit
jusques atant quelle sentit en soy ce quelle que
voit et que du tout feust adrecee a ceste priere
et non a autre chose et par plusieurs sonnees
continua ceste maniere et estoit bien demy
ou trois heures ou quatre auant quelle eust ce
quelle demandoit Cestassauoir dimon et recorda
tions de ses cogitacions et affections en vne seu
le celle comme jay dit Et adez se non peu sou
uent dint ceste personne a son entente Aucune
fois plus tost aucune fois plus tart Et apperut
clerement estre dieu et que promet Whenuoist
qui perseuere en demandant en lui ensuit
Vous pouez bien sauoir que grans estoient
les regnez les souspirs et gemissemens enuers
les sains puis a lun puis a lautre et en especial
a ceulx desquelx on faisoit feste le jour
quant ilz solennisoient la dicte personne estre

Lenvoutvis venues deuant eulx a lenze pies en con
tmuelle bataille contre ses penssees qui lui faisoient
noise et lempeschoient monter ou parler par sains
desirs deulx sans ce quelle sentist leurs secours
Mais alafin ilz sacquitoient bien et tzouuoient la
dicte personne que ceste difficulte quelle auoit es
prouuee par auant lui tournoit aprouffit Car
elle y apprenoit plus buement saigement z ardement
demander dequoy adiunt et prie que
sans arrester ceste personne se tournoit en son orai
son mise a bonte z simpleste de pensee par ceste
maniere et par autres apres trop plus legerement
elle aprint acause de ceste bonne accoustumance
deuant dicte Je tien que ceste maniere auoit eu
au commancement bn tresexcellant docteur Guille
dudz euesque de paris dequi lay leu lequel afferme
que les penites et les tumanlx et les prisonniers
lui auoient aprins a prier dieu et ay leu en bn
de ses liures ou il compare oraison a bn messagier
qui va en pauures demande aide et en ce bure
aussi come par aide Je mame faisons adieu ihu
crist et a ses sains et par espal a nre dame co
ment ilz doiuent aidier leur creature qui les prie
en allegant sa pouurete et parle de ceulx qui sont
les iuges comment ilz sont sages en leurs prieres
pour doubte et le peril ou ilz se boient et que ainsi
deurions nous faire deuant dieu et plus enco
zes ¶ Encores de ceste matiere / . xlj.

Ui bouldroit temr ceste maniere douer
en contemplacion elle est assez seure
simple et ligiere et conuenable a ce qui est dit
que le premier degre de contemplacion est humble

penitence Car yci la personne ne demande que
pardon et grace de bien faire au temps auenir
et remede contre ses playes et maladies de
pechiez diuers ace est prouffitable les oroisons
quil fist au seaume a diuers sains et saintes
et autres les ont en francoys le liure auss
De qui iay tant parle qui se nomme larrectoire
que diuine de Guillaume de paris est moult
excellent et valable ace mais ie ne say pour
quil soit en francoys Jay pieca desire suir ceste
matere en faire dne oroison en guise dun
pouure qui demande son pain de huis en huis
ou en guise dun queteur de pardons ou de
ceulx qui sont en charitre ou de ceulx qui
viuent nommes pour ceulx mais pour les
hospitaulx Car souuent dne personne trouue
meulx sa deuocion en priant pour autruy
que pour soy et y prouffite moult et ace
sont tenuz de leur office comme les gens
deglise et autres qui viuent daumosnes
mais ie dis que tous doyuent ce cy faire
pour le commandement de dieu comme pour
les biens quilz ont receuz des autres
soient biens de nature de leur pere ou de
leur mere soient biens de fortune pour
auoir heritaige de ceulx qui leur ont acquis
soient diz ou morz Je fis dne oroison
pieca a Jhesucrist qui ce commance [redacted] Jhesus
dray espoir de briefmte Et est mon entencion au plaisir de dieu en espoir tout au
long dedans brief Dray est que toutes
les escriptures du monde ne seront me

tant auemr ou le contemplatif doit tendre
comme forte perseuerence auecques lagrace de
dieu selon lexemple de ceste personne de laquelle
jay parle sans nomer et se mectre a leuure
Car on ne puet mie esteure les affections
ne les entendues par lectres ou p parolles

¶ Encores de ceste matiere / . xliij .

Ien plaist ceste similitude il a moult
large matiere de soy plaigner et accou
stumez a retourner dedens soy et enuers
dieu et ses sains Car nos necessitez malad
es et miseres sont sans nombre / tant en
corps comme en ame et les vertus que nous
auons a demandez sont en grant nombre
dussi sont les sains et sainctes a qui nous
auons a supplier / pour ensamble pour achim
arrer / et entre les autres / neccessitez / leure
de la mort est le Dezeum lesons que nous
deuons plus redoubter et pour celle heure
nous pourueoir de remede et empetrer en
la vie auenir ame / z defendeure qui a celle
heure espouentable nous soient en aide au
gre de dieu Celle heure deuons / nous soi
gneusement mectre deuant nos yeulx pr
en auoir fresche memoire en toutes places
et en tous nos faiz / Nous deuons souuent
en mie secret de cuntemplacon demander
a nous mesmes Dz dy mon ame pour
et vblent dy mon se en present ou de ste
dne heure il te conuenoit partir du corps
et apparoir deuant le tres dubtable Jugem
de dieu que seroyes tu que deuoyes tu aqu

autrement tu le feroies Se tu me dis que ainsi et ainsi tu feroies et encores lors de tout ton cuer mis adieu et aux sains et aux saintes fays le dire ques a present ainsi Car tu ne sez en quel point de maladie tu seras ou quelle espace de ce sans tu auras lors Et vez deuant toutesmement de morir et bien tant qui nous soit adiut que nous sentions la mort moult approuchiez Deuons aussi considerer nos ames pour lesquelz nous voulons prier estre en celle necessite comme aulx de la mort et les regarder come ilz nous regneient aide et que pour eulx nous prions bien et en ayons compassion telle come se presentement se faisoit ce qui se fera ne tauldra mais nous deuons auoir de nre ame pitie et mercy comme se nous la voyons de fait en mis la flambe de purgatoire et ace auons aide de bien considerer son meschief et sa doulem q sueffre par maladie ou autrement et que ce sera se lame doit tant souffrir en lautre siecle

¶ Encores de ceste matiere et de trois Jugemens

En ceste contemplacion De Dieu plus. pouons mectre deuant nos yeulx les trois Jugemens que dieu tient lun come pere ouquel regne et juge misericorde doulce et piteuse et ce est en ceste vie Lautre Jugement tient come seigneur encontre son serf mais Ouquel juge et regne Justice rigoureuse Car il comment tout payer et est en purgatoire le tiers est enfer ou regne Justice horrible et trescruelle dont pour les pechieurs condempnez Car la dieu pugnit come Juge

39

qui ne puet estre flechi encontre les malfaicteurs
dignes de mort perdurable Or est ainsi que nous
pouons eschuer les dieux jugemens derrenierement
par appellez et nous soubzmettre a la premiere
court de misericorde qui est durant ceste vie seule
ment Si la faut bien eslire tant qui est tempre
et quen celle court nous pouons auoir si grant
nombre dintercesseurs pour nous en especial mre
dame qui est forme de bacourt de misericorde et si
est ensamble mre mere et aduocate pareillement
Jhesucrist mre pere frere aduocat conseilliez moy
emeur et racheteur en verite trop soul est qui
ne se soubzmect auecques le prophete qui disoit
Domine ne in furore tuo arguas me neq; in
ira tua corripias me Miserere mei domine qm
infirmus sum etc Jey touche le prophete ces trois
jugemens Et dit Sire ne me juge point en ta
fureur cest en enfer ne en ton ire ne me puigns
cest en purgatoire mais selon ta misericorde ayes
mercy de moy Car je suis fraisle et malade ceste
en ceste vie et encoures y pouons nous demander
et auoir adoulcissement de la paine que nous
auons deserui moyennant lintercession telle
comme dit est et souuent tout nous y est gete
qui bien auuit au deuant lissue de ceste prison
ou nous sommes qui sera aleure de la mort
et penseroit ces trois jugemens Il auroit mit
poe estre puigny en cest monde Par maladie
par diffame ou pouvrete ou legierement tour
neroit en non chaloir tout ce qui est ou monde
qui bien tousiours penseroit quil doit mourir
et ne sceit quant et tel se examineroit souuent

Sil oseroit mourir en lestat ou il est et se non se
osteroit briefz les empeschemens

Encores de ceste matiere et contre ceulx qui
nont perseuerance. Cap. xlviij.

Moult souuent sont aucuns mal aduisez
et arrieve dauoir sorte perseuerance
ou le fruit de contemplacion Car ilz ne se
veulent point mettre en oroison ou medita
cion Se non quant ilz se sentent en deuocion
et que ce leur vient au cuer et a plaisir et leur
samble que autre ne leur prouffite Viene
tieulx ressamblent celui qui enciele de frou
et de pourete ne veult venir au feu sil na
chault par auant ou sont peiz aceliu qui
meurt de fam et ne veult querir a mengier
iusques il soit saoule Car pourquoy vient
on en oroison ou contemplacion se non pour
estre saoulez des biens dieu Tieulx faillet
ence quilz cuident quant ilz se dorment a
oroison et y sont la longuement sans deuo
cion Receuoir quilz perdent leurs tempe
Et ie respons que silz seffozcent de faire
leur deuoir et quilz soient en bataille contre
les pensees en desplaisir tyrant quelle ne
se part tant et liu sueffrent auoir paro telz
sorz ont plus grant merite que ilz nauroient
souuent se leur deuocion soudamement leur
venoit pource quilz sevient dieu a leure
ouistz et despens et a plus grief peine
Dun est que qui veult faire alexemple
de la personne deuant sellee il fault
quelle ait moult grant espace de tempe

ſans eſtre chargee dautres occupacions pour
elle ou pour autruy et quelle ſe contraigne
a demourer en vn lieu tout temps quelcon
que deuocion ou non quil lui doye auenir
et que toutesfoiz face ſon deuoir en lacouſtu
mer et quant elle ſe ſentira plaine denuy
elle dira a ſoy que encores attende demie
heure ou vne heure en faiſant ſa penitẽce
et attendant laumoſne de grace puis ceſte
heure paſſee ſe puet encores eſmouuoir
a y eſtre vne autre et ſouuent en vne demie
heure derremere elle prouffitera plus en
contemplacion que tout le temps par auat
et que ne fera vn autre en .x. iourz voire en
vn moys et ſe par auanture en ſon departe
ment elle treuue quelle eſt eſtourdie ſans
trouuer le fruit de deuocion lors ſe doit
humblement proſterner deuant en confeſ
ſant quelle neſt mie digne et que plus
a deſſerui tribulacions batures et meſchiefz
que telles conſolacions et dire ſus voz
conſolacions ſoient a vous et a moy confu
ſion comme iuſtice eſt ſe de vie miſericorde
ne vient par amys damiens dieu et fera
ſacrifice a liu de ſa diue penſee et dieu
ne oublieta mie quant vendra le point
et leure et certes la perſonne ne doit mie
deſirer trop telles conſolacions en ſermees
et en deuocion pour ſon plaiſir mais tant
ſeulement affin que par ce elle en ayme
mieulx dieu et plus ardamment et plus
diligemment et plus plaiſamment ſeruir

alur Signes dncques Il plaist mieulx adieu q
wur lors on le serue sans auoir telles consolacions
Sien nous dit aussi plaine et deuons dire Sire
tout puissant Sien me souffit que vous me
tendez en paradis mon loyer z ma remuneracon
sans me baillier riens ayme tant seulement Je
vous supplie que vous ne sorez courroucez a moy
Mais que se sore en vie mace et que de toute
autre chose vre voulente sont faicte Et qui a eu
deuocion sont diligent de regracier dieu de tout
son cuer enlin priant quil lui accroisse et con
ferme ce quil a plante alin sans quil lui dne
telle chose pur son loyer ¶ Dne ymagmacon dne mota

Selon la similitude de la montaigne par
auant mise pourroit estre prise dne
ymagmacion conuenable pur soy esleuer en
contemplacion comme se conuoitoie la persone
qui la faut autressoz et ne serur que la touche
tres briefment ymagmons dne tirant mer tres
perilleuse Ou vont et biement diuerses mares
de tens et diuerses nese pur tendre sauablem
a bin port et comme la plus grant de ses nese
perist en mante guise pur les grans perils et
tempestes qui sont au riuage de ceste mer pesleu
Dne roche moult haulte oual a senuie qui rest
de la quelle Il puet tout bien ce qui se sau
en ceste grant mer sans son peril en ceste roche
sont trois estages ou tabernacles lun en bas
lautre au moyen et lautre au bout Ou pre
miez ymagmons que soy y soit logee Au second
esperance ou tiers charite Quant la persone
est au premez estage ou bas soy lui demonstre

37

les horribles perilz de la mer quant lame pourroit
la personne compter grant paour la voie les iuge
mens de dieu merueilleux encontre les pechiens
desmeuly il trebuche ou gouffre de ceste mer
en perdimable dampnacion sans remede Et ci
puet la deuote personne en certaine foy mettre
au deuant tout ce qui faut a engendrer en soy
saincte paour z doubtance des iugemens sceez de
de dieu Comme est la fragilite et la muablete et
briefte de vie mortelle incertaincte de la mort
horreur de dampnacion la multitude de ceulx qui se
dampnent ses propres pechez et deffaulx du
temps passe et de chascun iour Comment aussi
ihesucrist et tous les saints ont eu affliction et
tribulacion Si doit estre certaine quilz en
auront plus les mauuais et dampnez et pource
en quelconque estat que la personne soit ou home
ou mauuaise elle se doit actendre auoir tribula
cion tost ou tart soit second estaige ou tabernacle
ou maison demeure ou esperance qui bulle sien
ce ala personne Affin que par trop grant paour
elle ne desespere et se perde Et si doit considerer
tout ce qui faut a auoir home esperance de la
bonte de dieu Car ainsi le commande il a faire
Et mectons ci audeuant la misericorde des saints
des sainctes et des biens que dieu nous a fais
et fait faire nos merites et en especial la grant
dilinacion et misericorde de la passion ihucrist
et la grace que dieu a faicte soudainement
aux pechiens soy repentans autrement
son cuer lame deuote et de lui tabernacle A sau
uer se deporteza pour meesser paour z humilite

Jusques comme esperance car lame sans lautre ne souf
fit mie ¶ Ou tiers estage ou demeure charite
considere la lame denote la grandeur de son peuuz
et comment il faut a amer a prisier et a louer
comment il gouuerne tout et soustient tout ce
quil a cree de neant pour sa pure bonte Et par
amer de telles nobles condicions sans nombre de
gloire quil baille a ses amis Saint augustin
enseignoit a cougnoistre dieu par soy esleuer
en sa pensee sur la terre sur le ciel sur son ame
et sur toutes choses crees Et lors en vn mouue
ment et soubdain trespassement des mues lame
atainct que cest dieu et tantost le cognoit Mais
sor ne vous conuient mie estre trop curieux ne
trop y auresier Souffise vous que vous cou
gnoissiez dieu en paradis et quant au monde
dont souffre que vous crees de lui et que vous
cougnoissiez que cest vre createur et redempteur
et amer de celles que nre sor vous enseigne
sans ce que vous vueillez sauoir quelle chose
cest en sa nature par vision cleue Dequoy se
vous baille vn enseignement tel que dorme
Saint denis Toutesfois quen vre contempla
cion est pensee saincte a dieu et vous scauez quelle
chose cest que vous veez et vous semble que
cest vne chose en quelconque maniere peuuz
auo choses ca sus Tenez de certain que vo
ne veez mie dieu par cleue vision et pareil
lement dy je des angles Car dieu nest
point tyant corporellement ne blanc ne rouge
ne cler ne coulouure aussi ne sont les angles
Vray est que on y cougnoist et sent on bien

par autre maniere qui ne se puet esprouver ou parler
fors que ceulx qui le coutmoissent et sentent et
sauent ceulx qui coutmoissent en sentent une
doulceur une plenitude une sauour une sauour
une melodie et tieulx sentemens que nous ne
pouons raconter comme par semblable auenture
nous sentons bien amour ou foy e qui ne sont
mie choses corporelles grandes ne gresles blan
ches ou norzes Et ne pourroient sanz entendre
quelles choses ce sont qui onc nes riens nen sceu
rent se ne dy mie quon ne peust bien concheuoir
quelle chose cest dieu en nature humaine Car
il a corps et est fourme comme un autre homme
Mais je parle de dieu en son essence diuine.

Quant lame deuote sceut bien vsagee de
demourer en ceste roche z montaigne par sote
meditacion et pensee elle y retourneroit tousiors
plus de legier a soy esleuer prestement a
amour soy esperance et charite et autres belles
contemplacions sans nombre quelle y trouueroit
Et luy seroit comme son port et son riuage con
tre tous les meschiefs de laigu sanz mer et du
present monde De trois maneres dauoir

En mille maneres selon ce quil
gnie fay par auant dit se puet chas
gier et auoir contemplacion Si passe atant
pour le present en laissant chun selon son
sens et la grace que dieu lui donnera sans
retraindre une chose si lasyue et si plantureuse
come infime en telle brieffte de petites yma
gynacions Mais en la fin disons encores que
la grace de dieu puet estre presentee a lame

en trois maneres Et nespecial lune manere est par
iustification sans ce quelle se face sentir Mais vent
lame agreable adieu Lautre manere est par sente
ment et consolacion comme elle est aceulx qui en
leurs contemplacions reçoivent et apparcoivent diu
ses manieres de consolacions et forces espirituelles
Autressoiz se leur sera advis que ilz fondent
tous en une douleur et que tout ce que ilz voyent
regardent ou pensent soit plain de ceste douleur
Autressoiz reçoivent une merueilleuse seurte
plaine dumilite par laquelle ilz se desplaisent
a merueille et prendront leur seule plaisance en
dieu Car toutesfoiz que la personne se plaist et
sesiouist en soy et de soy soit certaine quelle na
me vraye humilite et ne sont mes consola
cions quelle a de dieu Car vraye humilite qui
tousiours est auecques les visitacions bonnes et
diuines faut cougnoistre au vif les defaulx par
lesquelx la personne se desplaist et est bille
et abhominable a soy mesmes et neant moins
a plaisance treserande mais Cest en la grace
imperiorde et sonte diuine Lautressoiz lame
sentira vn esbaudissement de soncuez et de son
entendement et emprendra en soy plus que
le monde et iugera dieu si excellent et infime
mateste que apeu tout le demourant lui sem
blera neant fors entant que dieu y est coujoint
Autressoiz se sentira comme en vne esse espri
tuelle qui le encommancera sesiouissant sobrement
en louanges espirituelles et en souffrir same
deuote Et ne pourra se comprendre dedans
soy quil ne saille quelle monstre par dehors ce

quelle sent et lui samblera auemesson que tout sor
plain de glorze et louange de dieu - La tierce maniere
dunon grace est par vnion Comme eust sainct pol et
les excellens contemplatifs Mais de ceste maniere
ne suis je mie digne den ouurir la bouche. Je la
lausse aux plus grans.

Explicit

Cy fine le liure de la montaigne de contemplacion